



MARIA CARLOTA ROSA

## UM BRASILEIRO, UM ANGOLANO E UMA GRAMÁTICA DO QUIMBUNDO

Os “Elementos gramaticais da língua nbundu”

Edição do exemplar da Biblioteca Nacional,  
Rio de Janeiro



MARIA CARLOTA ROSA

**UM BRASILEIRO, UM ANGOLANO  
E UMA GRAMÁTICA DO QUIBUNDO**

OS “ELEMENTOS GRAMATICAIIS DA LÍNGUA NBUNDU”

EDIÇÃO DO EXEMPLAR DA BIBLIOTECA NACIONAL,  
RIO DE JANEIRO

COLEÇÃO LINGUÍSTICA 18



CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS  
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

VILA REAL • MMXX

**Título:** *Um brasileiro, um angolano e uma gramática do quimbundo:  
Os “Elementos gramaticais da língua nbundu”  
Edição do exemplar da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro*

**Coleção:** LINGUÍSTICA 18

**Autora:** Maria Carlota Rosa

**Edição:** Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
Vila Real, Portugal

**ISBN:** 978-989-704-412-0

**e-ISBN:** 978-989-704-413-7

**Publicação:** setembro de 2020

# Índice

Prefácio .....	5
----------------	---

## ***Sobre a obra***

---

1. Na Biblioteca Nacional um exemplar raro .....	9
2. Os autores.....	15
2.1. Saturnino de Sousa e Oliveira .....	16
2.2. Manuel Alves de Castro Francina .....	23
3. O plano inicial dos <i>Elementos</i> .....	25
4. O quimbundo segundo Sousa e Oliveira & Francina .....	29
5. Sobre a edição .....	35
Referências .....	37

## ***A edição***

---

Elementos Grammaticaes da lingua Nbandu .....	45
Grammatica da lingua Nbandu ou Ngolense.....	61
Notas à edição .....	135



## Prefácio

Em 1858, Saturnino de Sousa e Oliveira, um brasileiro nascido em Coimbra, assumia o posto de Cônsul-Geral do Brasil em Angola. Seria exonerado cerca de dois anos mais tarde, envolvido em acontecimentos trágicos. Não retornaria ao Brasil, permanecendo em Angola, onde constituiria família, escreveria um dicionário quimbundo-português, uma gramática do quimbundo e fundaria um liceu.

A gramática teve a parceria de Manuel Alves de Castro Francina, angolano educado no Brasil, e se propunha inicialmente a fazer correções à gramática do capuchino italiano Bernardo Maria de Cannecattim.

Apresenta-se aqui a edição do exemplar da gramática de Sousa e Oliveira & Francina na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, na divisão de Obras Raras. O estudo que antecede a edição amplia as partes dedicadas a essa obra em trabalho anterior (Rosa, 2019).

Seguimos aqui a *Convenção para a grafia dos nomes tribais*, mas – cabe notar – *nomes tribais* são *etnônimos*. Assim, escrevemos *Mbundu*, um etnônimo. Por outro lado, grafamos os glossônimos e adjetivos relacionados com a forma e a flexão portuguesa: *quimbundo*, não *Kimbundu*, língua *banta*, não *banto* ...

O tempo na biblioteca é solitário, em silêncio e “*faz nossos relógios caminharem lentos*”, como assinalava Alceu Valença na

conhecida canção da década de 1980. Essa solidão é momentânea, porém, porque sempre teremos a quem agradecer algum tipo de apoio recebido. Assim, registro meus agradecimentos à bibliotecária Daniele de Almeida Simas (Fundação Biblioteca Nacional, Brasil) pela acolhida nas Obras Raras da Biblioteca Nacional. Da Prof. Darcília Simões (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil) veio o incentivo à publicação deste trabalho, engavetado fazia algum tempo. O Prof. Gonçalo Fernandes (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal) tornou possível a publicação de um manuscrito cuja formatação parecia um obstáculo intransponível.

As palavras de incentivo que recebi foram muito importantes nesse processo, e registro meu agradecimento a todos que o fizeram em mensagens de e-mail, mais tocantes ainda porque recebidas em tempos de quarentena no mundo: Cristina Altman e Olga Coelho (Universidade de São Paulo, Brasil), Ronaldo Batista (Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil), Jorge Prata (Universidade Salgado de Oliveira, Brasil) e do próprio Gonçalo Fernandes – membros convidados do Laboratório de Historiografia da Linguística da UFRJ –, Margarida Petter (Universidade de São Paulo, Brasil) e Klaus Zimmermann (Universidade de Bremen, Alemanha).

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2020

*Maria Carlota Rosa*

## **Sobre a obra**





## 1. Na Biblioteca Nacional um exemplar raro

Os *Elementos grammaticaes da lingua nbundu* é uma gramática do quimbundo, língua africana falada em Angola. Trabalhamos aqui sobre o exemplar na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro (BNRJ), na divisão de Obras Raras, que tem a cota OR 97, 3, 26.

No formato de biblioteca, a obra é um 8º, um pequeno volume de 22cm x 14 cm, em 71 páginas, mais uma página não numerada, que seria a 73ª, para *Erratas*. O exemplar da BNRJ está em bom estado. A obra não tem índices nem ilustrações. A impressão tem tinta um pouco clara, o que dificulta a leitura em algumas páginas.

Da página [iii] até a página v está o *Prologo*. Na página [vii] tem início uma introdução, *Breves considerações sobre a lingua nbundu*, que se estende até a página xv. A gramática tem início na p. 3 e termina na p. 49. Tem início na p. 51 a *Segunda Parte da Grammatica*, ou *Dialogos compostos de phrases uzadas e escolhidas pelas especialidades das contracções e idiotismos proprios do idioma nbundu dos quaes se póde achar, nas respectivas esplicações, a applicação geral tanto para a locução como para a escripta*.

A obra foi publicada em Luanda em 1864 pela Imprensa do Governo. Estranhamos inicialmente a publicação por um órgão oficial. Afora obras como o *Boletim do Governo Geral da Provincia de Angola*, que

começou a ser impresso em 1845 e o *Almanak statistico da Provincia d'Angola e suas dependencias* (1851), cuja publicação por esse órgão não causaria estranheza, encontramos registro de apenas poucas obras, a saber: *Memória sobre a abolição da escravidão nas colónias portuguesas e organização do trabalho agrícola*, de Carlos Pacheco de Bettencourt (1867) e ainda *Os escravos: duas palavras sobre a memoria publicada pelo Sr. Juiz Carlos Pacheco de Bettencourt ácerca da abolição da escravidão* (1867), *Angola: resumida historia do governo do Conselheiro Francisco Antonio Gonçalves Cardoso* (1871) e *A guerra dos dembos* (1872), estas três de Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão (1837-1902), que foi Secretário-Geral de Angola.

Com base nos resultados que conseguimos (não obstante a busca não ser exaustiva), nossa primeira conjectura quanto à casa impressora relacionava a publicação por esse órgão ao fato de Francina ser um funcionário relativamente bem posicionado na estrutura administrativa colonial angolense – a ponto de ter tido acesso ao Príncipe Luiz de Portugal quando de sua passagem por Angola. Mas levantamos uma outra possibilidade, relacionada às dificuldades para se publicar qualquer coisa então em Angola.

A primeira prensa começara a funcionar em Angola em setembro de 1845, com a publicação do *Boletim Official* anteriormente mencionado. A partir da década de 1850 surgem jornais impressos de forma independente dessa tipografia do governo, mas sua duração é sempre muito breve (Hohlfeldt & Carvalho, 2012). Daí a pergunta: haveria alguma

outra tipografia funcionando de fato, à época, em Luanda? E se houvesse, os autores teriam de pagar previamente pelos volumes? E para que tamanho de tiragem? Não temos respostas, mas juntamos estes dois pontos por conta da raridade dos exemplares atualmente conhecidos.

Até mesmo na Angola oitocentista os *Elementos* era uma obra rara (ou *raríssima*, como alguém anotou num exemplar): cerca de 20 anos apenas após a publicação da obra, o africanista suíço Héli Chatelain (1859-1908), que passara grande parte da vida em Angola, parecia duvidar de que a publicação tivesse existido; sua informação sobre a autoria e título não eram exatas:

No anno de 1864 foi publicado um trabalho grammatical por Francina sob o título: “Elementos grammaticaes da lingua bunda”. Infelizmente este livro abortou [...], pois, apesar dos nossos esforços, nunca nos foi possível obter ou mesmo ver um único exemplar.  
(Chatelain: 1888-1889: xvii-xviii)

Fora da África, o acesso parecia impossível. O também africanista Robert Cust (1821-1909) registraria os esforços para obter um exemplar da obra, mas em vão:

I have tried in vain through my friend Vasconcellos d’Abreu of Lisbon to get a copy of a Grammar said to have been published at Loanda in 1864 by Souza and Alvez, the existence of which was certified to me in a letter from Schuchardt of Gratz.  
(Cust, 1883: II, 394)

Não sabemos o tamanho da tiragem daquela que parece ter sido a única edição<sup>1</sup>, mas poucos exemplares são agora conhecidos. Encontramos o registro de apenas seis exemplares, distribuídos pelas

---

<sup>1</sup> Blake (1883-1902: vii, 199) faz menção a uma edição de 1868, da qual não encontramos outra notícia.

seguintes bibliotecas: Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, Brasil), Biblioteca Nacional de Portugal; Library of Congress (Washington, EUA); Northwestern University Libraries (Evanston, EUA); British Library (Londres, Reino Unido); Staatsbibliothek (Berlim, Alemanha).

Nos dias atuais a dificuldade de acesso à obra foi amenizada pela recente possibilidade de consulta *online* ao exemplar digitalizado pertencente à Northwestern University, EUA. Esse exemplar tem, no entanto, menos páginas que o exemplar na BNRJ: termina na página 66, sem apresentar, portanto, o conjunto de exercícios não comentados, os adágios e a errata. Por outro lado, esse exemplar digitalizado tem impressas em letra cursiva antes do rosto: (a) uma dedicatória (“*A Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Luiz I.*”) seguida, duas páginas à frente, por (b) uma carta dos autores ao rei de Portugal, cujo conteúdo reproduzimos a seguir<sup>2</sup>:

Senhor.

Quando Vossa Magestade honrou esta provincia com a Sua Augusta Presença/ Dignou-se permittir que Lhe fosse de-/dicado este trabalho ainda incompleto então./ Cumprimos agora este dever que, sendo-o já pela permissão que havia-/mos obtido do Principe Real, maior/ ainda se torna agora, porque todos os/ trabalhos e estudos relativos á provincia/ d’Angola, não podem deixar de ser de-//positados, como expressão da mais respeitosa/ gratidão, aos pés do Throno em que Se As-/senta o primeiro dos Augustos Reis de Por-/tugal que Se Dignou Fazer a esta provincia/ a Real Visita que marcou o principio/ de nova era nos annaes da sua histo-/ria de fidelidade e de dedicação á Mo-/narchia Portugueza. / Digne-se, pois, Vossa Magestade Ac-/ceitar este pequeno testemunho do mais pro-//fundo respeito dos que tem a honra de ser / De VOSSA

---

<sup>2</sup> A barra oblíqua simples indica a quebra de linha no original; a barra dupla, a mudança de página.

MAGESTADE/ O mais humilde subdito, e/ o mais submisso  
respeitador/ Manuel Alves de Castro Francina./ Dr. Saturnino de  
Sousa e Oliveira./ Loanda, 1 de Maio de 1864.

Notamos ainda uma pequena diferença entre esses dois  
exemplares: um erro na numeração de uma página no exemplar da BNRJ,  
mas não no exemplar digitalizado da Northwestern University.



## 2. Os autores

A obra tem dois autores: Saturnino de Sousa e Oliveira em coautoria com Manuel Alves de Castro Francina. Os nomes dos autores aparecem com alguma variação em materiais que encontramos.

Começemos por Saturnino. Como grafar um dos sobrenomes do primeiro autor? *Souza*, como no rosto dos *Elementos* e da tese, ou *Sousa*? Decidimos pela forma com <s> porque essa é a forma que o nome assume mais vezes, a saber: (a) ao longo dos vários anos em que ele colabora ou é mencionado em *O Philantropo*; (b) no rosto e no prólogo do *Diccionario*; e (c) na carta ao rei de Portugal aqui anteriormente transcrita. Quanto ao nome completo, apenas o rosto da tese registra *Saturnino de Souza e Oliveira Junior*.

Também o nome do segundo autor parece ter variado. Numa página do *Facebook* intitulada *A Literatura Angolana* encontra-se a informação que teria sido colhida no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, em número a que não tivemos acesso: "*Manoel Alves de Castro, filho de Manoel do Nascimento e Oliveira, declara que, tendo um Primo com o mesmo nome, passa d'ora em diante a assignar-se Manoel Alves de Castro Francina. - Loanda, 17 de Junho de 1847*"<sup>3</sup>. A

---

<sup>3</sup> A página <https://www.facebook.com/literangola/posts/em-1865-o-boletim-oficial-do-governo-geral-da-prov%C3%ADncia-de-angola-anuncia-que-sa/1270077206439733/> está datada de 2 de abril de 2017.



informação também estaria presente em *Vinte anos decisivos da vida de uma cidade (1845-1864)*, de José de Almeida Santos, a que também não tivemos acesso.

Em Marzano (2014: 113) encontramos a informação de que José de Moraes Junior, “*nascido no Brasil e residente em Luanda*”, seria coautor dos *Elementos* e teria tido “*colaboração decisiva*” na obra. Em Azevedo (2015: 84), Moraes Jr. não é apontado como coautor, mas se ressalta a importância de sua colaboração. Seu nome não está na obra, nem encontramos qualquer outra menção a José de Moraes Junior em relação a essa publicação.

## 2.1. Saturnino de Sousa e Oliveira

Embora brasileiro, Saturnino de Sousa e Oliveira (1824-1871)<sup>4</sup> nasceu em Coimbra. Entre 1821 e 1825 (Silva, 2015: 45) seu pai, também Saturnino de Sousa e Oliveira<sup>5</sup> (1803-1848), morava nessa cidade de Portugal, onde cursava Direito (Blake, 1883-1902: vii, 199), assim como o tio Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (1800-1855).

O futuro autor gramatical pertenceu a uma família politicamente poderosa no Brasil. O tio Aureliano foi dono do jornal *A Verdade*, publicado no Rio de Janeiro entre 1832 e 1834, com o qual o pai também

---

<sup>4</sup> Quanto ao período em que viveu: parte dos catálogos que consultamos erram as datas de nascimento e morte, apontando o período 1803-1848, confundindo este autor com o pai homônimo. O catálogo da Northwestern University põe em dúvida o ano de morte, “*1870 or 71*”. Encontramos a data do falecimento, 1 de julho de 1871, em Santos (1998).

<sup>5</sup> Também o nome do pai sofre variação, incluindo ou não *Coutinho* como último sobrenome.

colaborou. Aureliano seria Visconde de Sepetiba, senador, membro do Conselho do Imperador, ministro da Justiça no Governo da Regência, ministro (interino) dos Negócios Estrangeiros (Castro, 2009: 55) e presidente da Província do Rio de Janeiro. Segundo Bentivoglio (2010), a partir de 1834 e até meados de 1848, Aureliano se tornou “*um dos homens mais importantes e influentes dentro do Palácio de São Cristóvão após seu triunfo sobre José Bonifácio (1763-1838)*”.

O Saturnino-pai também viria a ter um jornal, *O Sentinela da Verdade*, que circulou no Rio de Janeiro entre 1835 e 1838 (Bentivoglio, 2010) e galgaria várias posições na vida política: inspetor da Alfândega da Corte, deputado pelo Rio de Janeiro em três legislaturas, presidente da província do Rio Grande do Sul, membro do Conselho Imperial, ministro (interino) da Fazenda, ministro da Justiça (Castro, 2009: 81) e também ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Eleito senador pelo Rio de Janeiro, morreu antes de tomar posse (Silva, 2015: 45).

Ambos, Aureliano e o irmão Saturnino, entrariam para a história da diplomacia brasileira porque ambos produziram os dois primeiros regimentos consulares do Brasil na passagem que cada um teve pela pasta de Negócios Estrangeiros (Costa, 2009).

Quanto ao Saturnino que aqui nos interessa mais diretamente, aos 23 anos, em 13 de dezembro de 1847, defendia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro uma pequena tese – 13 páginas – *Algumas reflexões sobre a séde das molestias*<sup>6</sup>, que dedicou ao pai. Já era então,

---

<sup>6</sup> A tese está disponível online, na *Biblioteca Virtual em Saúde – História e Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde*.

segundo o rosto da tese, "*Dr. em Medicina pela mesma Faculdade, Cirurgião Ajudante do 1º Batalhão de Fuzileiros, Socio da Academia Philomatica do Rio de Janeiro, e da Imperial Sociedade Amante da Instrucção*".

Em 1851 Sousa e Oliveira tornava-se um dos redatores do periódico carioca *O Philantropo*, "*Orgão da Sociedade contra o Trafico de Africanos, e Promotora da Colonisação, E Civilisação dos Indios*", que circulou entre 1849 e 1852. O novo redator era anunciado na edição nº 105, de 25 de abril de 1851. Aos 27 anos, as credenciais do pai, falecido cerca de três anos antes, ainda apresentavam o filho. Assim, ele é o "*Ilmo. Sr. Dr Saturnino de Sousa e Oliveira, joven medico, filho do falecido senador Saturnino*".

As páginas d'*O Philantropo* seriam o veículo da longa "*Memoria sobre os meios de abolir a escravidão no Imperio do Brasil*", publicada em partes sucessivas do nº 102 ao nº 106. Os números 102 e 103 formavam o Cap. 1º; os demais, o Cap. 2º.

Na edição de 14 de março de 1851, nº 102, Sousa e Oliveira expunha a tese de que "*a lei natural é contraria á escravidão*", uma vez que todos os homens são livres<sup>7</sup>. Guizelin (2016a) ressalta a ligação que o autor traça nessa primeira parte entre a chegada de navios negreiros e as constantes epidemias nas cidades em que tais navios aportavam. "*Desde que os negros são importados em nossas praias, as molestias, das quaes*

---

<sup>7</sup> A Biblioteca Nacional não tem o nº 103, que parece ter completado o Cap. 1º.

*elles a bordo foram victimas, se desenvolvem entre nós quasi sempre epidemicamente”,* afirmava Sousa e Oliveira.

Cabe notar que o tráfico negreiro era ilegal no Brasil desde 1831, o que deixara os tumbeiros em condições ainda piores. A epidemia de febre amarela que grassou no Rio de Janeiro em 1850 trouxera para o centro da discussão a abolição do tráfico, agora como a medida profilática por excelência (Chalhoub, 1996).

O final dessa primeira subparte relacionava a convivência doméstica entre escravizados e cidadãos<sup>8</sup> como causa, de um lado, da debilidade da saúde, em razão do “*aleitamento mercenario, e impuro que damos a nossos filhos na sua primeira idade*”; de outro, da frouxidão moral:

Estes [nossos filhos – MCR] se familiarisam com os costumes brutaes, com a linguagem viciada, e com a immoralidade dos escravos, a cujos cuidados os entregamos. O exemplo diario dos castigos dados aos escravos (principalmente nas fazendas) destrõe os sentimentos de humanidade nos corações jovens. O cruzamento das raças ... oh! limitar-me-hei a dizer, que é um mal horrivel.

O segundo capítulo da *Memoria*, uma proposta de extinção da escravidão no Brasil, sai subdividido em três edições d’*O Philantropo*: 28 de março de 1851 (nº 104), em 25 de abril de 1851 (nº 105), e em 9 de maio de 1851 (nº 106), sendo apresentada nesta parte final uma proposta de projeto de lei. O segundo capítulo da *Memoria* nos deixa com a sensação de que o objetivo final era uma política de branqueamento:

Quem meditar por um momento nos inconvenientes, que nos

---

<sup>8</sup> A *Constituição Política do Império do Brasil*, de 1824 definiu *cidadão* no artigo 6º, excluindo os escravizados dessa condição.

causam os escravos, quem medir em uma carta geographica a extenção do territorio brasileiro, e indagar o numero de sua população, não deixará de crer na necessidade, que ha, de colonisar no Brasil; e, se tiver em seu coração algum sentimento de amor a sua patria, desejará ardentemente que se promova, e proteja a colonisação. Certamente ninguem quererá, que se colonisem negros. Desejal-o seria deretar [sic] ao Brasil a mesma sorte da Ilha de S. Domingos. (nº 104, p. 3)

Seja como for, Saturnino seria nomeado Cônsul-Geral do Brasil em Angola. Para Guizelin (2016b), a posição antiescravista de Saturnino concorrera prioritariamente para isso, mas talvez não se possa descartar o peso do sobrenome de uma família cujo papel na organização consular brasileira ainda é lembrado.

A chegada a Luanda se deu em fins de janeiro de 1858, iniciados os trabalhos consulares<sup>9</sup> em 5 de fevereiro seguinte (Ferreira, 2015: 145). Entre 1858 e 1860,

período em que esteve à frente do Consulado-Geral do Brasil em Angola, Saturnino desenvolveu um verdadeiro serviço de inteligência e espionagem, juntamente com as autoridades colônias [sic] portuguesas e com o agente consular britânico em Luanda, sobre as atividades dos traficantes atuantes na costa atlântica da África.  
(Guizelin, 2016a: 13)

Seria exonerado do posto em novembro de 1860 (Guizelin, 2016b: 253), em consequência de seu envolvimento nos eventos relacionados à sucessão do trono do Congo que levaram ao assassinato

---

<sup>9</sup> Por exemplo, no *Boletim Oficial*, documento de 1858 (ANGOLA, PROVÍNCIA DE. 1864: 7, item 99) e no *Almanaque Laemmert* (1859: 185).

brutal<sup>10</sup> de Nicolau de Água Rosada e Sardônia, príncipe do Congo (Wheeler, 1968; Ferreira, 2015: 194; Guizelin, 2016b)<sup>11</sup>.

Saturnino permaneceria em Angola e não retornaria ao Brasil. Fora do Consulado-Geral, função que exigia dedicação exclusiva (Guizelin, 2016a: 9), Sousa e Oliveira “*exerceu a clínica [...] comerciando ao mesmo tempo em vinhos na Africa e adquirindo com isto não pequena fortuna*” (Blake, 1883-1902: vii, 199; Ferreira, 2015:194). Casa-se com uma mulher Mbundu (Moreno, 2014: 29; 58n110) e tem um filho, Carlos Saturnino de Sousa e Oliveira, que seria um dos autores do livro *Voz d’Angola clamando no deserto* (Moreno, 2014: 29).

A formação médica permitiria a Saturnino publicar, em 1867, o *Relatório histórico da epidemia de varíola que grassou em Luanda em 1864* e ser nomeado, em 1868, para delegado da Junta de Saúde, em Cambambe (Santos, 1998: 213).

A obra linguística tem publicação posterior à atividade consular. Os *Elementos* estão prontos em janeiro de 1864. Data de setembro do mesmo ano de 1864 o *Diccionario da lingua nbundu ou ngolense, tomo 1*,

---

<sup>10</sup> Todas as versões do crime narradas em Wheeler (1968) descrevem um linchamento. As diferenças ficam por conta de detalhes relativos a decapitação ou esquartejamento.

<sup>11</sup> Wheeler (1968: 51): “*Some vague plan involving relations between Brazil and the "free state" of Kongo with Nicolas as king was apparently behind the Brazilian Consul's involvement with Nicolas. In a letter of February 28, 1860, the Brazilian Consul revealed the outlines of such a plan and explained, at least in part, his relations with Nicolas. Sousa e Oliveira stated that Prince Nicolas as a civil servant in a low position ("Escrivao Interino da Delegação da Junta da Fazenda") in Ambriz was now dissatisfied with his role and wanted to continue his education. Nicolas lacked the means to continue his studies but felt that as a government employee he was "without honors or distinctions." He had decided, therefore, to leave Angola and study at Rio de Janeiro under Brazilian sponsorship. In the future, Nicolas planned for a close "alliance" between Brazil and the Kongo Kingdom, the nature of which would be commercial: wax, ivory, gums, and oils to be traded for Brazilian rum, sugar, glass, and textiles*”

*Nbundu para portuguez*, (Luanda: Imprensa do Governo, 1864). Uma etiqueta da *Drogaria Rosa e Cª*, em Ambriz, colada no rosto do exemplar da Library of Congress (EUA) informa, em letra manuscrita, que as poucas páginas que se seguem foram as únicas publicadas: além do rosto, três páginas que constituem o *Prologo*, não numeradas, e as páginas [7], 8, e de 41 a 52. A informação na etiqueta repete-se no *Ensaio de Diccionario* de Cordeiro da Matta (1893:xi), que afirma que o *Diccionario* “*é pouco conhecido e d’elle apenas se vê em Loanda algumas folhas (da letra A a Cuban, de Ma a Nden e de Zam a Cuzucu) nas mãos do sr. dr. Alfredo Troni*”.

Sousa e Oliveira declara no *Diccionario* que grande parte dos termos que coligiu foram copiados de um glossário manuscrito do já então falecido angolense João Vieira Carneiro e que somara a esse material o vocabulário que ele próprio reunira desde sua chegada a Angola para seu uso. O planejamento para publicação parece ter surgido em paralelo ao da gramática, porque Sousa e Oliveira declara no prólogo do *Diccionario* que “*apresentando a grammatica d’uma lingua quasi desconhecida fóra do continente africano, muito sensivel se tornaria a falta desta publicação, e por isso me tinha, ha muito tempo, resolvido ajuntar o diccionario á grammatica*”. Some-se a isso que nos *Elementos* se dá conta de decisões no *Diccionario* sobre a ortografia empregada (EG,xi)<sup>12</sup>.

Numa Angola que veria suas primeiras escolas secundárias

---

<sup>12</sup> Doravante faremos a referência aos *Elementos Grammaticaes* abreviadamente, por EG.

públicas surgirem quase ao findar da segunda década do século XX, Sousa e Oliveira fundaria, em 1869, uma escola secundária privada, o Liceu Angolense, uma das raras iniciativas de ensino secundário em Angola à época, cujas atividades parece terem-se encerrado com a morte do fundador em 1871 (Ribeiro, 2012: 31; Moreno, 2014: 65) ou sobrevivido a isso, mas como outra instituição (Santos, 1998: 213).

## 2.2. Manuel Alves de Castro Francina

O segundo autor dos *Elementos*, Manuel Alves de Castro Francina (fl. séc. XIX) era angolano, caracterizado como *filho do país* (Vilas Bôas, 2018: 94n246; Barbeitos, 2005: 140), isto é, um dos “*nascidos em Angola que apresentavam uma combinação de traços das culturas africana e europeia*” (Moreno, 2014:15). Teria sido educado no Brasil<sup>13</sup>. Seu pai teria sido chefe do distrito de Mbaka (Vilas Boas, 2014: 69).

Em 8 de dezembro de 1854 Francina está presente ao *Auto de reconhecimento de preito e vassalagem* a D. Pedro V de Portugal que Capita Munipolo, rei de Molembo, solicitava ao Governador Geral da Província de Angola através de seus embaixadores, assinando o documento como Oficial Menor da Secretaria do Governo (PORTUGAL, *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Oficial*, 1867: I, 149-150)<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Azevedo (2015: 84): “*Datam desta conjuntura inúmeras iniciativas com vistas a tornar inteligível a língua ambunda, como a publicação, em 1864, de uma gramática intitulada Elementos gramaticais da língua mbundu, formulada pelo brasileiro Saturnino de Sousa Oliveira e pelo “angolense” educado no Brasil Manuel de Castro Francina, que contaram, ainda, com a importante colaboração de José de Moraes Junior, nascido no Brasil e residente em Luanda*”.

<sup>14</sup> A notícia chega aos jornais no Brasil no início do ano seguinte de 1855. É o caso da edição de 24 de março de 1855 do *Diário de Pernambuco*. Na notícia na p. 2 o nome de Francina não parece importante o suficiente para ser listado entre os que presenciaram o ato.



O *Boletim Official da Provincia d'Angola* (ANGOLA, 1864:102, item 1678; PORTUGAL, *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Oficial*, 1867: I, 658-659) o apresenta como “*oficial ordinário da secretaria do governo geral*” em nomeação datada de 1858 para reger a escola principal de Luanda por impedimento do professor que ocupava a cadeira.

O *Relatório do Governador Geral da Província de Angola Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes referido ao anno de 1861*, apresenta Francina como tenente da 3ª Companhia do Batalhão de Voluntários de Luanda em documento de 8 de agosto de 1861 (Menezes, 1867:128).

Francina é o Oficial Maior interino da Secretaria Geral do Governo que serviu de intérprete na confirmação do *Auto de Submissão que fez o jaga de Cassange, Bumba Dia Quingudi*, em 26 de setembro de 1863 (PORTUGAL, 1869: 254-255; ainda em Carvalho, 1898:238-239; Leite e Vasconcellos, 1864: 116).

Em 20 de fevereiro de 1865 permanecia Oficial Maior da mesma Secretaria (PORTUGAL, *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Oficial*, 1867: II, 4).

---

### 3. O plano inicial dos *Elementos*

A literatura mais antiga denomina de vários modos a língua descrita nos *Elementos Grammaticaes da lingua Nbundu*. No século XVII o jesuíta Pedro Dias (1697) chamou-a *língua de Angola*; a denominação *lingua bunda* é empregada pelo capuchinho Cannecattim (1805), e também por Robert Cust, no prefácio à gramática de Chatelain (1888-1889). Curiosamente nesta mesma obra Chatelain (1888-1889: xi) critica esta última forma, “*por ser quasi um termo obsceno*”. Em seu lugar recomenda *ki-mbundu*, chamando a atenção para o prefixo *ki-* “língua”. *Mbundo*, forma atualmente já dicionarizada nos grandes dicionários de português, é o etnônimo que refere um grande grupo que se estende do nordeste ao centro da atual República de Angola; a língua desse grupo étnico é o *quimbundo* (Njoku, 1997: 10). Sousa e Oliveira & Francina estendem o nome do povo à língua, escolhendo grafar a nasalidade do dígrafo que representa a consoante inicial por <n>.

O livro nasce do estudo de uma gramática famosa, a *Collecção de observações grammicaes sobre a lingua bunda ou angolense*, do italiano Bernardo Maria de Cannecattim, OFM Cap (1749-1834). A obra do capuchinho fora publicada em Lisboa em 1805 pela Impressão Régia e, postumamente, em 1859, também em Lisboa, já então Imprensa

Nacional<sup>15</sup>.

Sousa e Oliveira & Francina não mencionam a segunda edição das *Collecções* de Cannecatim, apenas a de 1805. Informam também que seu trabalho resultava "*de cinco annos de meditação e de analyse da grammatica do Fr. Cannecatim*".

Se inicialmente o plano da obra tinha por propósito fazer "*anotações ou correções*" à obra do frade capuchinho, ele é alterado pela quantidade de modificações que concluem que deveriam fazer: "*E fomos levados assim a um trabalho inteiramente novo*" (EG, iii). Os *Elementos* parecem marcar o início das críticas que o trabalho de Cannecatim passaria a receber:

um frade, missionario italiano, de nome Bernardo Maria Cannecatim, compoz, e publicou em Lisboa, em 1805, uma grammatica da lingua ngolense com o titulo de = *collecção de observações grammaticaes sobre a lingua ambunda* =. Mas este homem, apezar da sua boa vontade e de ser o superior do Hospicio & .&., parece que não tinha habilitações sufficientes para tentar um tal trabalho: e, a julgar-se por alguns erros, dos quaes aqui transcrevemos um, pode-se concluir que elle muito pouco conhecia a grammatica latina. Diz elle na 7a. observação = "Pronome demonstrativo é aquelle que mostra a pessoa ou cousa *que rege a oração*: v.g. eu escrevo a carta: d'onde se infere que o pronome = eu = *é demonstrativo porque mostra a pessoa que escreve*".

Parece tambem que este missionario esteve entre muitas tribus que fallavão idiomas diversos, que elle não distinguiu, por que confundiu na lingua nbundu, ou ngolense, muitos termos das do Congo, Benguéla e outras no dictionario que tambem coordenou. Quanto ao emprego das syllabas euphonicas, ou iniciaes (notavel especialidade das linguas africanas), elle nunca as

---

<sup>15</sup> A BNRJ tem ambas as edições. A de 1805 está nas Obras Raras (OR 097, 03, 25); a de 1859, nas Obras Gerais (OG, II-252,4,34).

percebeu: e, pelo que respeita ao estabelecimento de regras e preceitos especiaes da lingua nbundu, nada fez.

Este mesmo compositor das observações grammaticaes fez um dictionario, no qual, além de se encontrar grande numero de vocabulos que não pertencem á lingua nbundu, mas a varias outras, encheu-o de phrazes e de oraçoes como se fossem vocabulos, o que fez tambem na observação em que tratou dos adverbios. Por estas razões a grammatica e o dictionario do frade Cannecatim nos parecem muito imperfeitos.

(EG, xiv-xv)<sup>16</sup>

Em relação ao próprio trabalho os autores pedem ao leitor que seja indulgente com as falhas, mesma atitude que se encontra no prólogo do *Diccionario*: “*Valha a minha boa vontade para obter a desculpa que peço aos meus leitores pelos erros que encontrarem*”. Como nas antigas gramáticas missionárias de línguas do Novo Mundo, que reconheciam no uso o melhor mestre com a muito repetida fórmula “*usus te plura docebit*”, Sousa e Oliveira & Francina acrescentam uma nota: “*Acreditamos que, alem d’estas excepções, ha ainda muitas outras que a pratica nos fará conhecer, e que indicaremos no diccionario*”. A nota parece natural na pena do estrangeiro Saturnino, mas não na de Francina.

---

<sup>16</sup> As críticas se repetem, em redação semelhante, no *Diccionario*.



#### 4. O quimbundo segundo Sousa e Oliveira & Francina

Quando os *Elementos* são publicados, Franz Bopp (1791-1867) já propusera uma estrutura interna para a *palavra*, com elementos como *raiz* e *afixo*, August Schleicher (1821-1868) já criara o termo *morfologia*, e se discutia o estabelecimento de relações genéticas entre as línguas africanas, no bojo dos resultados obtidos com os estudos históricos e comparativos em relação às línguas indo-europeias.

As línguas africanas, porém, eram, em larga medida, desconhecidas. Sousa e Oliveira & Francina falam das “67 línguas africanas das quaes temos notícias” (EG, iv), número imensamente inferior às 2.140 línguas africanas informadas na edição 2020 do *Ethnologue* (Eberhard, Simons & Fennig, eds, 2020).

Trinta anos depois da publicação dos *Elementos* os estudiosos ainda demonstravam a certeza do imenso desconhecimento, como se vê no comentário de Chatelain a seguir:

[m]any important tribes and languages we do not yet know, and even in the case of the best known tribes the information we possess is rarely of a scientific character. As compared with the past, no doubt, knowledge is progressing with gigantic strides; but every new ray of light only makes us more palpably feel how dense is the darkness which still covers the greater portion of the continent.  
(Chatelain, 1894: 289)

Apesar dessa situação, os autores chamam a atenção para o fato de que “no continente africano desde Sofala, na costa oriental, até o Senegal, na ocidental” as línguas ou dialetos tinham semelhanças: “os preceitos grammaticaes e muitas raizes e vocabulos são os mesmos” (EG, iv). Começava a se ter conhecimento do mapa do grande grupo Bantu.

Esse caminho ainda seria longo, porém, porque o estabelecimento de uma família linguística precisa do conhecimento de cada uma das línguas no grupo.

A ancestralidade do hebraico não era novidade na literatura da época. Para ficar em dois exemplos apenas, Canneccattim (1859: xvii) chamara a atenção para a semelhança entre o quimbundo e o hebraico e, antes dele, o abade Proyard (1776: 172; 183-187) vira semelhanças entre o hebraico, o congo, cacongo e loango. Os *Elementos* não enveredam explicitamente por esse caminho, mas, como Proyard, Sousa e Oliveira & Francina viram semelhanças com raízes gregas.

Tanto nos *Elementos* como no *Diccionario* o malfadado engenheiro brasileiro Francisco Pereira Dutra (1832-1867)<sup>17</sup> é a autoridade tomada para referência na classificação linguística do quimbundo. Dutra mergulhara na gramática comparativa aparentemente usando como método a semelhança encontrada entre listas aleatórias de palavras. Assim, em trabalho publicado no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro

---

<sup>17</sup> Em 1867, Dutra, um dos fundadores do semanário *A Civilização da Africa Portuguesa*, que era uma das vozes em Angola contra a escravidão e o tráfico, seria preso em Luanda e morreria na prisão (Ribeiro, 2012: 35).

dez anos antes dos *Elementos*, em 5 de dezembro de 1854, filiava o tupi ao egípcio:

Tem-se dado o nome de *poly-syntheticas* ás linguas da America, por serem as palavras compostas de muitas syllabas, exprimindo cada uma destas syllabas uma idéa, e a palavra em sua totalidade um juizo, ou uma proposição. Assim, em vez de dizerem – homem – dizião:– animal de postura vertical (*apehaua*); – em vez de dizerem – lago – dizião: – massa d’agua estagnada (*epaua*), – etc., etc. Nós veremos que apezar do caracter poly-synthetico que distingue a lingua tupi, cada parte componente de uma palavra é uma voz egypcia ou copta, umas vezes em toda a sua pureza e outras levemente alteradas. Não errarão aquelles que affirmarão que as linguas americanas são de origem semitica; o estudo do quichua, do tupi ou guarani, e de outros idiomas indigenas, me tem convencido desta verdade.

Segundo Dutra, a origem semítica estaria presente também “*nas linguas do Sudan, e especialmente no Nagô*”. Os *Elementos* fazem referência a Dutra, num texto possivelmente não publicado<sup>18</sup>: “*em um estudo que fez das raizes da lingua ngolense achou muitas identicas ás de termos de linguas dos indigenas do Brazil*”. Esta visão parece ter tido alguma repercussão, uma vez que Cordeiro da Matta (1893) acataria para o quimbundo a proposta de Dutra, repelida com veemência, porém, por Gonçalves Vianna (1896:194).

A busca por semelhanças com outras línguas parece, porém, ter um objetivo mais imediato: o de demonstrar que o quimbundo era uma língua e que, sendo assim, merecia estudo. É possível entender desse modo a comparação com as línguas da Europa e a afirmação de que o quimbundo compartilhava com elas não raízes, mas “*preceitos*”:

---

<sup>18</sup> No *Diccionario*, Sousa e Oliveira refere o “*estudo filosofico*” de Dutra, mas --- ressalta --- se ele “*resolver dar á luz do público os seus scriptos sobre a lingua nbundu*”.



Quem, na America, tem ouvido a linguagem dos escravos, que parece tão aspera aos tympanos acostumados á pronúncia de outros idiomas mais brandos, não pode imaginar que o idioma nbundu, ou ngolense, pronunciado com pureza pelas pessoas civilizadas do paiz, seja mais agradável para ouvir-se do que algumas linguas europeas, como a nós parece agradar mais do que a ingleza, com a qual se assimelha a ngolense em muitos de seus preceitos.

Afora o excurso inicial sobre a semelhança das raízes do quimbundo com as de outras línguas, a constituição interna da palavra não será focalizada nos *Elementos* em termos de raízes, nem de afixos. A tradição greco-latina não tinha elementos de som e significado no interior da palavra, mas letras e sílabas. A arquitetura gramatical dos *Elementos* não difere, por conseguinte, daquela apontada por Cannecattim, em que letras formavam sílabas que formavam palavras que formavam frases, unidades de uma gramática em quatro partes: ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe<sup>19</sup>.

A descrição dos *Elementos* começa pelo *artigo*. Para Sousa e Oliveira & Francina esse elemento “*só serve para dar ideia ou sentido determinativo*”. Os autores levantam a hipótese de ser “*talvez [...] uma viciação do artigo portuguez*”, “*o mesmo da lingua portugueza, admittido pelo uzo, do que proprio da lingua nbundu*”. Mas o quimbundo falado por

---

<sup>19</sup> Cannecattim (1859: 1): “*Postoque a grammatica conste de quatro partes, que são: orthografia, prosodia, etymologia, e syntaxe, comtudo o auctor não se propõe mais do que dar ao publico algumas observações que n’esta mesma lingua tem feito, cingindo-se o mais que lhe é possível áquella mesma ordem que os grammaticos sempre adoptarão, não ficando desobrigados os angolenses de fazerem, como elle mesmo espera, uma mais exacta, e mais completa grammatica, visto haver entre elles sujeitos capazes de similhante empreza*”.

quem? Nos exemplos a seguir (EG, 68), o “artigo o” tem perfeita correspondência com a presença ou não do artigo na frase portuguesa:

Traze o almoço, *Beca o lomoço*  
Dá-me bolacha, *Ngui bane nbulaxa*  
Faz o chá, *Banga o chá*  
Traze a manteiga, *Beca o matêca*

Certamente parece português ao falante de português iniciante no quimbundo, em sentenças com nomes tomados de empréstimo ao português. Mas que dizer de exemplos como *Chama o soba, Hixana soba* (EG, 68)?

Os *Elementos*, como muitas outras obras sobre as línguas bantas (e como Canecattim), identificaram como *artigo definido* o que a tradição bantuísta trata como *aumento* ou *pré-prefixo* (De Blois, 1970).

Souza e Oliveira & Francina atribuíram gênero aos nomes, lançando mão da tradução para o português:

17ª Como até agora nenhum grammatico tem estudado o character d’esta lingua e sendo as terminações dos substantivos muito variadas para por ellas se poder determinar-lhe os generos, (pois que mesmo as dos adjectivos, ainda que poucos, são invariaveis em genero) julgamos conveniente consideral-os com os generos que tem os seus significados na lingua portugueza; ao menos até que estudos mais aturados possam dar o conhecimento dos preceitos grammaticaes a tal respeito. (EG, 4)

Souza e Oliveira & Francina também trouxeram a noção de caso para o nome, embora advertindo que “*Comquanto dos preceitos precedentes se deduza que os nomes, sendo invariaveis em suas terminações, não tem as dissinencias proprias para estabelecer casos em suas declinações*”, completam que “*todavia os admittimos para por elles*

*melhor se compreender a regencia e emprego das preposições*". E assim apresentam a declinação de alguns nomes, como *riála* 'homem':

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Nom. Riala, o homem.</i>	<i>Mala, os homens.</i>
<i>Gen. Ria riala, do homem.</i>	<i>la mala, dos homens.</i>
<i>Dat. Riala, ao homem.</i>	<i>Mala, aos homens.</i>
<i>Acc. Riala, o homem</i>	<i>Mala, os homens.</i>
<i>Voc. Rial'eh, ó homem</i>	<i>Mal'eh, ó homens</i>
<i>Abl. Cu riala, no homem ou com o homem.</i>	<i>Cu mala, nos homens ou com os homens.</i>

(EG, 8)

Sem ter como instrumento de análise a noção de prefixo nem a de raiz, trataram o plural nominal como modificação de letras iniciais, o que consideraram aspecto único da morfologia do quimbundo:

18ª Os nomes substantivos da lingua nbundu formão o plural pela mudança de suas letras iniciaes, e não pela terminação, como acontece em todas as outras linguas; e todos, ao que parece, pertencem a uma unica declinação. (EG, 4)

Estranhamente, padronizaram a formação de plural dos nomes, como se todos os plurais pertencessem à classe 10 dos estudos bantuístas: *"A regra geral para a formação do plural dos nomes é a anteposição da syllaba ji ao singular"* (EG, 4). Todos os demais prefixos de plural são tratados como exceções à regra geral.

A concordância nominal foi descrita em termos de letras e sílabas eufônicas: *"das letras euphonicas relativas ás iniciaes dos substantivos antecedentes, com os quaes estes adjectivos concordão, quando convém á euphonia"* (EG, 18).

## 5. Sobre a edição

Apesar de impresso numa fonte que não traz obstáculos à leitura para qualquer leitor moderno, foi em razão da raridade da obra e da dificuldade em se ter contacto direto com um de seus exemplares que decidimos por uma edição diplomática, feita sobre o exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Embora recentemente se tenha tornado possível a consulta *online* ao exemplar da Northwestern University, os exemplares não são idênticos, como comentado anteriormente.

Nossas intervenções são mínimas: apenas negritamos os subtítulos e introduzimos espaços entre os parágrafos numerados. As falhas óbvias são apontadas em nota, sem correção no texto, aqui incluído o que foi corrigido por meio de errata. Mantivemos as quebras de linha, paginação e ortografia.

Cabe notar que o português, então, não tinha uma ortografia oficial. Os autores possivelmente estavam ligados a tradições gráficas do português majoritárias em seus países de origem. No que respeita ao quimbundo, os próprios autores reconhecem que foram guiados pelos próprios ouvidos:

É fácil de compreender-se que um idioma selvagem e inculto não teria orthografia, ainda mesmo que se uzasse escrevel-o. Neste caso está a lingua nbundu; o que não admira si a da lingua portugueza ainda não está decidida.

Neste trabalho, longe de pretendermos estabelecer os preceitos orthographicos, apenas indicamos o que nos parece

expressar melhor na escripta alguma cousa que os nossos ouvidos mais claramente tem percebido. (*EG*, xi)

## Referências

ALMANAQUE LAEMMERT. "ALMANAQUE LAEMMERT/ Almanak administrativo, mercantil, e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro. 1859. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1859." Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1859. <<http://www-apps.crl.edu/brazil/almanak>>.

ANGOLA. *Índice do Boletim Oficial da Província d'Angola: compreendendo os annos que decorrem desde 13 de setembo de 1845 em que foi publicao o 1º Nº até 1862 inclusive.* 1864. <[https://books.google.com.br/books?id=FZ4LAAAIAAJ&pg=PA7&lpg=PA7&dq=%22Saturnino+de+Souza+e+Oliveira%22+angola&source=bl&ots=1hMqB-6Fxc&sig=e5fToZkurC6YrSkowY\\_j4CD6oFU&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi86cq-h4PNAhVKKyYKHSp6CEAQ6AEIITAC#v=onepage&q=%22Saturnino%20](https://books.google.com.br/books?id=FZ4LAAAIAAJ&pg=PA7&lpg=PA7&dq=%22Saturnino+de+Souza+e+Oliveira%22+angola&source=bl&ots=1hMqB-6Fxc&sig=e5fToZkurC6YrSkowY_j4CD6oFU&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi86cq-h4PNAhVKKyYKHSp6CEAQ6AEIITAC#v=onepage&q=%22Saturnino%20)>.

AZEVEDO, Elisa Dias Ferreira de. "O complexo cultural luandense oitocentista: reflexões sobre o papel da religião católica na conformação dos "filhos da terra"." Rio de Janeiro: UNIRIO/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015. Dissertação. <<http://hdl.handle.net/unirio/11977>>.

BARBEITOS, Arlindo. "A "raça" ou a ilusão de uma identidade definitiva." *O Racismo ontem e hoje. Estados Poderes e Identidades na África Subsariana. Papers of VII Colóquio Internacional "Estados Poderes e Identidades na África Subsariana. O Racismo ontem e hoje."*. Ed. António Custódio GONÇALVES. Porto: FLUP, 2005. 139-148. <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6895.pdf>>.

BENTIVOGLIO, Júlio. "Demos com o colosso em terra: o ocaso de José Bonifácio e a ascensão política de Aureliano Coutinho nas páginas do jornal A Verdade." 29.2 (2010): 248-267. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742010000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000200014&lng=en&nrm=iso)>.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Vol. 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 vols. <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>>.

BRASIL. "Constituição Política do Império do Brasil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25.03.1824." *Coleção de Leis do Império do Brasil (1808 - 1889)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. <[https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy\\_of\\_colecao2.html](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao2.html)>.

- CANNECATTIM, Bernardo Maria de. *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense e Diccionario abreviado da lingua congueza*. Lisboa: Impressão Regia, 1805. <[http://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10524258\\_00001.html](http://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10524258_00001.html)>.
- \_\_\_\_\_. *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense e Diccionario abreviado da lingua congueza*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. <<https://archive.org/details/collecodeobs00cannuoft>>.
- \_\_\_\_\_. *Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza, e latina*. Lisboa: Impressão Regia, 1804. <<http://purl.pt/13927/1/>>.
- CARVALHO, Henrique A. D. de. *O jagado de Cassange na Província de Angola*. Lisboa: Tipographia de Christovão Augusto Rodrigues, 1898. <<http://purl.pt/23720>>.
- CASTRO, Flávio Mendes de Oliveira. *1808-2008: Dois Séculos de História da Organização do Itamaraty. Volume 1, 1808 – 1979*. Vols. 1 (1808-1979). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. <[http://funag.gov.br/biblioteca/download/606-Itamaraty\\_Dois\\_Seculos\\_de\\_Historia\\_Vol.\\_I.pdf](http://funag.gov.br/biblioteca/download/606-Itamaraty_Dois_Seculos_de_Historia_Vol._I.pdf)>.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHATELAIN, Héli. "African races." *The Journal of American Folklore* 7.27 (1894): 289-302 .
- CHATELAIN, Héli. *Grammatica elementar do Kimbundo ou lingua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1888-1889. <<http://www.archive.org/stream/kimbundugrammar00chatgoog#page/n28/mode/2up>>.
- CORDEIRO DA MATTA, J. D. *Ensaio de diccionario Kimbúndu-Portuguez*. Lisboa: Typographia e Stereotypia Moderna da Casa Editora Antonio Maria Pereira., 1893.
- CUST, Robert Needham. *A sketch of the modern languages of Africa*. 2 vols. London: Trübner, 1883.
- DE BLOIS, K.F. "The augment in the Bantu languages." *Africana Linguistica* 4 (1970): 85-165.
- DIARIO DE PERNAMBUCO. Vol. 31. nº 69. 24 de março de 1855. 2. <<https://ufdc.ufl.edu/AA00011611/00915/1x?search=munipolo>>.
- DIAS, Pedro, S.J. *Arte da lingua de Angola*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1697. <<https://archive.org/details/artedalinguadean00dias>>.

- DUTRA, Francisco Pereira. “Investigações sobre a origem da raça tupi, sua linguagem, tradições, mythos e costumes.” *Jornal do Commercio* 5 de dezembro de 1854, nº 336 ed.: 1.  
<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_04&pasta=ano%20185&pesq=%22francisco%20pereira%20dutra%22&pagfis=7860](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_04&pasta=ano%20185&pesq=%22francisco%20pereira%20dutra%22&pagfis=7860)>.
- EBERHARD, David M., Gary F. SIMONS e Charles D. (eds) FENNIG. *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas: SIL International, 2020. <<http://www.ethnologue.com>>.
- FERREIRA, Frederico Antonio. “O Imperador e o Príncipe: a participação do governo imperial brasileiro na questão da crise dinástica no Reino do Congo. (1857 – 1860).” Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015. Dissertação.  
<[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2915424](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2915424)>.
- GUIZELIN, Gilberto da Silva. “Um posto do primeiro escalão: o papel almejado pela diplomacia do Segundo Reinado para o Consulado do Brasil na província portuguesa de Angola.” *Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP*. Ed. ANPUH-SP. [Assis], São Paulo, 2016a.  
<[http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/48/1467218792\\_ARQUIVO\\_Artigo%5BGilbertoGuizelin%5D.pdf](http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/48/1467218792_ARQUIVO_Artigo%5BGilbertoGuizelin%5D.pdf)>.
- GUIZELIN, Gilberto da Silva. “Depois dos navios negreiros : a criação do Consulado Brasileiro em Luanda e as relações do Império com a colônia portuguesa de Angola, 1822-1860.” Franca: UNESP/ Universidade do Estado de São Paulo, 2016b. Tese. <<http://hdl.handle.net/11449/139446>>.
- HOHLFELDT, Antônio e Caroline Corso de CARVALHO. “A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa.” *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* 35.2 (2012): 85-100.
- LEITE E VASCONCELLOS, José Máximo Castro Neto. *Collecção official da legislação Portuguesa: anno de 1863*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.  
<[https://books.google.com.br/books?id=5dQiosThQjQC&pg=RA1-PA115&dq=Auto+de+Submiss%C3%A3o+que+fez+o+jaga+de+Cassange,+Bumba+Dia+Quingudi&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiY0ZrduN3cAhUBJjAKHb0\\_C-gQ6AEIKTAA#v=onepage&q=Auto%20de%20Submiss%C3%A3o%20que%20fez%20o%20ja](https://books.google.com.br/books?id=5dQiosThQjQC&pg=RA1-PA115&dq=Auto+de+Submiss%C3%A3o+que+fez+o+jaga+de+Cassange,+Bumba+Dia+Quingudi&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiY0ZrduN3cAhUBJjAKHb0_C-gQ6AEIKTAA#v=onepage&q=Auto%20de%20Submiss%C3%A3o%20que%20fez%20o%20ja)>.
- MARZANO, Andrea. “Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimbundo em Luanda (1870-1930).” LIMA, Ivana Stolze & CARMO, Laura do (orgs.). *História social da língua nacional 2: diáspora africana*. Rio de Janeiro: NAU, 2014. 105-119.
- MENEZES, Sebastiao Lopes de Calheiros e. *Relatório do Governador Geral da Província de Angola Sebastiao Lopes de Calheiros e Menezes referido ao anno de 1861*. Lisboa:



- Imprensa Nacional, 1867.  
<[https://books.google.com.br/books/about/Relatorio\\_do\\_Governador\\_Geral\\_da\\_Provinc.html?id=GCVbVyM0w\\_sC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Relatorio_do_Governador_Geral_da_Provinc.html?id=GCVbVyM0w_sC&redir_esc=y)>.
- MORENO, Helena Wakim. “Voz d’Angola clamando no deserto: protesto e reivindicação em Luanda (1881-1901) -.” São Paulo: USP/Universidade de São Paulo, 2014. Dissertação. <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-27062014-112505/>>.
- NJOKU, Onwuka N. *Mbundu*. New York: The Rosen Publishing Group., 1997.
- PARTICIPANTES da 1a. Reunião Brasileira de Antropologia (1953). “Convenção para a grafia dos nomes tribais.” *Revista de Antropologia* 2.2 (1954): 150-152.
- PORTUGAL. “Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Official. Série I, fevereiro de 1854 a dezembro de 1858.” Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. <<https://hdl.handle.net/2027/mdp.35112102880848>>.
- \_\_\_\_\_. “Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Official. Série II, janeiro de 1859 a dezembro de 1861.” Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. <<https://hdl.handle.net/2027/mdp.35112102880863>>.
- \_\_\_\_\_. *Boletim do Conselho Ultramarino: Legislação novíssima*. Vols. 4, 1863. Lisboa: Imprensa Nacional, 1869. <<https://archive.org/stream/boletimdoconsel00ultrgoog#page/n3/search/jaga>>.
- PROYARD, Liévin-Bonaventure. *Histoire de Loango, Kakongo, et autres royaumes d’Afrique; rédigée d’après les mémoires des préfets apostoliques de la mission française*. Paris/ Lyon: C. P. Berton; N. Crapart/ Bruyset-Ponthus, 1776. <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104398b.textelimage>>.
- RIBEIRO, Maria Cristina Portella. “Ideias republicanas na consolidação de um pensamento angolano urbano (1880 c.-1910 c.): convergência e autonomia.” Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012. Dissertação. <[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7937/1/ulfl128699\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7937/1/ulfl128699_tm.pdf)>.
- ROSA, Maria Carlota. “O quimbundo em cinco testemunhos gramaticais.” *Confluência* 56 (2019): 55-113.
- SANTOS, Martins dos. *Cultura, educação e ensino em Angola*. Braga: Martins dos Santos, 1998. <[http://www.info-angola.ao/attachments/article/4211/Historia%20desconhecida%20do%20Ensino%20em%20Angola%20\(%20Per%C3%ADodo%20Colonial\).pdf](http://www.info-angola.ao/attachments/article/4211/Historia%20desconhecida%20do%20Ensino%20em%20Angola%20(%20Per%C3%ADodo%20Colonial).pdf)>.

SILVA, Lucas Eduardo Pereira. “De “Sacra Camarilha” a “Joana Triunfante”: a atuação política da facção áulica em periódicos da Corte (1832-1845).” São João del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 2015. Dissertação. <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoLucasEduardoPereiraSilva.pdf>>.

SOUSA E OLIVEIRA Jr, Saturnino de. “Algumas reflexões sobre a séde das moléstias. These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada no dia 13 de dezembro de 1847.” Rio de Janeiro: Typ. do Diario, de N. L. Vianna, 1847.

SOUSA E OLIVEIRA, Saturnino de. *Diccionario da Lingua Nbundu ou Ngolense Tomo 1º - Nbundu para Portuguez*. Loanda: Imprensa do Governo, 1864. <<https://www.loc.gov/item/unk82012901/>>.

\_\_\_\_\_. “Memoria sobre os meios de abolir a escravidão no Imperio do Brasil, Cap. 1º: Abolição da escravatura, suas vantagens, e modo de a conseguir.” *O Philantropo* 14 de março de 1851, nº 102 ed.: 1-2. <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717991&pesq=abolir%20a%20escravid%C3%A3o&pagfis=369>>.

\_\_\_\_\_. “Memoria sobre os meios de abolir a escravidão no Imperio do Brasil, Cap. 2º. Colonisação; Melhor modo a faser, e suas vantagens.” *O Philantropo* 28 de março de 1851, nº 103 ed.: 3-4. <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717991&pesq=abolir%20a%20escravid%C3%A3o&pagfis=375>>.

\_\_\_\_\_. “Memoria sobre os meios de abolir a escravidão no Imperio do Brasil, Cap. 2º. Colonisação; Melhor modo a faser, e suas vantagens.” *O Philantropo* 25 de abril de 1851, nº 105 ed.: 3-4. <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717991&pesq=abolir%20a%20escravid%C3%A3o&pagfis=377>>.

\_\_\_\_\_. “Memoria sobre os meios de abolir a escravidão no Imperio do Brasil, Cap. 2º. Colonisação; Melhor modo a faser, e suas vantagens.” *O Philantropo* 9 de maio de 1851, nº 106 ed.: 2-4.

SOUSA E OLIVEIRA, Saturnino e Manuel Alves de Castro FRANCINA. *Elementos grammaticaes da lingua nbundu*. Loanda: Imprensa do Governo, 1864. <<https://catalog.hathitrust.org/Record/011928488>>.

VIANNA, A. R. Gonçalves. “[Resenha de] Ensaio de Diccionario Kimbundu-portuguez coordenado por J.D. Cordeiro da Matta.” *Revista Lusitana* IV (1896): 193-194. <<https://archive.org/details/RevistaLusitana4/page/n3/mode/2up>>.

VILAS BÔAS, Felipe Pires. “Em busca de um Novo Brasil em Angola? Encontros e desencontros entre portugueses e autoridades africanas nos Annaes do Conselho Ultramarino (parte não official), 1854-1867.” Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014. Trabalho de Conclusão.

<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2014/11/Monografia-Felipe-Vilas-B%C3%B4as.pdf>>.

\_\_\_\_\_. “Portugueses, moradores e sobas em Golungo Alto, Angola: negociação e conflito em narrativas de militares, (c 1840 – c. 1860).” Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2018. Dissertação. <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/331688> >.

WHEELER, Douglas L. “Nineteenth-Century African Protest in Angola: Prince Nicolas of Kongo (1830?-1860).” *African Historical Studies* 1.1 (1968): 40-59.

# **A Edição**

# ELEMENTOS GRAMMATICAES

DA

## Lingua Nbandu

OFFEREGIDOS

A

S. M. P. O SENHOR D. LUIZ I

POR

Dr. Saturnino de Souza e Oliveira

E

Mmanuel Alves de Castro Francina.

LOANDA

IMPRESA DO GOVERNO

1861.

Rosto dos *Elementos Grammaticaes da lingua Nbandu*  
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil  
Reprodução autorizada em 9nov2018

**Elementos Grammaticaes**  
**da**  
**lingua Nbandu**

OFFERECIDOS A

S.M.F.<sup>1</sup>. O SENHOR D. LUIZ I<sup>2</sup>

por

Dr. Saturnino de Souza e Oliveira

E

Manuel Alves de Castro Francina<sup>3</sup>

[selo do Instituto dos Surdos e Mudos/ Oficina de Encadernação]

LOANDA

Imprensa do Governo

1864.



## PROLOGO

*Damos á luz os == Elementos Grammaticaes da lingua nbundu == como resultado de cinco annos de meditação e de analyse da grammatica do Fr. Cannecatim. Tendo sido, primeiramente, nosso proposito fazer-lhe anotações ou correções, fomos levados assim a um trabalho inteiramente novo, o qual nos parece conter os principaes preceitos da lingua ngolense que ate agora não foram ainda explicados.*

*Temos visto algumas grammaticas de outros idiomas africanos e em todas encontramos a identidade dos preceitos, sendo todavia nós os unicos que tratamos das syllabas repetidas que chamamos = euphonicas = , as quaes reconhecemos pela necessidade de conservar a uniformidade dos vocabulos, ou de suas raizes, com a variedade das iniciaes que não lhes alterão as significações.*

*Que a lingua nbundu é derivada da conguez é couza que está reconhecida; mas se esta é primitiva ou derivada de outra do interior do continente, como seja a da lunda, ou a de cazembe, é questão que conviria estudar.*



## IV

*O que não soffre dúvida é que, sejam linguas primitivas ou dialectos as que se fallão no continente africano desde Sofala, na costa oriental, até o Senegal, na occidental<sup>4</sup>, os preceitos grammaticaes e muitas raizes e vocabulos são os mesmos em grande numero das 67 linguas africanas das quaes temos notícias.*

*Não deixaremos tambem de notar que ha na lingua nbundu algumas raizes que parecem ser da grega, taes como **EME**, que significa EU em nbundu; e EMON ou MON, genitivo de EGO, que em grego significa de mim; EMOI ou MOI, no dativo, e EME ou ME, no accusativo. Notaremos tambem que os tempos primitivos dos verbos são, como na lingua ingleza, o preterito e o participio. O Sr. F. P. Dutra<sup>5</sup> em um estudo que fez das raizes da lingua ngolense achou muitas identicas ás de termos de linguas dos indigenas do Brazil. Estas e outras observações nos levão ás duas seguintes conclusões: 1<sup>a</sup>. que a lingua nbundu é tão grammatical como qualquer outra: 2<sup>a</sup> que um estudo tendente a organizar a arvore genealogica de todas as linguas conhecidas será o meio de facilitar o conhecimento de muitas, o que até agora tem sido difficil.*

*Para reconhecermos as regras que apresentamos tivemos de fazer grande numero de phrases sobre cada uma das partes da oração, analizar depois cada phrase, e da generalidade*

V

*dos factos deduzimos as regras e conhecemos algumas excepções. O tempo, a prática e mais habeis grammaticos que julguem dever proseguir este estudo preencherão as lacunas ou emendarão os erros e as omissões que tivermos commettido apesar de nossos esforços e da boa vontade que empregámos para assentar as bases da cultura de um idioma util e necessario para quem se relaciona com Angola, paiz que muito promette pelas riquezas naturaes que encerra em seu territorio.*

Loanda, 12 de janeiro de 1864.

*Os Authores.*



[s. nº]

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUA NBUNDU

Quem, na America, tem ouvido a linguagem dos escravos, que parece tão aspera aos tympanos acostumados á pronúncia de outros idiomas mais brandos, não pode imaginar que o idioma nbundu, ou ngolense, pronunciado com pureza pelas pessoas civilizadas do paiz, seja mais agradável para ouvir-se do que algumas linguas europeas, como a nós parece agradar mais do que a ingleza, com a qual se assimelha a ngolense em muitos de seus preceitos.

A sua pronuniação parece graciosa, e tem doçura não só pelas variadas inflexões de voz cauzadas pela brandura constante da accentuação das vogaes como pela infinidade de suas contracções e elizões, e pela espécie de rithma, devida á repetição de certas syllabas, que denominaremos *iniciaes* ou *euphonicas*, as quaes sobresaem na pronuniação em duas ou mais palavras seguidas.

As contracções e elizões tornão um pouco difficil a intelligencia e a prática d'esta lingua, porque chegão muitas vezes a eliminar tantas syllabas a certas palavras ou phrases, que as restantes, ligadas ás outras da oração, parecem formar novos vocabulos, não sendo mais do que phrases abreviadas. Esta difficuldade será muito menor na leitura quando a lingua, sendo cultivada, adquirir uma orthographia que faça distinguir cada um dos termos de que se compõe as phrases. Então a prática da leitura da lingua habituará o ouvido á intelligencia da pronuniação com mais facilidade do que se consegue só pela prática de a ouvir fallar.

## VIII

A lingua *nbundu* parece possuir muito limitado numero de vocabulos que comecem por letra vogal, e nenhum possui que acabe por consoante; e pôde ser escripta correctamente com as letras do alphabeto vulgar.

***Pronúncia das letras vogaes***

Das cinco letras vogaes somente as vogaes = i = u = são pronunciadas com alguma força.

A vogal = a = é sempre expressada como na primeira syllaba da palavra portugueza = *trança* =, excepto nas terminações, que é onde ella tem a pronunciação um tanto prolongada, mas não accentuada.

A vogal = e = pronuncia-se como na primeira syllaba da palavra portugueza = *beijo* =, sendo tambem prolongada nas terminações.

A vogal = o = pronuncia-se como na primeira syllaba da palavra = *ôvo* =, tendo a mesma prolongação de som nas terminações.

Observa-se que, quando na phrase ha alguma abreviatura ou elisão de vogaes, as que ficão são todas pronunciadas com a mesma força e accentuação, que pode, em geral, indicar-se pelo *accento circumflexo*.

***Pronúncia das letras consoantes.***

As consoantes = c = ch = tem a mesma pronunciação que se lhes dá na lingua italiana: e talvez convenha empregar sempre o = x = em lugar do = ch =, porque parece-nos que não ha caso em que se encontrem quaesquer outras consoantes unidas em uma mesma syllaba, e assim fica estabelecida a uniformidade do preceito.

A consoante = g = é pronunciada com uma graciosa aspiração que deixa perceber-a como um som duvidoso entre =g = e = c =.

A consoante = h = é sempre aspirada e constante no principio das palavras cuja pronunciação parece indicar ser vogal a primeira letra, excepto em algumas formações do plural: e, por ser constante a aspiração da pronuncia em taes casos, parece ser necessario indical-a pelo emprego d'esta consoante.

A consoante = n = é empregada no principio de muitas palavras da lingua *nbundu*, particularmente antes das consoan-

tes = b = g =. Então é quasi imperceptível, e simúla antes o som de um suspiro supprimido pela enunciação do termo que ella precede.

A consoante = r = é sempre pronunciada docemente, ainda mesmo no principio das palavras, parecendo antes a pronunciação de um som confuso da consoante = d =; entretanto que no meio das palavras é quasi pronunciada como = l =. A consoante = r = nunca é dobrada na lingua nbandu.

### **Vocabulario.**

A proximidade dos diversos povos africanos, por serem muito limitados os territorios de quasi todas as tribus e nações, tem enxertado reciprocamente muitos vocabulos de umas em outras linguas. Isto acontece entre povos visinhos em toda a parte do mundo, e é facto tão commum que nos dispensâmos de citar exemplos d'elle. Assim, entre tribus muito proximas se observa que um mesmo objecto tem nomes muito differentes em um mesmo povo, ou que o mesmo vocabulo é applicado ao mesmo objecto em tribus differentes.

A mesma influencia tem tido sobre as d'este continente as linguas portugueza e ingleza, cujos nacionaes mais o tem frequentado. Por isto não é raro ouvir-se fallar nbandu percebendo-se no discurso muitos adverbios e preposições portuguezas: e é certo que os naturaes do paiz adoptaram todos os termos portuguezes que exprimem objectos que lhes erão extranhos antes de se relacionarem com os de Portugal. Assim, tendo os ngolenses o termo *pôcu* para exprimir a ideia de *faca*, instrumento de que se servião, adoptaram o termo *garfo* para exprimir este instrumento que só mais tarde conhecerão: e adoptando-o, sugeitárão-lhe a pronunciação e a formação do plural aos preceitos do seu proprio idioma, e dizem no singular *ngálufu*, e no plural *jingálufu*.

Outros vocabulos, por muito viciados, são actualmente inteiramente novos. Assim, em uma parte da costa occidental da Africa ha uma tribu que talvez fosse a primeira que os inglezes conhecerão, e que, parece, denominaram *colour's men* (homens de côr) d'onde naturalmente se formou o vocabulo *columanes*, e mais viciadamente *crumanes*, pelos quaes agora é geralmente conhecida essa tribu.

Cabe aqui dizer que a lingua nbandu parece ser, como todas as outras da costa occidental da Africa, derivada da do

X

Congo, que passa por ser a primitiva e raiz dellas; o que parece estar em harmonia com a superioridade e conquistas d' esta nação sobre as outras, conforme a historia que dellas se sabe por tradição: sendo certo que o fallecido D. Nicoláo d'Água Rozada<sup>6</sup>, que vio este nosso trabalho e o comparou com os preceitos do idioma Conguez, nos assegurou que as regras grammaticaes são exactamente as mesmas, como o são as das linguas *cafre*, *kissuaheli*, *hotenttote*, *pongwe* e outras, cujas grammaticas temos visto.

### **Pronunçiação.**

A maior frequencia da lingua ngolense entre os naturaes do paiz tem modificado a pronunçiação da portugueza, que é fallada em Ngola (Angola), mais ou menos correctamente pelas pessoas civilisadas com a branda pronuncia de seu idioma patrio, mas com a accentuação das terminações similhante á de alguns Paulistas (no Brazil), não tão forte, mas parecendo apenas que as vogaes que terminam as palavras tem o som prolongado, como se fossem dobradas ou tivessem écho. Este vicio na pronuncia da lingua portugueza é devido á frequencia das exclamações, ou ás particulas de interjeição da lingua nbundu, sempre empregadas no fim das palavras ou das orações.

Um dos caracteres que distingue muito a linguagem, não só do povo de Ngola, mas de todos os outros da Africa, (ao menos na sua costa occidental), é a admiravel rapidez da sua pronunçiação, donde parece que se originou o grande numero de contracções e de phrazes abreviativas: e tanto é isto proprio do caracter da lingua nbundu que no seu vocabulario se nota grande numero de palavras muito curtas, que tem sentidos muito complexos, e mesmo correspondendo a orações ou a phrazes da lingua portugueza.

Como em nbundu nenhuma palavra ha que acabe em consoante, d'ahi provem que todos os ngolenses, quando fallão portuguez, deixão sempre perceber o som de uma vogal no fim das palavras portuguezas que acabão em consoante: e a vogal e predomina neste vicio de pronuncia devido ou á frequencia da interjeição *eh* uzada no fim das phrazes ou á suavidade d' esta vogal.

Os primeiros portuguezes que vierão á Africa viciarão a pronunçiação de muitos termos da lingua nbundu, principal

-

mente pelo que diz respeito aos nomes proprios de lugares d'este paiz, antepondo uma vogal á consoante *n*, inicial de todos os que por vogal hoje começam; e por isso se diz hoje *Angola* em lugar de *Ngola*, *Ambundo* em lugar de *Nbundu*, *Ambáca* em lugar de *Nbáca*, *Icollo*, em lugar de *Ncólú*, *Pungo-andongo* em lugar de *Pung'ua-ndongo*; e muitos outros cuja enumeração seria longa.

Entre os proprios naturaes de Ngola alguns termos são pronunciados de maneira viciosa em relação ás vogaes; por exemplo: dizem alguns = *muhatu*, outros dizem viciadamente = *muhetu*, para significar = *mulher*=.

### **Orthographia.**

É facil de comprehender-se que um idioma selvagem e inculto não teria orthographia, ainda mesmo que se uzasse escrevel-o. Neste caso está a lingua nbandu; o que não admira si a da lingua portugueza ainda não está decidida.

Neste trabalho, longe de pretendermos estabelecer os preceitos orthographicos, apenas indicamos o que nos parece expressar melhor na escripta alguma cousa que os nossos ouvidos mais claramente tem percebido. Assim, por exemplo, sendo a syllaba = *ca* = , quando anteposta aos substantivos, a formação do diminutivo, e o termo = *himbua* = significando = *cão* =; diz-se em nbandu = *câmbua* = para significar = *cãosinho* =; parece que o melhor modo de figurar a pronuncia da contracção de = *cahimbua* = que certamente existe, será escrever = *ca'mbua*.

Temos tambem observado que, tendo todas as syllabas das palavras a accentuação quasi da mesma força em todas as vogaes, parece poder deduzir-se que são inuteis as consoantes dobradas, pois que mesmo pela pronunciação se percebe que a letra = *r*=, tão frequentemente dobrada em portuguez, nunca o é em nbandu.

No nosso dictionario distinguimos pelo emprego dos diversos accentos os vocabulos identicos na escripta, na orthographia e muitas vezes na pronuncia, mas com diversas significações, imitando nisto o que acontece em todos os idiomas cultos. Assim, para distinguir a preposição = *ua* =, que significa = *de*=, da voz = *uá* = do verbo auxiliar = *cu cála* =; que significa = *ser* =, escrevemos esta segunda com accento.

Muitos verbos que acabam em = *ca* = e fazem o preterito mudando a vogal = *a* = em = *êle* =, (como todos os verbos regulares) tem de mudar a letra = *c* = em = *qu* =: e com



## XII

quanto isto seja mais conforme com o espirito da lingua portugueza, esperamos que por outro seja decidido si a letra = c = deve ter em tal caso o valor de = qu = na pronuncia, para não mudar o character do termo, ou si convem antes fazer tal mudança, ou emfim si será preferivel escrever a terminação do infinito em = ka =, a qual não é do character da nossa lingua. Limitamo-nos a dizer, como simples opinião, que este ultimo alvitre nos parece o melhor, e é adoptado pelos missionarios inglezes e francezes, autores das grammaticas das linguas = cafre, kissuahéli, hottentote, pongwé e outras que temos visto, e das quaes discordamos em muitas das regras estabelecidas sobre as observações praticas de seus autores, que nos parece haverem deduzido mal certos principios, como é, entre outros, o desconhecimento das syllabas euphonicas que nos exemplos de taes grammaticas se percebe existir nessas linguas, e cujo preceito não é citado nellas.

Na reunião de muitas vogaes é frequente e facil perceber-se a contracção de muitas d'ellas: e, como neste caso só a ultima se percebe, deduzimos d'aqui o emprego da apostrophe antes d'esta. Assim, para indicar a contracção = *monê* = de = *mona ua êiê* =, escrevemos = *mon'ê* = significando = *filho de ti* = ou = *teu filho* =.

A vogal = a = das preposições = ia, ua é sempre eliminada na pronuncia antes das palavras que começam por = h =, excepto poucas excepções, e portanto tambem a substituímos por uma apostrophe.

A quem nos seguir os passos no aperfeiçoamento d'estes preceitos deixamos o dever de estabelecer os da orthographia, como os da syntaxe, da qual apenas indicamos em seguida quanto na linguagem vulgar temos observado.

### **Syntaxe.**

A preposição = cu = indica o = lugar para onde e o lugar donde: exemplo: cu tandu, para cima, cu Nbengo, do Bengo.

A preposição = mu = indica o = lugar onde. Exemplo: mu Luanda, em Loanda.

As preposições = ua = ia = tem o mesmo uso que as suas significações portuguezas.

A preposição = bu = indica a origem ou procedencia, e o lugar para onde. Exemplo: tunda bu canga, sahe para fóra; ng'a tundu bu Muxima, venho de Muxima.

Nota. As preposições = *cu* = *bu* = são muitas vezes empregadas, uma ou outra, conforme as consoantes iniciais dos nomes que ellas precedem: o que só a prática melhor explicará.

A preposição = *pala* = é uma viciação da preposição = *para* = portugueza.

O adjectivo é sempre precedido de preposição e depois do substantivo a que se refere.

A preposição que precede um nome ou adjectivo é sempre combinada com a syllaba euphonica, que é a inicial de nome precedente.

A syllaba inicial de termo que seja verbo não serve nunca de syllaba euphonica antes de palavra que a elle se segue.

Quando a primeira syllaba de qualquer nome tem a vogal = *o* = *ou* = *u* = a preposição que tiver de ser empregada será = *ua* = ; excepto quando as palavras começam por = *po* = *pu*; mas tendo a syllaba inicial alguma outra vogal deve empregar-se a preposição = *ia* = .

Tendo o verbo auxiliar duas formas = *uá* = e = *uála* = nas duas pessoas do singular do presente do modo indicativo emprega-se a forma = *uála* = quando a elle se segue immediatamente algum adverbio.

A particula = *eh* = , que exprime o vocativo, ou exclamação, é sempre posta depois do nome invocado, ou no fim da exclamação, contrahindo-se a vogal da terminação.

Os adverbios são sempre empregados no fim da phrase ou da oração.

Antes dos adjectivos numeraes tem lugar a syllaba euphonica, porem não a preposição como antes dos outros adjectivos.

Sempre que o verbo auxiliar = *cu cála* = é, como verbo substantivo, o verbo principal da oração, significando a acção de ser ou de existir e não se lhe seguindo algum adverbio ou outro verbo no infinito, é subentendido na oração, por abreviatura, e fica occulto.

A syllaba = *ca* = , anteposta a um nome ou adjectivo, exprime a ideia de diminutivo; e a syllaba = *qui* = exprime a de augmentativo, superioridade ou primazia quando tambem é anteposta.

Quasi todos os substantivos se tornão adverbios pela anteposição da syllaba = *cu* = ligada a elles, e muitos verbos se tornão substantivos pela supressão desta mesma syllaba, que é, antes d'elles, signal de modo infinitivo, como a syllaba = *to* = da lingua ingleza.

## XIV

A syllaba signal do modo infinito dos verbos é muitas vezes suprimida, por abreviatura da linguagem e por conveniência da euphonia, quando o verbo que ella precede começa pela syllaba = cu =, evitando-se assim a repetição desagradavel de syllabas: e outras vezes á syllaba = cu =, inicial da palavra que é verbo, se suprime apenas a letra = c =, quando elle exprime o participio presente ou adjectivo depois do verbo auxiliar = cu cala =.

Qualquer substantivo precedido da preposição = ua = ou = ia =, e depois de outro, representa um adjectivo qualificativo, correspondendo ao caso de genitivo.

***Cultura do idioma ngolense.***

Assim como nada se tem feito para civilizar os povos barbaros e selvagens da Africa portugueza, tambem nada se fez ainda para estudar e apreciar alguns de seus idiomas, cujos preceitos grammaticaes parecem ser os mesmos em todas as tribus africanas, ou ao menos nas da costa occidental; podendo asseverar-se que ha esta identidade quanto ao idioma do reino do Congo.

Alguns missionarios inglezes tem estudado e colligido preceitos e vocabularios das linguas de muitas tribus sugeitas á Inglaterra, e um frade, missionario italiano, de nome Bernardo Maria Cannecatim, compoz, e publicou em Lisboa, em 1805, uma grammatica da lingua ngolense com o titulo de = *collecção de observações grammaticaes sobre a lingua ambunda* =. Mas este homem, apezar da sua boa vontade e de ser o superior do Hospicio & ., parece que não tinha habilitações sufficientes para tentar um tal trabalho: e, a julgar-se por alguns erros, dos quaes aqui transcrevemos um, pode-se concluir que elle muito pouco conhecia a grammatica latina. Diz elle na 7a. observação = “Pronome demonstrativo é aquelle que mostra a pessoa ou cousa *que rege a oração*: v.g. eu escrevo a carta: d’onde se infere que o pronome = eu = *é demonstrativo porque mostra a pessoa que escreve*”.

Parece tambem que este missionario esteve entre muitas tribus que fallavão idiomas diversos, que elle não distinguiu, por que confundiu na lingua nbundu, ou ngolense, muitos termos das do Congo, Benguéla e outras no dictionario que tambem coordenou. Quanto ao emprego das syllabas euphonicas, ou iniciaes (notavel especialidade das linguas africanas), elle

nunca as percebeu: e, pelo que respeita ao estabelecimento de regras e preceitos especiaes da lingua nbandu, nada fez.

Este mesmo compositor das *observações grammaticaes* fez um dictionario, no qual, além de se encontrar grande numero de vocabulos que não pertencem á lingua nbandu, mas a varias outras, encheu-o de phrazes e de orações como se fossem vocabulos, o que fez tambem na observação em que tratou dos adverbios. Por estas razões a grammatica e o dictionario do frade Cannecatim nos parecem muito imperfeitos.

No trabalho que ora appresentamos não nos pareceu a proposito entrar em minuciosos detalhes grammaticaes e em definições, que julgamos não serem ignoradas por quem pretender applicar-se ao estudo deste compendio, por entendermos que quem não tiver conhecimento da grammatica geral e dos preceitos da de sua propria lingua nunca aprenderá bem outra qualquer; e, para os conhecedores da grammatica geral e da lingua patria era inutil tudo quanto não se encontra neste compendio, muito incompleto e imperfeito, mas de alguma utilidade por conter grande numero de preceitos e regras especiaes relativas a um idioma até agora abandonado e quasi desconhecido por quem não é africano, mas de grande necessidade para as relações commerciaes que o conhecimento das riquezas naturaes do paiz hade certamente desenvolver, e particularmente para os ministros da religião, que devem fazer-se entender pelos indigenas para alcançarem a victoria na cruzada da civilisação e do christianismo, jogando a palavra da verdade evangelica contra hordas de superstição, de ignorancia e de barbarismo.

Tal é o principal proposito a que temos consagrado nosso trabalho.



# GRAMMATICA

## DA

### LINGUA NBUNDU OU NGOLENSE

#### CAPITULO I

A lingua nbundu ou ngolense tem todas as sortes ou especies de palavras estabelecidas pelos grammaticos; e de cada uma d'ellas vamos occupar-nos particularmente.

##### DO ARTIGO

1º O artigo, na lingua nbundu, que talvez é uma viciação do artigo portuguez, é invariavel em genero e em numero; é unico; e só serve para dar ideia ou sentido determinativo, e não abstracto, do sujeito ou do regimen do verbo. Este artigo é o seguinte:

Em *nbundu*, *o* . Em *portuguez* (significação) *o, os, a, as*.

EXEMPLOS : O *mona*, o filho.

O *muhatu*, a mulher.

O *mala*, os homens.

O *ahatu*, as mulheres.

2º O artigo não faz contracção com nenhuma das preposições, na lingua nbundu; mas é por ellas substituido nos casos que correspondem aos de contracções da lingua portugueza; isto é: fica substituido pela preposição que deve precedel-o.

Para esclarecer o que deixamos dito passamos a tratar, em seguida, das preposições e de suas modificações, conforme as letras iniciaes dos nomes a que estão ligadas, ou que as precedem.

2

O artigo parece antes ser o mesmo da lingua portuguesa, admittido pelo uzo, do que proprio da lingua nbundu; todavia pareceu-nos conveniente indicar os preceitos a que está sujeito.

## CAPITULO II DAS PREPOSIÇÕES

3º As preposições da lingua nbundu são as seguintes:

<i>Nbundu</i>	<i>Portuguez</i>
<i>ia, ua.</i>	De, do, da, dos, das.
<i>Cu.</i>	Em, ao, á, aos, ás, para, por.
<i>Mu.</i>	Em, no, na, nos, nas.
<i>Ni.</i>	Com, para, por.
<i>Bu.</i>	De, do, da, dos, das, no, na, nos, nas.
<i>Pala.</i>	Para.

A preposição *pala* parece-nos ser viciação da preposição portugueza *para*.

4º Emprega-se, em regra geral, as preposições *ia, ua*, por serem as verdadeiras preposições que significam *de*.

EXEMPLOS : *O pôcu ia Paulo, a faca de Paulo.*  
*O mulêle ua Petêlo, o panno de Pedro.*

5º Quando o nome que precede a preposição *ia* começa pela consoante *r*, antepõe-se esta mesma letra á preposição, que se torna *ria*, ou *r'ia*.

EX: *O riála ria'me*, o homem de mim (o meu homem).

6º A mesma preposição precedida de nome começado pelas letras *qu* começa por *ellas*.

EX: *O quialo quia'me*, a cadeira de mim (a minha cadeira).

NOTA. Nestes dous ultimos exemplos ha a contracção *me* do pronome pessoal da primeira pessoa *emme* que será explicada em outro lugar.

7ª A preposição *ia* tambem se liga com a consoante *m*; e, fazendo elizão á vogal *i*, torna-se *m'a*, mas sómente quando o nome antecedente começa por tal consoante como signal do

plurar (pois que o plural dos nomes se fórma pela mudança de suas iniciaes, como adiante se verá).

EX: *O malessu m'a macamba*, os lenços dos amigos.

8ª Também a mesma preposição muda a vogal *i* para a consoante *j* depois dos nomes que (somente no plural) começam por *ji*.

EX: *O Jindemba ja Paûlu*, os cabellos de Paulo.

9ª A preposição *ia* também é empregada com a significação do plural depois dos nomes que (no plural) começam por syllaba igual a ella.

EX: *O láló ia macamba*, as cadeiras dos amigos.

NOTA: Esta preposição é geral depois dos nomes que começam pela aspiração *n*.

10ª A preposição *ua* só é empregada depois das palavras que começam pelas syllabas *mo* ou *mu*, excepto depois da palavra *polu* cara, e de outras que principiem pela syllaba *po* ou *pu*.

EXEMPLOS : *Mulêle ua Petèlu*, o panno de Pedro.  
*Mona ua Nbaxi*, o filho de Sebastião.  
*Polo ia cutoba*, cara de tôle.  
*Ponda ia mona*, cinta do filho.  
*Punga ia soba*, conselheiro do soba.

11ª A preposição portugueza *por* e suas contracções não tem vocabulos justamente equivalentes na lingua nbandu, nem são usadas nella senão substituidas pela preposição *ni* que significa *com*.

12ª A preposição nbandu *pala* deve considerar-se antes como um termo portuguez; mas entendemos dever cital-a por ser geralmente empregada.

13ª As outras preposições são, em regra geral, empregadas sempre conforme o que deixamos dito nos preceitos geraes da syntaxe, e segundo a maior facilidade e euphonia resultante de sua ligação com os nomes antecedentes: e isto só a prática poderá ensinar bem.

14ª As preposições, *cu*, *mu*, *ni*, *bu*, regem geralmente os casos de ablativo, e são empregadas em relação aos preceitos geraes da syntaxe que ficão indicados.

**Vide o § syntaxe.**



4

### CAPITULO III

#### DO NOME

#### § 1º *generos*

15ª Na lingua nbundu os nomes dividem-se, como em portuguez, em proprios e appellativos.

16ª Os nomes são masculinos, ou femininos, ou comuns aos dous generos. Aquelles cujo genero é commum de dous, ou os que, em portuguez, pela mudança da terminação, tomão o genero masculino ou feminino, tambem o tomão em nbundu pela addicção do vocabulo *riála*, que significa homem, ou macho, ou masculino; ou *muhatu*, que significa femea ou feminino.

#### EXEMPLOS :

*O mona ua'me ua riála,* O filho de mim, o homem (o meu filho).

*O mona ua'me ua muhatu,* O filho de mim, mulher (a minha filha)

17ª Como até agora nenhum grammatico tem estudado o caracter d'esta lingua, e sendo as terminações dos substantivos muito variadas para por ellas se poder determinar-lhe os generos, (pois que mesmo as dos adjectivos, ainda que poucos, são invariaveis em genero) julgamos conveniente consideral-os com os generos que tem os seus significados na lingua portugueza; ao menos até que estudos mais aturados possam dar o conhecimento dos preceitos grammaticaes a tal respeito.

#### § 2º *Numeros*

18ª Os nomes substantivos da lingua nbundu formão o plural pela mudança de suas letras iniciaes, e não pela terminação, como acontece em todas as outras linguas; e todos, ao que parece, pertencem a uma unica declinação.

A regra geral para a formação do plural dos nomes é a anteposição da syllaba *ji* ao singular.

#### EXCEPÇÕES

19ª Os nomes que no singular começam pela syllaba *mo* ou *mu*, formão o seu plural mudando essa primeira syllaba em *mi*, ficando invariaveis as terminações.

## EXEMPLOS:

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Mufumu</i> , officio.	<i>Mifumu</i> , officios.
<i>Muêzu</i> , barba.	<i>Miêzu</i> , barbas.
<i>Mulonga</i> , palavra.	<i>Milonga</i> , palavras
<i>Muênhu</i> , alma, vida.	<i>Miênhu</i> , almas, vidas
<i>Muxíma</i> , coração.	<i>Mixíma</i> , corações.
<i>Mucanda</i> , carta, papel.	<i>Micanda</i> , cartas, papeis.
<i>Muxiba</i> , arteria, veia.	<i>Mixiba</i> , arterias, veias.
<i>Muxi</i> , páu.	<i>Mixi</i> , páus.
<i>Muzumbu</i> , beicho.	<i>Mizumbu</i> , beichos.
<i>Mucutu</i> , corpo.	<i>Micutu</i> , corpos.
<i>Mulêmbu</i> , dedo.	<i>Milembu</i> , dedos.
<i>Mutuê</i> , cabeça.	<i>Mituê</i> , cabeças.
<i>Munha</i> , espinho.	<i>Minha</i> , espinhos.
<i>Mussôcu</i> , palma, palmito.	<i>Missocu</i> , palmas, palmitos.
<i>Mongongo</i> , espinhaço.	<i>Mingongo</i> , espinhaços

EXCEPÇÕES. Os nomes seguintes, e outros, formam o plural mudando a primeira syllaba em *a*.

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Mona</i> , filho.	<i>Ana</i> , filhos.
<i>Muturi</i> , viuvo.	<i>Aturi</i> , viuvos.
<i>Mucágina</i> , rival.	<i>Acágina</i> , rivaes.
<i>Mucúlo</i> , velho.	<i>Acúlu</i> , velhos.
<i>Muculundúndu</i> , muito velho.	<i>Aculundundu</i> , muito velhos.

NOTA. Estes adjectivos são geralmente empregados como substantivos, e por isso os empregamos aqui como exemplos.

20º O seguinte fórma, assim como muitos outros, o plural irregularmente.

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Muinu</i> , garganta.	<i>Minu</i> , gargantas.

21º Os seguintes, e outros, formão o plural, como collectivos, conservando o nome invariavel e ajuntando-se-lhes adiante o vocabulo *vulo*, que significa muito, precedido das preposições *ia*, *ua*. Alguns tambem indicão assim abundancia.

6

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Milongo</i> , remedio.	<i>Milongo ia vulo</i> , remedios, remedio de muitos.
<i>Menha</i> , agua.	<i>Menha m'a vulo</i> , aguas
<i>Macutu</i> , mentira.	<i>Macutu m'a vulo</i> , mentiras.
<i>Manhinga</i> , sangue.	<i>Manhinga m'a vulo</i> , muito sangue.
<i>Fundanga</i> , polvora.	<i>Fundanga ia vulo</i> , muita pol- vora.
<i>Nzala</i> , fome.	<i>Nzala ia vulo</i> , muita fome.
<i>Xitu</i> , carne.	<i>Xita ia vulo</i> , muita carne.

NOTA: Acreditamos que, alem d'estas excepções, ha ainda muitas outras que a pratica nos fará conhecer, e que indicaremos no dictionario.

22º Os nomes que no singular começão pela consoante *n*, formam o plural antepondo-se-lhes a syllaba *ji*.

EXEMPLO: *Ngana*, senhor. *Jingana*, senhores.

Os seguintes, comquanto não comecem por *n* no singular, formão o plural da mesma maneira por ser a regra geral.

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Hogi</i> , leão.	<i>Jihogi</i> , leões.
<i>Tetembua</i> , estrella.	<i>Jitetembua</i> , estrellas.
<i>Haxi</i> , doente.	<i>Jihaxi</i> , doentes.
<i>Panbu</i> , atalho.	<i>Jipanbu</i> , atalhos.
<i>Táta</i> , pái	<i>Jitata</i> , pais.
<i>Mama</i> , mãe.	<i>Jimama</i> , mãis.
<i>Cucu</i> , avó.	<i>Jicucu</i> , avós.
<i>Polu</i> , cara, face, fronte.	<i>Jipolu</i> , caras, faces, frontes.
<i>Ponda</i> , cinta.	<i>Jiponda</i> , cintas.
<i>Sossu</i> , faisca.	<i>Jisossu</i> , faiscas.
<i>Holôme</i> , genero.	<i>Jiholôme</i> , generos.
<i>Huhêri</i> , cunhado.	<i>Jehuhêri</i> , cunhados.
<i>Tambi</i> , nojo.	<i>Jitambi</i> , nojos.
<i>Himbia</i> , panella.	<i>Jihimbia</i> , panellas.
<i>Túlu</i> , peito.	<i>Jitúlu</i> , peitos.
<i>Zundu</i> , figado.	<i>Jizundu</i> , figados.
<i>Huxi</i> , bofetada.	<i>Jihuxi</i> , bofetadas.
<i>Hinzo</i> , casa.	<i>Jihunzo</i> , cazas.
<i>Pangue</i> , irmão.	<i>Jipangue</i> , irmãos.
<i>Himbua</i> , cão, cadella.	<i>Jihimbua</i> , cães, cadellas.
<i>Nbongo</i> , moeda.	<i>Jinbongo</i> , dinheiros.

A palavra *nbongo* não é uzada no singular. Vide no dictionario *Mulambongo*<sup>7</sup>.

Parece-nos mais regular indicar a contracção que tem lugar com a syllaba *ji* anteposta ás palavras que começam por *hi*, e escreve-se *ji'nso* e não *jihinso*, etc.: todavia o uso póde dispensar nestes casos a apostrophe para facilitar a escripta.

23ª Os nomes que no singular começam por *qui* formão o seu plural supprimindo as letras *qu*

## EXEMPLOS :

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Quipumúna</i> , joelho.	<i>Ipumuna</i> , joelhos.
<i>Quizúá</i> , dia.	<i>Izúá</i> , dias.
<i>Quialo</i> , cadeira.	<i>Ialo</i> , cadeiras.

24ª Os que começam em *ri* mudão esta syllaba em *ma*.

## EXEMPLOS :

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Ritui</i> , orelha.	<i>Matui</i> , orelhas.
<i>Ricunda</i> , costa.	<i>Macunda</i> , costas.
<i>Riala</i> , homem.	<i>Mala</i> , homens.

Os seguintes formam o plural irregularmente.

<i>Rissu</i> , olho.	<i>Messu</i> , olhos.
<i>Riêlé</i> , teta.	<i>Mêlé</i> , tetas
<i>Rizuê</i> , voz.	<i>Mazuê</i> , vozes.
<i>Ribondo</i> , vespa.	<i>Maribondo</i> , vespas.
<i>Riê</i> , palmeira.	<i>Maiê</i> , palmeiras.
<i>Rixi</i> , fumo, fumaça.	<i>Marixi</i> , fumos, fumaças.
<i>Riaqui</i> , ôvo.	<i>Maiaqui</i> , ovos.

Os seguintes, posto que não comecem em *ri* no singular, tambem formão o plural começando por *ma*.

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Lucuacu</i> , mão.	<i>Macu</i> , mãos.
<i>Hússucu</i> , noite.	<i>Mahússucu</i> , noites.
<i>Tubia</i> , fogo.	<i>Matubia</i> , fogos.
<i>Curia</i> , comida.	<i>Macuria</i> , comidas.

e alem destes alguns outros.

8

## CAPITULO IV

### DECLINAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

25º Comquanto dos preceitos precedentes se deduza que os nomes, sendo invariáveis em suas terminações, não tem as dissinencias proprias para estabelecer casos em suas declinações, todavia os admittimos para por elles melhor se comprehender a regencia e emprego das preposições, lembrando aqui os preceitos que sobre elles ficão estabelecidos para a euphonia e suavidade da pronuncia.

Declinação do substantivo, *riála*, homem.

#### EXEMPLOS :

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Nom. Riála</i> , o homem.	<i>Mála</i> , os homens.
<i>Gen. Ria riála</i> , do homem.	<i>la mála</i> , dos homens.
<i>Dat. Riála</i> , ao homem.	<i>Mála</i> , aos homens.
<i>Acc. Riála</i> , o homem	<i>Mála</i> , os homens.
<i>Voc. Rial'eh</i> , ó homem	<i>Mal'eh</i> , ó homens
<i>Abl. Cu riála</i> , no homem ou com o homem.	<i>Cu mála</i> , nos homens ou com os homens.

Declinação do substantivo *quialo*, cadeira.

<i>Nom. Quialo</i> , a cadeira.	<i>lalo</i> , as cadeiras.
<i>Gen. Quia quialo</i> , da cadeira.	<i>la ialo</i> , das cadeiras.
<i>Dat. Quialo</i> , á cadeira	<i>lalo</i> , ás cadeiras.
<i>Acc. Quialo</i> , a cadeira.	<i>lalo</i> , as cadeiras.
<i>Abl. Cu quialo</i> , na cadeira ou com a cadeira	<i>Cu ialo</i> , nas cadeiras ou com as cadeiras.

D'esta fórma são declinados todos os nomes substantivos, só cumprindo attender-se ás regras da formação do plural e ás do emprego das respectivas preposições.

## CAPÍTULO V

### DOS ADJECTIVOS

26ª A lingua nbundu tem muito pequeno numero de adjectivos qualificativos, os quaes são, em geral, substituidos por substantivos semelhantes precedidos da preposição que melhor convenha á euphonia da dicção.

ex : *muhat'ua nguzu*, mulher de força.

Neste exemplo se vê que o termo substantivo *nguzu* é precedido da preposição *ua*, substituindo assim o adjectivo que falta nesta lingua para exprimir esta qualidade.

27ª O pequeno numero de adjectivos que temos encontrado temos podido distinguir por serem conhecidos outros vocabulos com igual significação e que só são empregados em circunstancias em que não podem suppor-se adjectivos.

28ª Os adjectivos são sempre collocados, na oração, depois dos substantivos com que concordão ou a que se referem; mas são tambem precedidos sempre de preposição combinada com a syllaba inicial ou euphonica.

EXEMPLOS: *Riala ria rilagi*, homem de doudice (homem doudo).  
*Mut'ua rilagi*, gente de doudice (gente douda).

29ª É muito difficil, na prática, distinguir-se si é substantivo ou adjectivo o termo que indica qualidade, por haver sempre anteposta a preposição que os confunde; e por isso damos aqui em seguida uma lista de alguns vocabulos que consideramos adjectivos, não só por haver outros com igual significação substantivada, como por que estes outros que enumeramos como substantivos são sempre empregados na lingua nbandu nos casos em que são entre nós uzados os substantivos.

Em frente de cada adjectivo collocamos o seu substantivo semelhante e sua significação.

<i>Adjectivos</i>	<i>Substantivos</i>
<i>Bele</i> , magro.	<i>Cubela</i> , magreza.
<i>Belequeta</i> , molle, brando.	<i>Cubelequeta</i> , molleza, brandura.
<i>Búta</i> , curto.	<i>Cubúta</i> , curteza.
<i>Xiquiléla</i> , preto, escuro (luz).	<i>Cuxiquiléla</i> , escuridão.
<i>Xíri</i> , sujo, porco.	<i>Cuxíla</i> , porcaria.
<i>Cucúta</i> , secco.	<i>Cucucúta</i> , segura, sequeidão.
<i>Gimba</i> , grosso.	<i>Cugimba</i> , grossura.
<i>Hiábi</i> , maduro.	<i>Cúbía</i> , madureza.
<i>Huhégia</i> , sabio.	<i>Quigía</i> , sabedoria.
<i>Híba</i> , feio.	<i>Cuhíba</i> , feiura.
<i>Hoféle</i> , pequeno.	<i>Cutóla</i> , pequenez.
<i>Honêne</i> , grande.	<i>Cucúla</i> , grandeza.
<i>Lalúvi</i> , golozo.	<i>Hulalúvi</i> , golodice.

10

<i>Léba</i> , comprido.	<i>Culebeléla</i> , ou <i>Culéba</i> , com-/primento.
<i>Muxilu</i> , surdo.	<i>Huxílu</i> , surdez.
<i>Mucua</i> , outro.	
<i>Mucuaxi</i> , natural do paiz.	
<i>Mundêle</i> , branco, (pessoa)	<i>Cuzéla</i> , brancura
<i>Nbóte</i> , bom.	<i>Cúaba</i> , bondade, beleza.
<i>Nbacu</i> , impotente (para pro- genitura)	
<i>Néta</i> , gordo.	<i>Cunéta</i> , gordura.
<i>Ngacu</i> , gaco (é gallicismo)	<i>Cúcuma</i> , gaguez.
<i>Quibungi</i> , privado.	<i>Habunggi</i> , privação.
<i>Quiximba</i> , ignorante.	<i>Huximba</i> , ignorancia.
<i>Quimuânhu</i> , vagaroso.	<i>Muânhu</i> , vagar.
<i>Muêma</i> , risonho.	<i>Cumuêma</i> , sorriso.
<i>Quindandalacáta</i> , robusto.	<i>Hudandalacáta</i> , robustez.
<i>Quingínina</i> , último (em ter- minação).	<i>Cuhingínina</i> , fim.
<i>Rianga</i> , primeiro, primitivo.	
<i>Ribúbu</i> , mudo.	<i>Hubúbu</i> , mudez.
<i>Ricóta</i> , mais velho, principal, maioral.	
<i>Súcu</i> , infimo.	<i>Suquirílu</i> , inferioridade.
<i>Cussúca</i> , vermelho.	<i>Cucussúca</i> , vermelhidão.
<i>Sóssa</i> , estreito.	<i>Cuzossa</i> , estreiteza.
<i>Toba</i> , tolo.	<i>Cutóba</i> , tolice.
<i>Tuama</i> , primeiro, anterior, que vai adiante.	
<i>Zangalála</i> , atrevido.	<i>Cuzangalála</i> , atrevimento.
<i>Zéla</i> , limpo.	<i>Cuzéla</i> , limpeza.
<i>Hosso</i> , tudo, todo, toda, to- dos, todas	

30º Estes adjectivos, bem como outros que tenha a lin-  
gua, são invariáveis em genero, e são precedidos das preposi-  
ções, como já fica dito; notando que o adjectivo *mundêle*, por  
estilo da lingua, nunca é precedido de preposição; assim diz-se  
*mona mundêle*, criança branca, e não *mona m'a mundêle*, nem  
*mona u'a mundêle*.

(Vide no dicionario a origem historica da palavra *mundêle*<sup>8</sup>).

31º A respeito do termo *ndengue*, pequenez, meninice,  
tambem temos a notar que é particular a pronuncia da prepo-

sição que o precede, pois parece não existir por ser rapida a contracção. Em geral pode-se dizer que a vogal *a* que termina um nome imbebe-se sempre na preposição seguinte, e antes de termos que começão por *h* a preposição perde a letra *a*.

32º Para clareza de quanto deixamos dito damos em seguida alguns exemplos sobre os adjectivos antecedentes.

*Riála ria hiba*, homem feio.  
*Muhat'ua hiba*, mulher feia.  
*Quima quia hiba*, couza feia.  
*Muléle ua xiri*, panno sujo.  
*Nbinza ia xiri*, camiza suja.  
*Quitari quia zéle*, dinheiro limpo.  
*Mona ua lalúvi*, criança goloza.  
*Rifu ria cucúta*, folha seca.  
*Ngila í'hoféle*, caminho pequeno.  
*Quima quia nbote*, couza boa.  
*Ngila ia sóssa*, caminho estreito.  
*Mut'ua sóssa*, pessoa estreita.  
*Riala ri honêne*, homem grande.  
*Nbassá ia bútu*, bengala curta.  
*Mulemb'ua bútu*, dedo curto.  
*Mon'a ndengue*, filho pequeno.  
*Muxi ua gimba*, páu grosso.  
*Nguig'ia cucúta*, riacho seco.  
*Ngila ia lêba*, caminho comprido.  
*Nbig'ia nbóte*, peixe bom.  
*Himbua ia rilagi*, cão doudo.

33ª Dos preceitos e exemplos precedentes se conclue que, embora se desconheça a qualidade da palavra (substantivo ou adjectivo,) não resultará d'ahi erro, por que a regra que estabelece a precedencia de uma preposição antes da palavra indicativa da qualidade do substantivo é geral.

34ª Antes dos adjectivos numeraes bem como antes dos pronomes, tambem se emprega sempre uma preposição, ou repete-se a syllaba inicial do nome antecedente.

EXEMPLOS: *Quima qui moxi*, couza uma.  
*Macu ma híari*, maõs duas.

Accrescentando-se a syllaba *qui* ao adjectivo *moxi*, e a



12

syllaba *ma* ao adjectivo *hiári* deve-se dizer *quima qui mo-xi, macu ma hiári*.

35ª Antes dos adjectivos numeraes só tem lugar as syllabas euphonias, mas não as preposições, salvo quando ellas convem pela regencia da oração como na lingua portugueza.

**EXCEPÇÃO:** Quando, porem, algum adjectivo numeral é precedido de outro numeral, na formação de numeros compostos, não se addicciona ao segundo a syllaba inicial do primeiro. Assim diz-se *ma-cunhi hiári, vinte*, e não *ma-cunhi ma-hiári*. Entretanto diz-se *macu ma-hiári*, duas mãos.

## CAPITULO VI

### GRÁOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS ADJECTIVOS

36º Na lingua nbundu exprime-se os grãos de significação, comparativo e superlativo, em geral, pela addicção do adjectivo *honêne* que significa grande, e *hoféle* que significa pequeno; os quaes tambem significão, como adverbios, *muito e pouco*, quando estão immediatamente ligados a algum adjectivo ou substantivo adjectivado, com precedencia de preposição. Estes dous adjectivos são ordinariamente empregados para exprimir qualidades, quer como adjectivos proprios quer como indicadores de comparação: e, quando se pretende exprimir o superlativo, repete-se-lhe as duas syllabas finaes, e diz-se *honêne-nêne, hoféle féle*, significando assim *muito grande, muito pequeno*.

**EXEMPLOS:** *Mon' u'honêne*, filho grande.

*Mon' u'honêne-nêne*, filho muito grande (o maior).

*Quialo qu' i'hoféle*, cadeira pequena.

*Quialo qu' i'hoféle-féle*, cadeira muito pequena (a menor).

### §1º DO COMPARATIVO

37º O comparativo de igualdade portuguez determinado pela voz *tão* ou *tanto como*, é expressado na lingua nbundu pela conjuncção *cála* que significa como, omittindo-se o primeiro termo da comparação para o qual não tem os nbundus termo proprio.

**EXEMPLO:** *Riál'*                      *éri'*      *ri*                      *hava*    *cala*                      *huna*  
Homem                      este                      possui    como                      aquelle

subentendendo-se o adverbio *tanto* antes de *como*. Em *eri'* ha duas contracções de *ri ia eiê* que será depois explicada, e em *ri hava*, ha a repetição da syllaba euphonica, inicial de *riála*. Todavia algumas vezes se exprime o *tão*, ou *tanto*, pelo vocabulo *tandu* para indicar o primeiro termo da comparação; mas este vocabulo é um gallicismo ou viciação de *tanto* da lingua portugueza; e não pertence á lingua nbandu. Assim pode-se dizer:

<i>Riál'</i>	<i>éri'</i>	<i>ri</i>	<i>hava</i>	<i>cala</i>	<i>huna</i>
Homem	este		possue	como	aquelle

38º O comparativo de superioridade portuguez *mais* é determinado pelo emprego do adverbio *bêta*, depois do nome ou do adjectivo a que pertence ou a que está ligado, tanto para expressar qualidade como quantidade.

EXEMPLO:	<i>Petel'</i>	<i>uá</i>	<i>bêta</i>	<i>huápa</i>	<i>na</i>	<i>Paúlu.</i>
	Pedro	é	mais	bonjito	do que	Paulo.

Neste exemplo se vê que o segundo termo da comparação *do que* é determinado em nbandu pelo adverbio *na*.

39º O comparativo de inferioridade *menos* é determinado pelo mesmo modo que o comparativo de superioridade, dando-se á oração o sentido inverso pela mudança conveniente do competente qualificativo.

EXEMPLO:	<i>Paúl'</i>	<i>uá</i>	<i>bêta</i>	<i>cuiba</i>	<i>na</i>	<i>Petélú.</i>
	Paulo	é	mais	feito	do que	Pedro.
			menos	bonito		

Neste exemplo se vê que os termos da oração portugueza *menos bonito* foram substituidos na dicção nbandu por termos que tornão o sentido augmentativo ou de superioridade com o qualificativo opposto; taes são *bêta cuiba* que significão mais feio, para dar a ideia de menos bonito.

40º Os adjectivos comparativos *maior*, *melhor*, *menor*, *peior*, expressão-se, em nbandu, pelos termos correspondentes ás dicções portuguezas: mais grande, mais bom, mais pequeno, mais mau.

## EXEMPLOS:

1º	Esta meza	é	maior	do que	aquelle.
	<i>Nmeza m'</i>	<i>a</i>	<i>bêta cucúla</i>	<i>na</i>	<i>ma'na.</i>

14

2º Esta meza é menor do que aquella.  
*Nmeza m' 'a beta cutóla na ma'na.*

3º Este menino é melhor do que aquelle.  
*Mon'ó ua béta cuába na huná.*

4º Este menino é peor do que aquelle.  
*Mon'ó ua béta cuiba na huná.*

Em lugar competente serão explicadas as contrações que se encontram nestes exemplos.

### 2º DO SUPERLATIVO

41ª O adverbio *vúlu* que significa *muito*, precedido de uma das preposições *ia*, *ua*, é empregado depois dos adjectivos ou dos substantivos adjectivados a que se referem; e serve geralmente para indicar o superlativo absoluto, e a quantidade ou a ideia de colectivo.

**EXEMPLO:** *Nzuâ u'hava quitári ia vulu.*  
 João possui dinheiro muito.

42ª O superlativo relativo portuguez determinado pela dicção *o mais* exprime-se em nbundu pelo adverbio *béta* antes do adjectivo, sendo o artigo collocado entre este e o adverbio.

**EXEMPLO:** *Ntôni ua béta o cuva mu 'xi homo*  
 Antonio é mais o rico em terra esta

Em casos taes emprega-se em nbundu a dicção correspondente em portuguez a indicar o lugar, com a preposição *em*, e não com a preposição *de*, e a tradução de *mu'xi homo é em esta terra*.

## CAPITULO VII

### ADJECTIVOS DETERMINATIVOS

43ª Os adjectivos determinativos da lingua nbundu são somente de tres sortes: numeraes, demonstrativos, indefinitos. Os adjectivos possessivos não existem, e são substituidos pelos pronomes pessoaes precedidos de uma preposição.

### § 1º ADJECTIVOS NUMERAES

44º Os adjectivos numeraes dividem-se, como nas outras linguas, em cardeaes e ordinaes. Os cardeaes são:

*Moxi*, um; *hiári*, dous; *tátu*, tres; *huâna*, quatro; *tânu*, cinco; *samânu*, seis; *sambuári*, sete; *Náque*, Oito; *hivua*, nove; *cunhi*, dez.

Dos numeros onze até dezenove se forma a numeração com o numero *cunhi* (dez) e o numero competente ligado pela conjuncção *ne* que significa e: *cunhi ne moxi*, (dez e um) onze; *cunhi ne hiári*, (dez e dous) doze; *cunhi ne tátu*, (dez e tres) treze; *cunhi ne huâna*, (dez e quatro) quatorze; *cunhi ne tânu*, (dez e cinco) quinze; *cunhi ne samânu*, (dez e seis) dezeses; *cunhi ne sambuári*, (dez e sete) dezesete; *cunhi ne náque*, (dez e oito) dezoito; *cunhi hivua*, (dez e nove) dezenove.

45º Desde o numero 20 até 99 forma-se a numeração com o mesmo adjectivo *cunhi* precedido da syllaba *ma*, que, antes d'elle, serve de signal de multiplicação, e seguido do numero *hiári* (sem a conjuncção *ne*), o qual indica a multiplicação de dez por dous; ou seguido do numero *tátu* indicando a multiplicação de dez por tres, e assim sucessivamente.

#### EXEMPLO:

*Macunhi hiári*, vinte; *macunhi tátu*, trinta; *macunhi huâna*, quarenta; *macunhi tânu*, cincoenta; *macunhi samânu*, sessenta; *macunhi sambuári*, setenta; *macunhi náque*, oitenta; *macunhi hivua*, noventa.

E ajuntando-se a cada um destes numeros os algarismos simples necessarios, precedidos da conjuncção *ne* se formarão os numeros até 99.

#### EXEMPLOS:

*Macunhi hiari ne moxi*, vinte um; *macunhi tátu ne hiári*, trinta e dous; *macunhi huâna ne tátu*, quarenta e trez; *macunhi tânu ne huâna*, cincoenta e quatro; *macunhi samânu ne tânu*, sessenta e cinco; *macunhi sambuári ne samânu*, setenta e seis; *macunhi náque ne sambuári*, oitenta e sete; *macunhi hivua ne náque*, noventa e oito; e assim os demais.

46º Os multiplos de *cem* determinão-se pelo termo *hama*, que significa *cem*, ao qual se ajuntão os outros numeros acima mencionados: e aos multiplos de cem até novecentos, accrescenta-se ao termo *hâma* os numeros simplices que indiquem

16

quantas vezes é multiplicado o numero *hama*; notando-se que aos numeros *hiári*, *tatu*, *huâna*, *tânu*, accrescenta-se, neste caso, a syllaba *ji* como inicial.

**EXEMPLO:**

*Hâma*, cem; *hâma jhiari*, ou *j'íári*, duzentos; *hâma jitátu*, trezentos; *hâma jihuâna*, ou *j'huâna*, quatrocentos; *hâma jitanu*, quinhentos; *hâma samânu*, ou *jisamânu*, seiscentos; *hâma sambuári*, setecentos; *hâma náque*, oitocentos; *hâma hivua*, novecentos.

Deste modo, querendo-se, por exemplo, exprimir o numero 858, diremos, *hâma náque ne macunhi tânu ne náque*.

47º O numero *mil* é determinado pela composição do numero *cunhi*, seguido da preposição *ria*, á qual se ajunta o numero *hâma* indicando-se assim o numero de multiplos de *dez* por *dez de cem* tantas vezes quantas forem indicadas pelo adjectivo numeral que se seguir immediatamente. Assim para se dizer mil, se dirá *cunhi ria hâma*.

48º Na pronunção deste numero composto, há, e é sempre empregada, uma abreviatura no adjectivos *cunhi*, o qual se torna *cu'in*; e por isso se diz sempre *cu'in ria hâma*, e não como acima ficou dito para melhor intelligencia do preceito.

49º Os multiplos de mil são determinados pela anteposição da syllaba *ma* (signal de multiplicação) ao adjectivo *cunhi* ou *cu'in*, accrescentando-se-lhe o algarismo multiplicador de *cu'in* antes do termo *hâma*.

Assim diz-se:

*Cu'in ria hâma*, mil; *macu'in ria hâma*, dous mil; *macu'in tatu hâma*, trez mil; *macu'in huana hâma*, quatro mil; *macu'in tânu hâma*, cinco mil; *macu'in samânu hâma*, seis mil; *macu'in sambuari hâma*, sete mil; *macu'in náque hâma*, oito mil; *macu'in hivua hâma*, nove mil; *macu'in cunhi hâma*, dez mil; *macu'in cunhi ne moxi hâma*, onze mil; *macu'in macunhi hiari hâma*, vinte mil; *cu'in hâma tânu hâma*, quinhentos mil, e assim todos os outros.

Neste ultimo caso não está a syllaba *ji* antes de *tânu* por haver já outro numero antecedente a elle.

Deste modo, para se exprimir, por exemplo, o numero 27348, dizemos: *macu'in macunhi sambuári hâma hâma jitatu macunhi huâna ne náque*.

50º Cumpre notar que os nbandus contão apenas até o numero 50, dando a esta quantia o nome de *saco*, alludindo a conter cada saco a quantia de 50\$000 réis em cobre; e por isso dizem ordinariamente *saco j'hiari*, que significa dous sacos, em lugar de dizerem *hama*, que significa cem, etc.

51º Para se fazer comprehender por algum individuo nbandu sobre contagem de dinheiro cumpre saber que as moedas de cobre (que ha no paiz) de 50 réis são chamadas *mucuta* (plural *micuta*); as de 25 réis chamão-se *miletânu*; e as de 12 ½ réis tem o nome de *quipáca*, assim como as de meia *quipáca* se chamam *mulanbôngo*.

(Vide no dictionario a origem historica de *miletânu*<sup>9</sup>, *quipáca*<sup>10</sup> e *mulanbôngo*<sup>11</sup>, a qual muito nos custou achar)

As quantias são determinadas até 50\$000 pelo numero de mucutas (que os estrangeiros pronunciam *macutas*) ou moedas de 50 réis que terá a quantia. D'este modo a quantia de 1\$000, que contem 20 vezes 50 réis, é indicada dizendo-se *ma-cunhi hiári micuta*. (Por abreviatura supprime-se sempre o termo *micuta*, e diz-se simplesmente *macúnhi hiári*)

Em todo o caso a contagem de dinheiro só se faz por determinação do numero de macutas, em quantias menores de sacos, correspondendo cada um a esta quantia.

52º Os numeros ordinaes formão-se dos cardeaes precedendo-os da palavra *quiá* assim diz-se:

*Quiá-moxi*, primeiro

*Quiá-hiári*, segundo

*Quiá-tátu*, terceiro

*Quiá-huâna*, quarto

*Quiá-tânu*, quinto

*Quiá-samânu*, sexto

*Quiá-sambuári*, sétimo

*Quiá-náque*, oitavo

*Quiá-hivu*, nono

*Quiá-cunhi*, decimo

*Quiá-cunhi ne moxi*, decimo primeiro

*Quiá-cunhi ne hiári*, decimo segundo

E assim todos os outros.

53º O adjectivo numeral *mil* tambem é indicado, na lingua nbandu, pelo gallicismo *miri*, imitado do vocabulo portuguez *mil*; por isso tambem se diz vulgarmente:

18

<i>Miri</i>	em lugar de	<i>cu'in r'ia hama</i>
<i>Cu'in r'ia míri</i>	“ “	<i>macu'in r'ia hama</i>
<i>Cu'in r'ia miri ne moxi</i>	“ “	<i>macu'in r'ia hama ne moxi</i>
<i>Macunhi hiári a míri</i>	“ “	<i>macu'in macunhi hiàri hama</i>
<i>Hama jitânu j'ia miri</i>	“ “	<i>macu'in hama tânu hama</i>

E assim os mais.

### § 2º DOS ADJECTIVOS DEMONSTRATIVOS

54º Os adjectivos demonstrativos da lingua nbundu são:

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Hío, este, esta.</i>	<i>Hia, estes, estas.</i>
<i>Huna, aquella, aquella.</i>	<i>Hana, aquellos, aquellas.</i>

55º Estes adjectivos são, como todos os outros, precedidos das letras euphonicas relativas ás iniciaes dos substantivos antecedentes, com os quaes estes adjectivos concordão, quando convém á euphonia, bem como das preposições convenientes para formarem os casos, e soffrem tambem muitas contracções conforme as regras e exemplos seguintes, nos quaes se notão, entre parenthesis, as demonstrações das contracções.

**Regra 1ª** Quando o substantivo começa pela syllaba *qui* emprega-se, em lugar do adjectivo *lo, la*, o pronome *quiqui*, o qual, por contracção ou abreviatura, se diz *qui*. Neste caso, por elegancia de dicção, antepõe-se muitas vezes a vogal e á syllaba *qui*, imbebendo a vogal que termina o substantivo antecedente. Assim diz-se *quima qui*, ou *quim'equi*, em lugar de *quima quiquí*.

**Regra 2ª** Relativamente aos adjectivos *huna, hana*, as contracções que tem lugar entre as vogaes das syllabas euphonicas e as das iniciaes dos demonstrativos são sempre de tal modo que fica eliminada a primeira syllaba do adjectivo, a qual é substituida pela syllaba euphonica precedente, sendo o adjectivo representado pela syllaba final *na*.

**Regra 3ª** Quando os substantivos começam pela syllaba *mo*, ou *mu*, seguem as contracções a regra geral: isto é; fica imbebida a vogal da syllaba euphonica, quando a há, na primeira syllaba do demonstrativo, que é conservada.

**EXEMPLOS DO ADJECTIVO SINGULAR *Io*.**

Esta couza é alheia  
*Quima qui (qui io) quí a nguene*  
 couza este (*contrahida*) *euphonica* é alheia

Este homem é fallador  
*Rial' eri (ri io) tem o verbo occulto muzuêri*  
 Homem este (*contraido*) *entende-se o verbo ua, è* fallador

**EXEMPLOS DO ADJECTIVO *Ia*, PLURAL DE *Io*.**

Estas couzas são feias  
*Ima ei i' a hiba*  
 couzas estas *euphonica* são feias

Estes cavallos são grandes  
*Jicabálo j'i jí a honêne*  
 Cavallos estes *euphonica* são grandes

Estes homens são falladores  
*Mala m' á hazuêri*  
 Homens estes são falladores

Nota. Nos exercicios praticos serão explicadas as contracções *ei, j'i, m'a*, dos três exemplos antecedentes.

**EXEMPLOS DO ADJECTIVO *Huna*.**

Aquella criança é bonita  
*Moma huna uá huába*  
 Criança aquella é bonita

Aquella cousinha é feia.  
*Ca'ma ca 'na<sup>12</sup> c' a híba*  
 Cousinha *euphonica* aquella *euphonica* é feia

Nota. Neste exemplo, *ca'ma* é abreviatura de *caquima*, composto da *syllaba ca*, indicativa do diminutivo, e do substantivo *quima*, que significa *couza*.



20

**EXEMPLOS DE *Hana*. PLURAL DE *Huna***

			Aquellas cousas são feias			
<i>Ina</i>	<i>i'na</i>	<i>i'</i>	<i>a</i>	<i>hiba</i>		
Couzas	aquellas	<i>euphonica</i>	são	feias		
			Aquelles brancos são portugueses			
<i>Mindéle</i>	<i>i</i>	<i>'na</i>	<i>i'</i>	<i>a</i>	<i>pútú</i>	
Branços	<i>euphonica</i>	aquelles	<i>euphonica</i>	são	portuguezes	
			Aquellas camisas são compridas			
<i>Jinbinza</i>	<i>ji</i>	<i>'na</i>	<i>ji</i>	<i>a</i>	<i>léba</i>	
Camizas	<i>euphonica</i>	aquellas	<i>euphonica</i>	são	compridas	
			Aquellas crianças são bonitas.			
<i>Ana</i>	<i>hana</i>	<i>a</i>	<i>huába</i>			
Crianças	aquellas	são	bonitas			

56º Nas orações que são terminadas em pronome demonstrativo é este sempre expressado pelo termo *hií*.

**EXEMPLOS:**

	Aquelle caminho é mais curto do que este							
<i>Ngila</i>	<i>i</i>	<i>'na</i>	<i>i'</i>	<i>a</i>	<i>beta</i>	<i>cututa</i>	<i>na</i>	<i>hií</i>
Caminho	<i>euphonica</i>	aquelle	<i>euphonica</i>	é	mais	curto	do que	este
	Aquellas couzas são melhores do que estas.							
<i>Ima</i>	<i>i</i>	<i>'na</i>	<i>i'</i>	<i>a</i>	<i>beta</i>	<i>cuába</i>	<i>na</i>	<i>hií</i>
couzas	<i>euphonica</i>	aquellas	<i>euphonica</i>	são	mais	boas	do que	estas
					melhores			

**§3º DOS ADJECTIVOS INDEFINITOS.**

57º Ha grande originalidade, na lingua nbundu, pelo que respeita aos adjectivos indefinitos, para alguns dos quaes não ha

vocabulos proprios: e, para melhor fazer comprehendel-os, trataremos de cada um d'elles em particular, começando por enumeral-os na lingua portugueza, na qual ha os seguintes:

Cada.	Tal.
Nenhum.	Mesmo, mesma.
Outro, outra.	Qualquer.
Todo, tudo.	Algum, alguma.

58º O adjectivo indefinito portuguez *cada* é determinado na lingua nbandu pelo termo *moxi* (ou *mochi*), que é também o adjectivo numeral que significa *um*, da mesma maneira que na lingua portugueza, e em outras linguas, o numeral *um* é frequentemente empregado como indefinito, como quando dizemos: *encontrei um homem*, em lugar de, *certo* ou *algum homem*. Note-se, porem, que, na lingua nbandu, o substantivo a que o adjectivo *mochi* se refere em tal caso precede-o sempre, e é empregado no plural, e seguido de sua respectiva syllaba euphonica; e o verbo da oração é posto no plural.

#### EXEMPLOS.

Cada homem tem seus vícios.

<i>Mala</i>	<i>ma</i>	<i>mochi</i>	<i>ene</i>	<i>ne</i>	<i>hifa</i>	<i>ia</i>	<i>hiba</i>
Homens	<i>euphonica</i>	um	tem	<i>euphonica</i>	costumes	de	mãos

Note-se que, em nbandu, a palavra *vicio* é indicada por *mãos costumes*, por falta de termo proprio.

Cada mulher tem suas virtudes

<i>Ahatu</i>	<i>a</i>	<i>mochi</i>	<i>ene</i>	<i>ne</i>	<i>hifa</i>	<i>ia</i>	<i>nbote</i> .
Mulheres	<i>euphonica</i>	uma	tem	<i>euphonica</i>	costumes	de	bons.

59º O adjectivo indefinitivo portuguez *nenhum* não tem vocabulo equivalente na lingua nbandu, mas é supprido pela dicção *não ha*.

#### EXEMPLOS.

Nenhum homem está contente com a sua sorte

<i>Cann</i>	<i>'a</i>	<i>riala</i>	<i>ri</i>	<i>fica</i>	<i>uá</i>	<i>zérihua</i> .
não	ha	homem	<i>euphonica</i>	pensa	é	ser feliz.

22

		Nenhuma mulher se julga feliz				
<i>Cann</i>	'a	<i>muhatu</i>	<i>u</i>	<i>fica</i>	<i>ua</i>	<i>zèrihua.</i>
Não	ha	mulher	<i>euphonica</i>	pensa	é	ser feliz.

		Nenhuns cavallos são fortes				
<i>Cann</i>	a'	<i>jicabalo</i>	<i>ji</i>	<i>a</i>	<i>suína.</i>	
Não	ha	cavallos	<i>euphonica</i>	são	fortes.	

Nota. O termo *cabalo* e seu plural *jicabalo* são viciação do termo portuguez *cavallo*.

		Nenhumas cazas são bonitas				
<i>Cann</i>	'a	<i>j'hinzo</i>	<i>ji</i>	<i>a</i>	<i>huaba.</i>	
Não	ha	cazas	<i>euphonica</i>	são	bonitas.	

60º O adjectivo indefinito portuguez *outro* é expressado, na lingua nbundu, pelo termo *hengui*, precedido da syllaba euphonica indicada pela inicial do nome antecedente.

**EXEMPLO.**

		Outras mulheres não servem				
<i>Ahatu</i>	<i>hengui</i>	<i>c'</i>	<i>a</i>	<i>tênâ.</i>		
Mulher	outras	não	são	servir.		

61º O adjectivo indefinito portuguez *todo* é determinado, na lingua nbundu, pelo termo *hosso*, o qual no singular é anteposto ao substantivo e seguido do artigo *o*: mas no plural é collocado depois do substantivo, precedido da syllaba euphonica correspondente.

**EXEMPLOS.**

		Todo homem é atrevido				
<i>Hosso</i>	<i>o</i>	<i>riala</i>	<i>ua</i>	<i>zangalála.</i>		
Todo	<i>o</i>	homem	é	atrevido.		

		Toda mulher é teimosa				
<i>Hosso</i>	<i>o</i>	<i>muhatu</i>	<i>ua</i>	<i>giza</i>		
Toda	<i>a</i>	mulher	é	teimosa		

Todos os ratos são medrosos

<i>Mabengo</i>	<i>m'</i>	<i>hosso</i>	<i>ene</i>	<i>ne</i>	<i>homa.</i>
Ratos	<i>euphonica</i>	todos	são	<i>euphonica</i>	medrosos

Todas as árvores dão frutos

<i>Mixi</i>	<i>hosso</i>	<i>hima.</i>
Árvores	todas	produzem.

Nota. Neste último exemplo não foi empregada a inicial de *michi* (ou *mixi*) antes de *hosso* para se mostrar que antes de outro adjectivo não é indispensável a syllaba euphonica se não nos cazos em que, como no exemplo precedente, o substantivo *mabengo* acaba na mesma vogal *o* que existe também na primeira syllaba do adjectivo *hosso*: e, nestes cazos, para evitar a elizão, ou para não tornar aspera a pronúncia, é indispensavel o emprego da syllaba euphonica.

O termo *hosso* também é adverbio significando *tudo*.

62º Na lingua nbandu não ha vocabulo para determinar o adjectivo portuguez *tal*, o qual é supprimido, enunciando-se somente o substantivo.

#### EXEMPLOS.

Tal dia hade chegar

<i>Quizua</i>	<i>qui</i>	<i>'a</i>	<i>cu hiza.</i>
Dia	<i>euphonica</i>	hade	chegar.

Tal cousa hade acontecer

<i>Quima</i>	<i>qui</i>	<i>'a</i>	<i>cu bita.</i>
Couza	<i>euphonica</i>	hade	acontecer.

Taes homens hoje hão de morrer

<i>Mala</i>	<i>m'</i>	<i>a</i>	<i>fua</i>	<i>lélu.</i>
Homens	<i>euphonica</i>	hãode	morrer	hoje.

Taes riquezas hoje hão de acabar

<i>Cúvua</i>	<i>cu</i>	<i>o</i>	<i>cu bua</i>	<i>lélu</i>
Riquezas	<i>euphonica</i>	as	acabaram	hoje

Notas. Por este último exemplo se vê que, quando se trata de nome do genero feminino no numero plural emprega-se o artigo entre a syllaba euphonica e o termo que se segue.

24

O termo *lélu*, assim como todos os advérbios, são sempre collocados no fim das orações, na lingua nbundu.

63º O adjectivo indefinito portuguez *mesmo* é expressado pelo vocabulo *muêne* collocado depois do nome com que concorda: e, em taes cazos, pode-se empregar o artigo antes do substantivo em ambos os generos e numeros.

**EXEMPLOS.**

O mesmo lobo virá morder					
<i>Quinbungo</i>	<i>muêne</i>	<i>hária</i>	<i>qui</i>	<i>lumata.</i>	
Lobo	mesmo	virá	<i>euphonica</i>	morder.	
A mesma onça o matará					
<i>O hongo</i>	<i>muêne</i>	<i>cu</i>	<i>m'ú</i>	<i>giba.</i>	
A onça	mesma	<i>euphonica</i>	o	matará <sup>13</sup> .	
A mesma couza aconteceo					
<i>Quima</i>	<i>muêne</i>	<i>qui</i>	<i>'a</i>	<i>bitile.</i>	
Couza	mesma	<i>euphonica</i>	foi	acontecida.	
Os mesmos elephantes passarão por aqui					
<i>O</i>	<i>ginzamba</i>	<i>muêne</i>	<i>gi'</i>	<i>a</i>	<i>bitile</i>
Os	elephantes	mesmos	<i>euphonica</i>	forão	passados <i>bôba.</i>
As mesmas mulheres fallarão nisso					
<i>Ahatu</i>	<i>muêne</i>	<i>'a</i>	<i>hii</i>	<i>zuélele.</i>	
Mulheres	mesmas	tem	isso	fallado.	

Nota = Nestes exemplos temos a explicar o seguinte, além do que será explicado em lugar competente.

1º Na primeira oração encontra-se o termo *hária* que em nbundu é empregado para expressar, como uma pharze<sup>14</sup>, a ideia de tempo futuro indeterminado, isto é: a indefinibilidade do tempo.

2º Na 2ª oração se encontra as expressão<sup>15</sup> *cum'ugiba*, cuja explicação é a seguinte; sendo adicção<sup>16</sup> portugueza *o matará*, e tendo o verbo matar o pronome = *o* = com o seu regimen ou accusativo, convem saber que, na lingua nbundu, tal pronome relativo pessoal não existe, e é substituído pelo pronome pes-

soal *muêne* (que também é pronome que significa *elle* e adverbio significando *mesmo*). A syllaba *cu* é determinativa dos infinitos dos verbos; e, em orações em que se encontre pronome pessoal como regimen do verbo é ella empregada, posto que em geral não o seja antes dos verbos que já a tem no principio do vocabulo. Por tanto, por elegancia do idioma e por abreviatura da dicção, em lugar de se dizer *muêne cugiba* diz-se *cu-mu giba*, que sem a grande elisão feita no termo *muêne*, seria *cu muêne giba*, ou, *muêne cu giba*.

61º O adjectivo indefinito portuguez *qualquer* é determinado no singular pelo termo *hosso* (que significa *todo*) repetido e precedido sempre da syllaba euphonica inicial do nome antecedente: mas quando se falla no plural repete-se o substantivo pronunciando-se apenas uma vez o termo *hosso*, ou mesmo supprimindo-o.

#### EXEMPLOS:

		Qualquer dia eu virei				
Quizua	<i>qui</i>	<i>hosso</i>	<i>qui</i>	<i>hosso</i>	<i>emme</i>	<i>ng'hiza</i> .
Dia	<i>euphonica</i>	todo	<i>euphonica</i>	todo	eu	venho.

		Qualquer cama me serve					
Rilonde	<i>ri</i>	<i>hosso</i>	<i>ri</i>	<i>hosso</i>	<i>ri</i>	<i>ngui</i>	<i>tena</i> .
Cama	<i>eupho-nica</i>	toda	<i>eupho-nica</i>	toda	<i>eupho-nica</i>	sou	servido.

		Quaesquer ferros são bons		
Hitari	<i>hitari</i>	<i>hi</i>	<i>a</i>	<i>huába</i> .
Ferros	ferros	<i>euphonica</i>	são	bons.

		Quaesquer cadeiras são bonitas		
lalo	<i>ialo</i>	<i>i</i>	<i>a</i>	<i>huába</i> .
Cadeiras	cadeiras	<i>euphonica</i>	são	bonitas.

		Qualquer faz o que entende.			
Hosso	<i>hosso</i>	<i>u</i>	<i>banga</i>	<i>'ié</i>	<i>gia</i> .
Todo	todo	é	feito	elle	saber.

62º O adjectivo indefinito portuguez *algum* é indicado em nbandu como o adjectivo *cada*, notando-se que o substantivo

26

está sempre no singular com este ultimo, e só se póde distinguir o significado do adjectivo *algum* pelo sentido oracional e quando o substantivo está no plural.

**EXEMPLOS:**

		Algum homem virá				
<i>Riála</i>	<i>ri</i>	<i>mochi</i>	<i>r'</i>	<i>hiza.</i>		
Homem	<i>euphonica</i>	algum	<i>euphonica</i>	vem.		
		cada				
		Alguma coisa se hade fazer				
<i>Quima</i>	<i>qui</i>	<i>mochi</i>	<i>qu'</i>	<i>hiza</i>	<i>cubanga.</i>	
Couza	<i>euphonica</i>	alguma	<i>euphonica</i>	será	fazer.	
		cada				
		Alguns leões hão de apparecer				
<i>Jioji</i>	<i>ji</i>	<i>mochi</i>	<i>j'</i>	<i>hiza</i>	<i>cutuculuca.</i>	
Leões	<i>euphonica</i>	alguns	<i>euphonica</i>	hão de	apparecer.	
		cada				
		Algumas cobras hão-de fugir				
<i>Jinhoca</i>	<i>ji</i>	<i>mochi</i>	<i>j'</i>	<i>hiza</i>	<i>culenga.</i>	
Cobras	<i>euphonica</i>	algumas	<i>euphonica</i>	hão de	fugir.	
		cada				

Nota = Pelo segundo exemplo se vê que, quando o verbo é recíproco, não admite antes de si a syllaba euphonica.

**CAPITULO VIII*****Dos pronomes*****§1º PRONOMES PESSOAES E POSSESSIVOS**

63º Os pronomes pessoaes são os seguintes:

<i>Êmme.</i>	<i>Eiê.</i>	<i>Muêne.</i>	<i>Etu.</i>	<i>Enu.</i>	<i>Êne.</i>
Eu.	Tu.	Elle.	Nós.	Vós.	Elles.

64º Estes pronomes são declinaveis, formando cazos com as preposições, do modo seguinte:

**Declinação do pronome *emme*, eu.**

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Nom.</i>	<i>Emme</i> , eu.	<i>Êtu</i> , nós.
<i>Gen.</i>	<i>Ia'me</i> , de mim.	<i>I'êtu</i> , de nós.
<i>Dat.</i>	<i>A'me</i> , a mim.	<i>Cu êtu</i> , a nós.
<i>Accu.</i>	<i>Pal'emme</i> , para mim.	<i>Pal'êtu</i> , para nós.
<i>Abl.</i>	<i>N'emme</i> , comigo.	<i>N'êtu</i> , conosco.

**Declinação do pronome *eiê*, tu.**

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Nom.</i>	<i>Eiê</i> , tu.	<i>Enu</i> , vós.
<i>Gen.</i>	<i>'iê</i> , de ti.	<i>I'ênu</i> , de vós.
<i>Dat.</i>	<i>A'iê</i> , a ti.	<i>Cu ênu</i> , a vós.
<i>Accu.</i>	<i>Pal'eiê</i> , para ti.	<i>Pal'ênu</i> , para vós.
<i>Abl.</i>	<i>N'eiê</i> , contigo	<i>N'ênu</i> , comvosco.

**Declinação do pronome *Muêne*, elle.**

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Nom.</i>	<i>Muêne</i> , ele.	<i>Ene</i> , elles.
<i>Gen.</i>	<i>Ia muêne</i> , d'elle.	<i>I'êne</i> , d'elles.
<i>Dat.</i>	<i>A'muêne</i> , a elle	<i>Cu êne</i> , a elles.
<i>Acc.</i>	<i>Pala muêne</i> , para elle.	<i>Pal'êne</i> , para elles.
<i>Abl.</i>	<i>Ni muene</i> , com elles	<i>N'êne</i> , com elles.

Note-se que nestas declinações o pronome *emme* é imbebido na preposição, no genitivo e dativo do singular: que o pronome *eiê* é imbebido também nos mesmos casos, notando-se que a preposição *ia* também é contrahida no genitivo: que em todos os outros casos, nos tres pronomes, as preposições soffrem contracção quando o pronome começa por letra vogal.

Antes d'estes pronomes não tem lugar o emprego da letra euphonica.

65º Estes pronomes são empregados, como em todas as outras linguas, na conjugação dos verbos, servindo-lhes de sujeito, tanto exprimindo pessoas como cousas. Na lingua nbandu também servem de regimen, servindo de pronomes relativos, e também de pronomes possessivos e adjectivos possessivos, sendo precedidos de uma preposição: e se collocão na oração em seguida ao objecto possuido. Nestes casos formão com as



82<sup>17</sup>

preposições que os precedem as convenientes contracções e elizões, e não tem nominativo na sua declinação.

### § 2º PRONOMES DEMONSTRATIVOS

66º Os pronomes demonstrativos da lingua nbundu são os mesmos adjectivos demonstrativos; e se distinguem por estarem na oração sem concordar com o substantivo, que é por elles substituído.

### § 3º PRONOMES RELATIVOS

67º Os pronomes relativos são os mesmos pronomes pessoais, quando servem de regimen ou accusativo dos verbos, e precedidos ou não de preposição conforme o regimen é directo ou indirecto.

### § 4º PRONOMES INDEFINITOS

68º Não ha pronomes indefinitos na lingua nbundu; mas uza-se uma abreviatura, ou uma phrase, para exprimir a acção dos verbos em sentido indefinito ou indeterminado.

## CAPITULO IX DOS VERBOS

69º Conjugação do verbo auxiliar *cu cala*, ser ou estar.

### MODO INDICATIVO *Tempo presente*

#### *Singular*

*Emme nghi*, eu sou.

*Emme ngala*, ou *nghe'ene*, eu tenho.

*Eiê ua*, tu és.

*Eiê uala*, ou *u'ene*, tu tens.

*Muêne ua*, elle é.

*Muêne uala*, ou *u'ene*, elle tem.

#### *Plural*

*Etu tu a*, nós somos.

*Etu tu ala*, ou *tu ene*, nós temos.

*Enu nu a*, vós sois.

*Enu nu ala*, ou *nu ene*, vós tendes.

*Ene a*, elles são.

*Ene ala*, ou *ene*, elles tem.

**Preteritos, imperfeito, perfeito e mais que perfeito.***Singular*

*Emme ngh'a quexe, ou ngh'a quexile, ou ngh'exile ou ngh'exe, eu era, ou tinha tive ou houve, tinha tido etc.*

*Eiê ua quexe, ou ua quexile, ou u'exile, ou u'exe tu eras, ou tinhas etc.*

*Muêne ua quexe, ou ua quexile, ou u'exile, ou u'exe elle era, ou tinha etc.*

*Plural*

*Etu tu a quexe, ou tu a quexile, ou tu'exile, ou tu'exe, nós éramos ou tínhamos etc.*

*Enu nu a quexe, ou nu a quexile, ou nu'exile, ou nu'exe, vós eréis, ou, estaveis etc.*

*Ene á quexe, ou a quexile, ou 'exile, 'exe, elles erão ou estavam etc.*

**Preterito composto***Singular*

*Emme ngh'ene mu cala, eu tenho sido ou tido.*

*Eie u'ene mu cala, tu tens sido ou tido.*

*Muene u'ene mu cala, elle tem sido ou tido.*

*Plural*

*Etu tu ene mu cala, nós temos sido, ou tido.*

*Enu nu ene mu cala, vós tendes sido, ou tido.*

*En'ene mu cala, elles tem sido ou tido.*

**Futuro**

Na lingua nbandu o futuro do verbo auxiliar é indicado pelo tempo presente do indicativo.

**MODO CONDICIONAL****Tempos presente e passado***Singular*

*Emme ngh'egile cu cala, eu seria, ou teria sido, teria ou teria tido.*

*Eie u egile cu cala, tu etc.*

*Muene u egile cu cala, elle etc.*

*Plural*

*Etu tu egile cu cala, nós etc.*

*Enu nu egile cu cala, elles etc.*

*En'egile cu cala, elles etc.*

30

**MODO IMPERATIVO*****Tempo presente****Singular**Cala*, tem, sê.*A'cal'e*, tenha, seja elle.*Plural**Tu cale*, tenhamos, sejamos.*Cal'enu*, têmde, sêde*A'cal'e*, tenham, sejam elles.**MODO CONJUNCTIVO*****Presente e imperfeito****Singular**Emme nghi cale*, que eu seja, fosse, tenha tivesse*Eie u cale*, que tu etc.*Muene a cale*, que elle etc.*Plural**Etu tu cale*, que nós etc.*Enu nu cale*, que vós etc.*Ene a cale*, que elles etc.

NOTA — O preterito e o mais que perfeito são os mesmos do modo indicativo.

**MODO INFINITO*****Presente****Cu cala*, ser, ter.***Preterito****U exile*, ter tido, ter tido.**PARTICÍPIOS*****Presente****Cu cala*, sendo, tendo.***Passado****Ua cala*, sido, tido.

70º Pela conjugação do verbo *cu cala* fica provado que o idioma nbundu tem apenas um auxiliar que significa *ser* e *ter*; e também substitue o sentido que na lingua portuguesa é enunciado pelos auxiliares *estar* e *haver*.

## CAPITULO X

**Regras para a conjugação dos verbos da lingua nbandu.**

71º Os verbos da lingua nbandu conjugão-se do mesmo modo que os das outras linguas cultas; mas são todos sómente *passivos, impessoaes e defectivos*.

72º Os tempos dos verbos derivão-se: 1º do presente do infinito; 2º do participio passado. Donde se conclue que, o presente do modo infinito e o participio passado são os dous tempos primitivos dos verbos da lingua nbandu.

73º O presente do modo infinito fórma:

1º O presente do modo indicativo, substituindo a syllaba inicial *cu* do infinito pelos pronomes pessoaes ou pelo sujeito do verbo seguido das syllabas do verbo auxiliar *ngui* na 1ª pessoa; *u* na 2ª e na 3ª do singular; e das syllabas euphonicas *tu* na 1ª, *nu* na 2ª, *a* na 3ª pessoas do plural.

2º O preterito composto, do mesmo modo que o *presente*, addicionando ás syllabas do auxiliar os monossyllabos *éne mu*.

3º O futuro simples e o composto do modo indicativo, e o futuro do modo conjunctivo da mesma maneira que o presente do *indicativo*, addicionando ás syllabas do auxiliar a syllaba *qui*.

4º O presente e o passado do modo condicional da mesma maneira que os antecedentes, mas addicionando á syllaba do auxiliar a syllaba *egi*, e empregando tambem a determinativa do infinito.

5º A segunda pessoa do modo imperativo só pela supressão da syllaba *cu* que é a determinativa do infinito presente de todos os verbos.

6º O preterito do infinito e os participios presente e futuro, conservando a syllaba inicial do infinito, seguindo-a da syllaba *qui* antes do verbo.

74º O participio passado fórma:

1º Os preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito do indicativo, substituindo a inicial do infinito pelos pronomes pessoaes com as mesmas syllabas do auxiliar seguidas da vogal *a* antes do verbo.

2º A terceira pessoa do singular do imperativo precedendo ao verbo a vogal *a* e seguindo-lhe o pronome pessoal contrahido.

3º A primeira pessoa do plural do imperativo precedendo ao verbo a syllaba *tu*, e seguindo o pronome pessoal.

32

4º A segunda pessoa do plural do imperativo precedendo o verbo ao pronome, sem a syllaba signal *cu*.

5º A terceira pessoa do plural do imperativo, antepondo ao verbo a vogal *a*, e collocando depois d'elle o pronome pessoal.

6º O presente do conjunctivo do mesmo modo que o do indicativo, com a differença que tem a terminação em *e* do participio passado, sendo irregular nas 2<sup>as</sup> pessoas do singular e do plural, perdendo o auxiliar e tendo a terminação do presente do indicativo.

7º O imperfeito e o mais que perfeito do modo conjunctivo, empregando as syllabas *a qui* depois dos pronomes e das syllabas do auxiliar antes do verbo.

8º O participio futuro, precedendo ao primitivo as syllabas *qui a u*.

## CAPITULO XI

75º §1º Conjugação dos verbos regulares

### Conjugação do verbo *cu banga* fazer. *Tempos primitivos*

*Presente do infinitivo*  
*Cu banga*, fazer.

*Participio passado*  
*Banguete*, feito.

#### MODO INDICATIVO *Tempo presente*

*Singular*  
*Emme nghi banga*, eu faço.  
*Eiê u banga*, tu fazes.  
*Muêne u banga*, elle faz.

*Plural*  
*Etu tu banga*, nós fazemos.  
*Enu nu banga*, vós fazeis.  
*Ene a banga*, elles fazem.

#### *Preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito*

*Singular*  
*Emme ngh'a banguete*, fazia,  
fiz, tinha feito.  
*Eiê ua banguete*, tu etc.  
*Muêne ua banguete*, elle etc

*Plural*  
*Etu tu a banguete*, nós fazíamos,  
fizemos, tínhamos feito.  
*Enu nu a banguete*, vós etc.  
*Ene a banguete*, elles etc.

**Futuros, simples e composto do indicativo e futuro do conjuntivo***Singular*

*Emme nghi qui banga*, eu farei,  
terei feito, que eu faça  
*Eiê u qui banga*, tu etc.  
*Muene u qui banga*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu qui banga*, nós etc.  
*Enu nu qui banga*, vós etc.  
*Ene a qui banga*, elles etc.

**Preteritos compostos e indefinito***Singular*

*Emme ngh'ene mu banga*, eu te-  
nho feito  
*Eie u ene mu banga*, tu etc.  
*Muene u ene mu banga*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu ene mu banga*, nós  
etc.  
*Eme nu ene mu banga*, vós etc.  
*En'ene mu banga*, elles etc.

**MODO CONDICIONAL****Presente e passado***Singular*

*Emme ngh'egi cu banga*, eu fa-  
ria, teria feito.  
*Eie u egi cu banga*, tu etc.  
*Muene u egi cu banga*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu egi cu banga*, nós etc.  
*Eme nu egi cu banga*, vós etc.  
*En'egi cu banga*, elles etc.

**MODO IMPERATIVO****Presente***Singular*

*Banga*, faze tu.  
*Muene a bangu*, faça elle.

*Plural*

*Tu bangu'etu*, façamos nós.  
*Bangu'eme*, fazei vós.  
*Ene a bangu*, façam elles.

**MODO CONJUNCTIVO****Presente**

*Emme nghi bangu*, que eu faça  
*Eie u bangu*, que tu etc.

34

*Muene a bangué*, que elle etc*Etu tu bangué*, que nós etc.*Enu nu bangué*, que vós etc.*Ene a bangué*, que elles etc.**Preteritos, imperfeito e mais que perfeito***Singular**Emme ngh'a qui bangu'ele*, Eu  
fizesse, tivesse feito*Eiê u a qui bangu'èle*, tu etc*Muêne u a qui bangu'ele*, elle  
etc*Plural**Etu tu a qui bangu'ele*, nós  
etc.*Enu nu a qui bangu'ele*, nós<sup>18</sup>  
etc.*Ene a qui bangu'ele*, elles etc.**MODO INFINITO****Presente***Cu banga* — fazer**Preterito e participios presente e futuro***Cu qui banga* — feito, fazendo, tendo feito**Participio passado***Qui a u bangué* — feito76ª Conjugação do verbo — *cu zuéla* — fallar**MODO INDICATIVO****Tempo presente***Singular**Emme nghi zuéla*, eu fallo*Eie u zuéla*, tu fallas*Muene u zuéla*, elle falla*Plural**Etu tu zuéla*, nós fallamos*Enu nu zuéla*, vós fallaes*Ene a zuéla*, elles fallão**Preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito***Singular**Emme ngh'a zuél'ele*, eu falla-  
va, fallei, tinha fallado*Eie u a zuél'ele*, tu etc.*Muene u a zuél'ele*, tu etc.*Plural**Etu tu a zuél'ele*, nós etc.*Enu nu a zuél'ele*, vós etc.*Ene a zuél'ele*, elle etc.

**Futuros simples e composto do indicativo e presente do conjuntivo**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme ngh' qui zuéla</i> — eu fallarei, terei fallado.	<i>Etu tu qui zuéla</i> — nós etc.
<i>Eie u qui zuéla</i> — tu etc.	<i>Enu nu qui zuéla</i> — vós etc.
<i>Muene u qui zuéla</i> — elle etc.	<i>Ene a qui zuéla</i> — elles etc.

**Preteritos composto e indefinito**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme ngh'ene mu zuéla</i> — eu tenho fallado	<i>Etu tu ene mu zuéle</i> — nós etc.
<i>Eie u ene mu zuéla</i> — tu etc.	<i>Enu nu ene mu zuéla</i> — vós etc.
<i>Muene u ene mu zuéla</i> — elle etc.	<i>En'ene mu zuéla</i> — elles etc.

**MODO CONDICIONAL**

**Presente e passado**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme ngh'egi cu zuéla</i> — eu fallaria, teria fallado	<i>Etu tu egi cu zuéla</i> — nós etc.
<i>Eie u egi cu zuéla</i> — tu etc.	<i>Enu nu egi cu zuéla</i> — vós etc.
<i>Muene u egi cu zuéla</i> — elle etc.	<i>En'egi cu zuéla</i> — elles etc.

**MODO IMPERATIVO**

**Presente**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Zueka</i> — falla tu.	<i>T u zuél'etu</i> — fallemos nós.
<i>Azuél'e muêne</i> — falle elle.	<i>Zuél'enu</i> — fallai vós.
	<i>A zuél'ene</i> — fallem elles.



36

**MODO CONJUNCTIVO*****Tempo presente****Singular*

*Emme ngui qui zuéle*, que eu  
falle.

*Eie u qui zuéle*, que tu etc.

*Muene a qui zuéle*, que elle etc.

*Presente*<sup>19</sup>

*Ntu tu qui zuéle*, que nós etc.

*Nnu nu qui zuéle*, que vós etc.

*Ene a qui zuéle*, que elles etc.

***Preteritos, imperfeito e mais que perfeito****Singular*

*Emme ngh'a qui zuél'ele*, eu fal-  
lasse, tivesse fallado.

*Eiê u a qui zuél'ele*, tu etc.

*Muêne u a qui zuél'ele*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu a qui zuél'ele*, nós etc.

*Enu nu a qui zuél'ele*, vós etc.

*Ene a qui zuél'ele*, elles etc.

**MODO INFINITO*****Presente***

*Cu zuéla* — fallar.

*Preterito, participios presente e futuro*

*Cu qui zuela* — fallado, fallando, devendo fallar.

***Participio passado***

*Qui a u zuéle* — fallado.

77<sup>o</sup> Conjugação do verbo *cu ria* comer.

**MODO INDICATIVO*****Tempo presente****Singular*

*Emme nghi ria*, eu como.

*Eie u ria*, tu comes.

*Muêne u ria*, elle come.

*Plural*

*Etu tu ria*, nós comemos.

*Enu nu ria*, vós comeis.

*Ene a ria*, elles comem.

**Preteritos, imperfeito, perfeito e mais que perfeito**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme ngh'a rile</i> — eu comia, comi, tinha comido.	<i>Etu tu a rile</i> — nós etc.
<i>Eiê u a rile</i> — tu etc.	<i>Enu nu a rile</i> — vós etc.
<i>Muêne u a rile</i> — elle etc.	<i>Ene a rile</i> — elles etc.

**Futuros, simples e composto do indicativo**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme nghi qui ria</i> — eu comerei, terei comido.	<i>Etu tu qui ria</i> — nós etc.
<i>Eiê u qui ria</i> — tu etc.	<i>Enu nu qui ria</i> — vós etc.
<i>Muêne u qui ria</i> — elle etc.	<i>Ene a qui ria</i> — elles etc.

**Preteritos composto e indefinito**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme ngh'ene mu ria</i> — eu tenho comido	<i>Etu tu ene mu ria</i> — nós etc.
<i>Eiê u ene mu ria</i> — tu etc.	<i>Enu nu ene mu ria</i> — vós etc.
<i>Muêne u ene mu ria</i> — elle etc.	<i>En'ene mu ria</i> — elles etc.

**MODO CONDICIONAL****Presente e passado**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme ngh'egi cu ria</i> , eu comeria, teria comido	<i>Etu tu egi cu ria</i> , nós etc.
<i>Eiê u egi cu ria</i> , tu etc.	<i>Enu nu egi cu ria</i> , vós etc.
<i>Muêne u egi cu ria</i> , elle etc.	<i>En'egi cu ria</i> , elles etc.

**MODO IMPERATIVO****Presente**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Riá</i> , come tu.	<i>Tu ri'e</i> , comamos.
<i>Ari'e</i> , coma elle.	<i>Ri'enu</i> , comei vós.
	<i>Ari'e</i> , comão elles.

38

**MODO CONJUNCTIVO****Tempo presente***Singular**Emme ngui rie*, que eu coma.*Eie u rie*, que tu etc.*Muene a rie*, que elle etc.*Plural**Etu tu rie*, que nós etc.*Enu nu rie*, que vós etc.*Ene a rie*, que elles etc.**Preteritos imperfeito e mais que perfeito***Singular**Emme ngh'a qui rile*, eu comesse, tivesse comido.*Eie u a qui rile*, tu etc.*Muêne u a qui rile*, elle etc.*Plural**Etu tu a qui rile*, nós etc.*Enu nu a qui rile*, vós etc.*Ene a qui rile*, elles etc.**MODO INFINITO****Presente***Cu ria*, comer.*Preterito, e participios presente e futuro**Cu qui ria*, comido, comendo, tendo comido.**Participio passado***Qui a u rie*, comido.**§2º VERBOS PASSIVOS**

78º Como na lingua nbundu a linguagem dos verbos na voz activa comprehende o verbo auxiliar em todos os seus tempos e modos pessoaes, podendo todavia (como era natural) servir-se muitas vezes do sentido dos verbos na voz passiva; e sendo, por tanto, facil de comprehender que ha muita similhaça e facilidade de equivocos entre as linguagens dos verbos nas duas vozes, por isso entendemos dever reproduzir aqui, na voz passiva, 2 dos mesmos verbos já conjugados anteriormente como activos, para serem melhor percebidas as differenças.

**Conjugação do verbo passivo***Cu mu banga*, ser feito.

**MODO INDICATIVO****Tempo presente***Singular*

*Emme a ngui banga*, eu sou  
feito.  
*Eie a cu banga*, tu és feito.  
*Muêne a mu banga*, elle é feito.

*Plural*

*Etu a tu banga*, nós somos  
feitos.  
*Enu a nu banga*, vós sois feitos.  
*Ene a a banga*, elles são feitos.

**Preteritos imperfeito, perfeito, e mais que perfeito***Singular*

*Emme a ngui banguete*, eu era,  
ou fui ou tinha sido feito  
*Eie a cu banguete*, tu etc.  
*Muêne a mu banguete*, elle etc

*Plural*

*Etu a tu banguete*, nós etc.  
*Enu a nu banguete*, vós etc.  
*Ene a a banguete*, elles etc.

**Futuros, simples e composto, presente e futuro do conjunctivo***Singular*

*Emme a ngui bangué*, eu serei,  
ou terei sido feito  
*Eie a cu bangué*, tu etc.  
*Muêne a mu bangué*, elle etc.

*Plural*

*Etu a tu bangué*, nós etc.  
*Enu a nu bangué*, vós etc.  
*Ene a a banue*, elles etc.

**CONDICIONAL****Presente e passado***Singular*

*Emm'egi cu ngui banga*, eu se-  
ria ou teria sido feito.  
*Ei' egi cu cubanga*, tu etc.  
*Muên' egi cu mu banga*, elle etc.

*Plural*

*Etu egi cu tu banga*, nós etc.  
*Enu egi cu nu banga*, vós etc.  
*En' egi cu a banga*, elles etc.

**Imperativo***Singular*

*A cu bangu'eie*, sê feito.  
*A mu bangué muêne*, seja elle feito.

*Plural*

*A tu bangu'etu*, sejamos feitos.  
*A nu bangu'enu*, sêde feitos.  
*A a bangu'ene*, sejam elles fei-  
tos.

40

**CONJUNCTIVO*****Imperfeito, e mais que perfeito***

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme a ngui banguete</i> que eu fosse ou tivesse sido feito.	<i>Etu a tu banguete</i> , que nós, etc.
<i>Eie a cu banguete</i> , que tu etc.	<i>Enu a nu banguete</i> , que vós etc.
<i>Muêne a mu banguete</i> , que elle etc.	<i>Ene a a banguete</i> , que elles etc.

**INFINITO*****Presente***

*Cu mu banga*, ser feito

***Preterito***

*A mu banguete*, ter sido feito.

***Participio******Presente, preterito e passado***

*A mu banguete*, sendo feito, tendo sido feito.

79º Conjugação do verbo passivo

*Cu mu zuéla*, ser fallado.

**MODO INDICATIVO*****Tempo presente***

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme a ngui zuéla</i> , eu sou fallado.	<i>Etu a tu zuéla</i> , nós etc.
<i>Eie a cu zuéla</i> , tu etc.	<i>Enu a nu zuéla</i> , vós etc.
<i>Muêne a mu zuéla</i> , elle etc.	<i>Ene a a zuéla</i> , elles etc.

***Imperfeito, perfeito, e mais que perfeito***

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme a ngui zuéléle</i> , eu era, fui, tinha sido fallado.	<i>Etu a tu zuélele</i> , nós etc.
<i>Eie a cu zuélele</i> , tu etc.	<i>Enu a zuélele</i> , vós etc.
<i>Muêne a mu zuélele</i> , elle etc.	<i>Ene a a zuélele</i> , elles etc.

**Futuros simples e composto; presente e futuro do conjunctivo**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme a ngui zuele</i> , eu serei, terei sido, seja, tenha sido fallado.	<i>Etu a tu zuèle</i> , nós etc.
<i>Eie a cu zuèle</i> , tu etc.	<i>Enu a nu zuèle</i> , vós etc.
<i>Muêne a mu zuèle</i> , elle etc.	<i>Ene a a zuèle</i> , elles etc.

**MODO IMPERATIVO**

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>A' cu zuel'eie</i> , sê fallado .	<i>A tu zuel'etu</i> , sejamos fallados.
<i>A' mu zuel'eie muêne</i> <sup>20</sup> , seja elle fallado.	<i>A nu zuel'enu</i> , sêde fallados.
	<i>A a zuel'ene</i> , sejam fallados.

**MODO CONJUNCTIVO*****Imperfeito, perfeito e mais que perfeito***

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Emme a ngui zuelele</i> , eu fosse ou tivesse sido fallado.	<i>Etu a tu zuelele</i> , nós etc.
<i>Eie a cu zuelele</i> , tu etc.	<i>Enu a nu zuelele</i> , vós etc.
<i>Muêne a mu zuelele</i> , elle etc.	<i>Ene a a zuelele</i> , elles etc.

**INFINITO*****Presente***

*Cu mu zuela*, ser fallado.

***Preterito***

*A mu zuelele* ter sido fallado.

***Participios, presente, passado e futuro***

*A mu zuele*, sendo, sido, devendo ser fallado.

80º Conjunção<sup>21</sup> do verbo *Cu handála*, querer.

42

**MODO INDICATIVO**  
**Tempos presente e futuro**

*Singular*

*Emme ng'handala*, eu quero, ou quererei.

*Eie u handala*, tu etc.

*Muene u handala*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu handala*, nós etc.

*Enu nu handala*, vós etc.

*Ene'handala*, elles etc.

**Preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito**

*Singular*

*Emme ng'handaléle*, eu queria,  
quiz, tinha querido.

*Eie u handaléle*, tu etc.

*Muene u handaléle*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu handaléle*, nós etc.

*Enu nu handaléle*, vós etc.

*Ene'handaléle*, elles etc.

**MODO IMPERATIVO**

*Singular*

*Handála*, queiras tu.

*Handál'e*, queira elle.

*Plural*

*Tu handále*, queiramos nós etc

*Handál'enu*, queirais vós .

*Handál'e*, queirão elles.

**MODO CONJUNCTIVO**

**Tempo presente**

*Singular*

*Emme ng'handále*, eu queira

*Eie u handále*, tu etc.

*Muene handále*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu handále*, nós etc

*Enu nu handále*, vós etc.

*Ene 'handále*, elles etc.

**Preteritos imperfeito, perfeito, mais que perfeito e futuro**

Serve para estas linguagens o imperfeito do indicativo.

**MODO INFINITO****Tempo presente**

*Cu handála*, querer.

**PARTICÍPIOS****Presente e passado**

*U handála*, querendo, querido.

NOTAS. A mesma linguagem do modo indicativo serve para o modo condicional.

A apostrophe anteposta ao verbo nas 3<sup>as</sup> pessoas do plural de todos os tempos e na 3<sup>a</sup> do singular do presente do conjunctivo supprime a vogal *a* contrahida na pronúncia pelo som da mesma vogal na primeira syllaba do verbo.

**Conjugação dos verbos negativos**

81<sup>o</sup> Não querer = *Cu handalé*.

**MODO INDICATIVO****Tempo presente***Singular*

*Emme ng'handaléme*, ou *ngu'a'*  
*me*, eu não quero

*Eie u handal'e*, ou *ngu'é*, tu  
etc.

*Muene c'handalé* ou *ngu'é*, elle  
etc.

*Plural*

*Etu tu handal'etu*, ou *ngu'etu*,  
nós etc.

*Enu nu handal'enu*, ou *ngu'e-*  
*nu*, vós etc

*Ene c'handal'a*, ou *ngu'a*, elles  
etc.

**Preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito***Singular*

*Emme ng'handalél'e'a me*, eu  
não queria, não quiz, não  
tinha querido

*Eie u'handaléle'e*, tu etc.

*Muene c'handaléle'e*, elle etc.

*Plural*

*Etu tu handalél'etu*, nós etc.

*Enu nu handaléle'enu*, vós etc.

*Ene c'handaléle a*, elles etc.

**Futuro**

Serve para o futuro o presente do indicativo.



44

**MODO IMPERATIVO*****Tempo presente****C'u handále*, não queiras tu.*C'handále*, não queira elle.*Tu handále*, não queiramos nós.*Nu handále*, não queiraes vós.*C'handále*, não queirão elles.**MODO CONDICIONAL**

Serve para este modo a linguagem do modo indicativo.

**MODO CONJUNCTIVO***Singular**Plural**Emme ng'handále*, eu não queira.*Etu tu handále*, nós etc.*Eie c'u handále*, tu etc.*Enu nu handále*, vós etc.*Muene c'handále*, elle etc*Ene a'handále*, elles etc.***Preterito imperfeito***

É o mesmo que o imperfeito do modo indicativo.

***Futuro***

É o mesmo que o futuro do modo indicativo.

**MODO INFINITO*****Presente****Cuhandále*, não querer.**PARTICÍPIOS*****Presente, e passado****U'handalé*, não querendo.82º Verbos irregulares na lingua portugueza  
Conjugação do verbo, *cu ritúna*, negar, regeitar.

**MODO INDICATIVO****Tempos presente, e futuro***Singular**Emme n'g'a ritúnu*, eu nego.*Eie u'a ritúnu*, tu etc.*Muene u'a ritúnu*, elle etc.*Plural**Etu tu a ritúnu*, nós etc.*Enu nu a ritunu*, vós etc.*Ene a ritúnu*, elles etc.**Preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito***Singular**Emme ng'a ritumine*, eu negava, neguei, tinha negado*Eie u'a ritumine*, tu etc.*Muene u'a ritumine*, elle etc.*Plural**Etu tu a ritumine*, nós etc.*Enu nu a ritumine*, vós etc.*Ene a ritumine*, elles etc.**MODO IMPERATIVO***Singular**Ritun'ie*, nega tu.*A ritun'ie*, negue elle.*Plural**Tu ritun'etu*, neguemos nós.*A ritun'a*, neguem elles.**MODO CONJUNCTIVO****Tempo presente***Singular**Emme ngui ritune*, eu negue*Eie u ritune*, tu etc.*Muene u ritune*, elle etc.*Plural**Etu tu ritune*, nós etc.*Enu nu ritune*, vós etc.*Ene a ritune*, elles etc.**Preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito**

É o mesmo imperfeito do modo indicativo.

**Futuro**

É o mesmo futuro do modo indicativo.

**MODO INFINITO****Tempo presente***Cu rituna*, negar.

46

**PARTICÍPIOS*****Presente e passado****Ua ritunu*, negando, negado.

Nota = Este verbo também é usado com a significação de *não querer*.

83ª Conjugação do verbo.

Ouvir, *cu hiva*.**MODO INDICATIVO*****Presente***Eu ouço, *Emme ngu'hiva*.Tu ouves, *Eie u'hiva*.Elle ouve, *Muene u'hiva*.Nós ouvimos, *Etu tu hiva*Vós ouvis, *Enu nu hiva*.Elles ouvem, *Ene heva*.***Preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito***Eu ouvia, *Emme ngu'hevile*.Tu etc., *Eie u'hevile*.Elle etc., *Muene u'hevile*.Nós etc., *Etu tu hevile*.Vós etc., *Enu nu hevile*.Elles etc., *Ene hevile*.***Futuro***

Como o presente.

**MODO IMPERATIVO*****Tempo presente***Ouve tu, *Hiva*.Ouça elle, *Hevu'e*.Ouçamos, *Tu hiv'etu*.

Ouvi vós, *Hiv'enu*.  
Oução elles, *Hev'e*.

47<sup>22</sup>

## MODO CONJUNCTIVO

### *Tempo presente*

Eu ouça, *Emme ngu'hive*.  
Tu ouças, *Eie u hive*.  
Elle ouça, *Muene heve*.  
Nós ouçamos, *Etu tu hive*.  
Vós ouçais, *Enu nu hive*.  
Elles oução, *Ene heve*.

### *Preterito imperfeito*

Eu ouvisse, *Emme ngu'heville*.  
Tu etc., *Eie u heville*.  
Elle etc., *Muene u heville*.  
Nós etc., *Etu tu heville*.  
Vós etc., *Enu nu heville*.  
Elles etc., *Ene heville*.

### *Perfeito e mais que perfeito e futuro como o imperfeito*

## MODO INFINITO

Ouvir, *Cu hiva*.

### *Participio presente e passado*

Ouvindo, ouvido, *U hevu*.

## CAPITULO XII

### *Dos adverbios*

84º A lingua nbandu tem, como as outras linguas, varios adverbios e phrazes adverbias, que se devidem ou classifição em relação ás ideias que exprimem.

**Os advérbios e frases advérbias são os seguintes.**

<i>Chim</i> , sim.	<i>Nbáta</i> , porque.
<i>Quiá</i> , já.	<i>Qu'ia nbote</i> , bem, bellamente.
<i>Quiamuêne</i> , mesmo	<i>Qu'ia hiba</i> , mal.
<i>Aba</i> , pois.	<i>Qu'ia xiri</i> , sujamente.
<i>Quiômuêne</i> , assim.	<i>Qu'ia zêle</i> , limpamente.
<i>Cannâ</i> , não.	<i>Qu'ia hobe</i> , novamente.
<i>Éxi</i> , nunca.	<i>Qu'i'huculu</i> , antigamente, ve- lho.

*Exi-muêne*, absolutamente não.  
*Hangi*, ainda.  
*Hangi-quilúa*, ou *quilúa*, ainda não.  
*Manhí*, não sei.  
*Cúnacúna*, acolá, ali.  
*Baná*, ali.  
*Mômo ou bôba*, aqui.  
*Cu nband'hôco*, desta ou nesta parte.  
*Cu nband'ia mucuá*, da outra parte.  
*Cu nbandu c'húna*, d'aquella parte.  
*Nbandu c'huna*, ali.  
*Nband'i'hengui*, em outra parte.  
*Gonguêna*, além.  
*Culuígi*, á quem.  
*C'hôssô – c'hosso*, em qualquer ou em toda parte.  
*B'o muêne*, ahi.  
*Cu tandu*, acima, em cima, para cima.  
*Lélu*, hoje.  
*Mu camênemêne*, pela manhã cedo.  
*Mu ngolôxi*, de tarde, á tarde, perto da noite.  
*Mazá*, hontem.  
*Mazariná*, antes de hontem.  
*Mazarinácu*, tres-antes de hontem.  
*Múngu*, amanhã.  
*Mungúrina*, depois d'amanhã.  
*Mungurínacu*, d'aqui a tres dias.  
*la tollo*, pouco.  
*la vúllo*, muito.  
*Ringui*, mais.  
*Qu'ia têna*, bastante, bastantemente.  
*Quifuxi*, innumeravelmente.  
*Quicuxi*, quanto.

*Cu hebi*, onde.

*Nbandu-i'hebi*, em que parte!

*Hebi*, onde.

*Nanhi*, quem é?

*Cunbi cuxi*, ou *quitangana cuxi*, em que tempo.

85º Nota-se nos adverbios antecedentes que alguns são precedidos da preposição *ia*, outros da preposição *mu*, e outros da preposição *cu*, com as quaes devem ser sempre empregados invariavelmente, como os deixamos indicados.

86º Os adverbios não tem lugar de preferencia para sua collocação na oração da linguagem nbandu; todavia alguns adverbios de tempo, como *Hangi*, são geralmente empregados no fim da oração.

### CAPITULO XIII

#### *Das intergeições, e exclamações*

87º As intergeições da lingua nbandu são as seguintes; e o seu emprego, em geral, não tem regra a que se sugeite.

*Him*, que!

*Eh!* ah! ó.

*Hixi!* pois não!

*Huhé!* oh!

A intergeição *eh!* emprega-se sempre em seguida ao nome invocado, inbebendo a ultima vogal antecedente a ella.

**FIM.**



## **SEGUNDA PARTE**

**DA**

## **GRAMMATICA**

---

**Dialogos**

**compostos de phrases uzadas e escolhidas  
pelas especialidades das contracções  
e idiotismos propios do  
idioma nbundu  
dos**

**quaes se póde achar, nas respectivas explicações,  
a applicação geral tanto  
para a locução como  
para a escripta.**





**EXERCICIOS E DIALOGOS DE CONVERSAÇÃO NBUNDU OU  
NGOLENSE**

**1º**

- |   |   |
|---|---|
| 1. Bom dia, senhor                      | 1 Nbeça, ngana.                                   |
| 2. Como passou?                         | 2 Uala cuxi?                                      |
| 3. Como passam os seus filhos?          | 3 An'ê ála cuxi?                                  |
| 4. O menino mais velho já está bom?     | 4 O mon'ê ua ricóta ú heluca quiá?                |
| 5. E a menina mais nova já tem dentes?  | 5 Ne mon'ê ua muhatu uandengue uala quiá ni maju? |
| 6. Como se chama ella?                  | 6 Jina ria muêne?, ou jina ri'ê?                  |
| 7. Como te chamas tu?                   | 7 Jina ri'ê                                       |
| 8. Como se chama elle?                  | 8 Jina ria muene?                                 |
| 9. Como (ou quaes) são os vossos nomes? | 9 Magina m'enu?                                   |
| 10. Para onde vaes                      | 10 Húia cuhebi?                                   |
| 11. Vinde (ou vem) por aqui             | 11 Higila hii                                     |
| 12. Eu tenho fome                       | 12 Emme ngala ni nzala                            |
| 13. Eu tenho sede                       | 13 Emme ngala ni rinhotá                          |
| 14. Dai-me agua                         | 14 Nghi bane menha                                |
| 15. Dai-me comer                        | 15 Nghi bane curia                                |
| 16. Tenho frio                          | 16 Ngala ni nbambe                                |
| 17. Tenho (ou sinto) calôr              | 17 Ngala ni quilúculúcu                           |
| 18. Estou cansado                       | 18 Emme ng' a buila                               |
| 19. Tenho somno                         | 19 Ngala ni quílu                                 |
| 20. Quero deitar-me                     | 20 Ng'handala cu zendalala                        |
| 21. Quero dormir                        | 21 Ng'handala cu zeca                             |
| 22. Vou para casa                       | 22 Ngh'ia cubata                                  |
| 23. Vou trabalhar                       | 23 Ngh'ia cu calacála                             |
| 24. Eu quero ganhar dinheiro            | 24 Emme ng'handala cúvua quitari                  |
| 25. Queres dinheiro?                    | 25 U handála quitari?                             |
| 26. Quero comer peixe                   | 26 Ng'handala curia nbigi                         |
| 27. Queres peixe fresco ou seco?        | 27 U handala nbigi ia lêlu, inga ia cucuta?       |
| 28. Elles querem carne                  | 28 Ene handala xitu                               |
| 29. Nós queremos carne de vacca         | 29 Etu tu handala xitu ia ngombi                  |
| 30. Tu queres carne de porco            | 30 Eiê ú handala xitu ia ngúlu                    |

54

## PARTE EXPLICATIVA DOS EXERCÍCIOS

### 1º

1º *Nbeça, ngana*. Os ngolenses, assim como quasi todas (ou todas) as tribus africanas, não tem o costume de cumprimentar desejando a outrem bom dia, boa tarde, ou boa noite; mas o costume de pedir a benção, recebido dos portuguezes, e talvez introduzido pelos padres missionarios, é hoje geralmente usado, como cumprimento de respeito e consideração: *nbeça* é gallicismo.

*Ngana*. Esta palavra, que significa *senhor* e tambem por extensão, dono, ou proprietario, não exprime genero; de sorte que para indicar determinadamente *senhor* ou *senhora* é necessario addicionar-lhe o termo *riala*, homem, ou *muhatu*, mulher.

Esta palavra é susceptivel de ser abreviada em muitos casos, ficando redusida á *ngá*. Isto acontece antes da palavra *muhatu*, devendo dizer-se *ngá muhatsu* em lugar de *ngana muhatsu*, e diz-se *ngan'ia riala*. Tambem é assim uzada antes dos nomes proprios que começam por letra consoante, da mesma maneira que em portuguez dizemos *São Pedro*, em lugar de *Santo Pedro*; abreviatura esta que, tanto em portuguez como em nbundu, não tem lugar quando o nome proprio da lingua portugueza começa por vogal. Exceptua-se todavia, em nbundu, o nome *Nbaxi*, Sebastião, e todos os que começarem com igual aspiração, antes dos quaes se diz *ngana* e não *nga*.

Quando depois da palavra *ngana* se segue alguma das preposições *ía* ou *úa* a vogal *a* da terminação della é imbebida na preposição, ficando a consoante *n* da ultima syllaba: assim diz-se *ngan'ia'me* em lugar de *ngana ia emme*.

O mesmo acontece sempre que depois da palavra *ngana* se segue outra que comece por vogal.

*Ngana* faz o plural *jingana*.

2º *Uala cuxi*. Os nbundus, para tal pergunta, servem-se do verbo *cu cála* no presente do indicativo *uala*, está: e o adverbio de modo *cuxi* é collocado no fim da phrase. Este adverbio não só significa *como* mas tambem se traduz por *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*.

3º *An' é ála cuxi?* O substantivo, ou sugeito da oração é sempre collocado, em nbundu, no principio della, seguindo-se-lhe o pronome pessoal com a respectiva preposição (geralmente contrahida) servindo de adjectivo possessivo: *ana* é o

plural de *mona*: a expressão *an' ê* é contracção de *ana úa eiê* (os filhos de ti); pois que em geral as contracções eliminão todas as vogaes breves: *ala* é a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *cu cála*.

4º *O mon' ê*. É contracção de *mona ua eiê*: *ua ricota*, a palavra *ricota* é substantivo, e significa grandeza; e na regra de nº 22 já dissemos que os substantivos precedidos de uma preposição substituem e representam os seus adjectivos cognatos e está em lugar de grande: *ú heluca*: *heluca* significa *ter saude* e neste caso é a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *cu heluca*: *quíá* é um adverbio que significa *já* e está, como compete aos adverbios na phrase nbandu, no fim da oração.

5º *Ne mon'ê*. *Ne* é conjunção copulativa: *mon'ê ua muhatu*. Sendo necessario empregar o termo *muhatu* para determinar o genero do filho por quem se pergunta, o pronome deve sempre estar seguidamente collocado ao nome a que especialmente se refere, e com o qual unicamente deve fazer a elisão: *ua ndengue*; *ndengue* significa meninice, criança, infancia, etc, e sendo precedido da preposição *ua* serve de adjectivo: *quíá ni maju*; tambem podia dizer-se *ni maju quiá*, ficando o adverbio *quíá* no fim da oração: *maju* significa dentes; é o plural de *riju*.

6º *Jina ria muêne*. O substantivo que significa *nome* é *rijina* e não *jina*; mas é geralmente pronunciado assim por abreviatura: tanto mais que a preposição que se lhe segue, começando pela letra *r*, deixa perceber que tal é a inicial do substantivo antecedente. Entretanto tambem se pode dizer *rigina ria muene*? significando *o nome d'elle*.

Não ha para as phrases interrogativas nenhuma differença de construcção, mas apenas a inflexão da voz.

7º *Jina ri'ê?* Neste caso ha a contracção da preposição com o pronome da 2ª pessoa do singular. Sem a contracção seria a phrase *rijina ria eiê*.

8º Os pronomes pessoaes, assim como os adjectivos, são invariaveis em gênero; o pronome *muene*, tanto significa *elle* como *ella*: e a phrase é a mesma que a de nº 6.

9º *Majina m' ênu*. Segundo o preceito da regra nº 20 da grammatica, *majina* é o plural de *rijina*; mas, para ser determinado o plural não se lhe pode abreviar a 1ª syllaba: *m'enu* é a contracção da syllaba euphonica *ma*, na qual está imbebida a preposição *ua* que deve preceder o pronome pes-

56

soal da 2ª pessoa do plural *enu* para que represente a função de adjectivo possessivo; por tanto *m'enu* está em lugar de *ma ua enu*.

10º *Húia cuhébi*. *Húia* é a segunda pessoa do singular do presente do modo indicativo do verbo irregular *cu hia*, ir; *cuhébi*, é um adverbio que significa d'onde, aonde e para onde; e *hebi* significa onde.

11º *Hijila hii*. *Hijila* é a segunda pessoa do imperativo do verbo irregular *cu hiza*, vir; *hii* é um adverbio de lugar, que significa *aqui*. Vê-se que nesta dicção é omittida a preposição que precede o adverbio em portuguez. Ha tambem em nbundu o pronome demonstrativo *hii* que significa isto, aquillo.

12º *Emme ngala ni nzala*, eu estou com fome. Vê-se por esta dicção que, quando em portuguez se emprega o verbo *ter* como synonymo de *sentir*, em nbundu se emprega a dicção *estar com*.

13º Esta phrase é similhante á antecedente.

14º *Nghi nbane menha*. *Nghi bane* é o impertativo do verbo *cu bana*, dar; está no modo imperativo que é derivado, como em quazi todas as linguas, do presente do indicativo, e se distingue pela suppressão dos pronomes pessoaes: e, como em nbundu muitas vezes são supprimidos taes pronomes por abreviatura, o imperativo faz *bane* e não *bana*, porque tem a contracção de *bana eiê*: *nghi bane* quer dizer *seja eu dado*; pois neste idioma os verbos não são nunca conjugados como activos, mas tem o verbo auxiliar em todos os tempos pessoaes: *menha* significa *agua*; faz o plural como colectivo *menha ia vullo*.

15º É como a antecedente.

16º *Ngala ni nbambe*. Nesta phrase deve entender-se o pronome pessoal da 1ª pessoa do singular (o qual é muitas vezes suprimido por abreviatura) antes do termo *ngala* que é o presente do indicativo do verbo *cu cala* significando *estar*. Os nbundus substituem, (talvez com melhor correcção de linguagem do que a vulgarmente uzada em portuguez) o verbo *ter* pela dicção *estar com*. Assim, em lugar de *tenho frio* dizem elles *estou com frio*.

17º É como a antecedente.

18º *Emme ng'a buila*. Nesta phrase está *ng'á* em lugar de *ngala*, e esta abreviatura só é uzada quando o pronome pessoal que o precede está claro para não se confundir este verbo com a abreviatura do substativo *ngana*.

19º É como os de nºs 16 e 17.

20º *Ng'handala cu zendalála*. Com quanto neste caso esteja a abreviatura do verbo *ng'* sem o pronome pessoal, está todavia distincta da do substantivo *ngana* por ter em seguida a si o participio *handala*, do verbo *cu handála*, querer. Por vicio de pronuncia diz-se geralmente *ndala* em lugar de *handála*, vicio devido á rapidez da pronunciação, que deixa viciar a aspiração da letra *h* inicial da palavra.

21º É como a antecedente.

22º *Ng'hia cubata*. *Ng'hia* é contracção de *emme nghi hia*, 1ª pessoa do presente do indicativo do verbo *cu hia*. Antes do termo *cubata* subentende-se a preposição *cu* que é oculta neste cazo por que o substantivo começa por syllaba igual a ella.

23º É como a antecedente.

24º *Emme ng'handala cúcua quitari*. Nesta phrase apenas se mostra que a subtracção do pronome pessoal antes da abreviatura *ng'* seguido do participio é apenas permittida e não de rigor: e tanto se pode dizer a oração da maneira que está como se pode dizer *ng'handala cúvua quitari*.

25º Esta phrase é um outro exemplo do que deixamos dito.

26º É como as antecedentes.

27º *U'handala nbigi ia lélu, inga ai cucútu?*<sup>23</sup> *U* é aqui pessoa do singular do verbo *cu cala*, ser. Na falta de vocabulo para exprimir a ideia de *fresco* (além do galicismo *felésseco*) usa-se a dicção *de hoje*: para indicar a ideia de *seco* diz-se *de sequidão*.

28º *Ene'handala xitu*. Nesta phrase ha a suppressão do tempo do verbo auxiliar *cu cala*, pois que a voz *a* do verbo auxiliar na 3ª pessoa do plural fica imbebida na 1ª syllaba do participio *handala*, que tem vogal igual á que forma o som da syllaba.

29º *Etu tu handala xitu ia ngambi*. Nesta phrase ha a syllaba *tu* euphonica do pronome *etu*: em seguida ha a suppressão da voz do verbo auxiliar, como no exemplo precedente.

30º *Eiê u'handala xitu ia ngúlu*. Nesta phrase, acha-se o verbo na segunda pessoa do singular com contracção da voz *ua*, a qual já é contracção da voz *uála* na composição do tempo do verbo respectivo.

58

- 1 Tenha bom dia, senhora
- 2 O dia está claro
- 3 A manhã esteve quente
- 4 O sol está ardente
- 5 O vento é forte
- 6 As nuvens estão escuras
- 7 Sinto trovoadas
- 8 Ouvi um trovão
- 9 Vejo relampagos
- 10 Este relampago foi muito claro
- 11 Já chove
- 12 Hontem choveu muito
- 13 A chuva é forte
- 14 A lua está clara
- 15 A noite será bonita
- 16 A sombra é grande
- 17 A parede encobre
- 18 A casa está aberta
- 19 A janela está fechada
- 20 O telhado está prompto
- 21 A cidade é feia
- 22 As ruas são tortas
- 23 As praças tem arvores
- 24 As madeiras são pintadas
- 25 A praia é comprida
- 26 A areia é grossa
- 27 A terra é dura
- 28 O céu tem estrelas
- 29 Apareceu o arco-iris
- 30 No espaço voão passaros

2º

- 1 Nbeça, ngana
- 2 Quízúa qui' a huaba
- 3 O camênemême c'a temêne
- 4 O luanha l'ua tema
- 5 O quitembo qui' a vullo
- 6 O matuta m'a fulamana
- 7 Ngala cu hiva cu numina
- 8 Ngh'heville eu numina
- 9 Nghi mona cutelujuca
- 10 O cutelujuca cu' a vullo
- 11 Qu'ala cu noca quia'
- 12 Mazá cu a noquene quia vullo
- 13 Nvula ia vullo
- 14 O riêgi ri'a zêlé
- 15 O hussúcu ua ndala cuába
- 16 O quilembequêta qui'a honêne
- 17 O quipapa qui' a futa
- 18 O hinzô hi'a jucule
- 19 O janena iá hugiquê
- 20 O taudu'á hinzô hi á buá
- 21 O luanda l'ua hiba
- 22 Jingilla j'a bengalála
- 23 O hicangalacáta hi'ala milimba
- 24 O mixi i'a hutêque
- 25 O calunga c'a leba  
*praia do mar*
- 26 O quissequêlé qui'a honêne
- 27 O hixi hi a colocota
- 28 Curilu c'uala jitetembua
- 29 Hongolô a moneca
- 30 Bulú bú ala cubita jingilla

2º

1º *Nbeça ngana*. Já está explicado no 1º dialogo.

2º *Quizúa qui'a huaba*. Nesta phrase ha a contracção de *uá* terceira pessoa do singular do verbo *cu cala*, estar, com

a syllaba euphonica *qui*; contracção esta pela qual desaparece a letra *u* do verbo, ficando *qui'a* em lugar de *qui uá*.

3º *O Camênemêne c'a temêna*. Este cazo é semelhante ao antecedente, pois a syllaba euphonica sendo *ca* e o verbo sendo *uá* fica a contracção *c'a* em lugar de *ca uá*.

4º *O luanha lu'a tema*. Ainda um cazo semelhante, no qual ha a contracção *lu'a* em lugar de *lu ua*.

5º Cazo semelhante ao de nº 2.

6º Ha a contracção *m'a* em lugar de *ma ua*.

7º *Ngala cu hiva cu numina*. Nesta oração não ha contracção; mas ha a notar a dicção *sou sentir trovejar* em lugar de *sinto* (ou *estou sentindo*) *trovoada*.

8º *Ngh'heville cu numina*. No principio d'esta oração falta o pronome pessoal que é sujeito d'ella: por que, estando o verbo auxiliar na formula da primeira pessoa, pode elle ser suprimido por abreviatura sem prejudicar a clareza do sentido da oração: *heville* é o preterito irregular do verbo *cu hiva*, que significa *ouvir*; é irregular nos preteritos imperfeito, perfeito e mais que perfeito do indicativo e preterito mais que perfeito do conjunctivo, fazendo *heville* em lugar de *hivile*; tambem o é no imperativo que faz nas 3<sup>as</sup> pessoas do singular e do plural *hevue*, na 1<sup>a</sup> do plural *tu hive*, e na 2<sup>a</sup> *hiv'enu*.

9º *Nghi mona cu tulujuca*. Está occulto o pronome pessoal da primeira pessoa do verbo *cu mona*, ver. Este verbo é regular; mas na 1<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo tambem se pode dizer *ngha môno*, como irregular.

10º *O cutulujuca cu'a vullo*. Ha nesta phrase a contracção da letra *u* da 3<sup>a</sup> pessoa do verbo *cu cala*, que está imbedida na syllaba euphonica que o precede.

11º *Qu'ala cu noca quia*. O verbo *cu noca*, chover, é muito irregular. Entretanto parece que, por vicio ou por estylo, é elle sempre conjugado sendo precedido do adverbio de tempo *quia* que significa *já*: acontecendo que este mesmo adverbio é repetido no fim da phrase, quando elle é empregado na phrase correspondente portugueza.

12º *Mazá qu'a noquêne qui'a vullo*. Ha nesta phrase o adverbio de tempo *mazá* que significa *hontem*: *qu'a*, que parece ser a contracção de adverbio *quia* (inherente ao verbo) com a forma do preterito do indicativo do verbo *cu noca*: *qui'a*, outra contracção da euphonica *qui* do adverbio *quia* (antecedente) com a preposição *ia* que precede o adverbio *vullo*.

13º *Nvula ia vullo*. Neste cazo está occulto o verbo *cu*



60

*cala* na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e é clara apenas a preposição *íá*, geralmente uzada depois dos nomes que começam pela aspiração da letra *n*.

14º *O riêgi ri'a zêle*. Este caso é semelhante ao antecedente; mas como ha a syllaba euphonica de *riêgi* que é , *ri*, esta faz com a preposição *íá* a contracção *ri'a*.

15º Não ha nesta phrase a notar mais que a dicção *nbundu ua ndala*, é *ida* em lugar de, *será*.

16º Ha nesta a contracção da syllaba euphonica *qui* com o verbo *ua* pela qual, eliminando-se a primeira vogal do verbo, fica a dicção *qui'a* em lugar de *qui ua*.

17º É caso semelhante ao antecedente.

18º A palavra *hinzo* é regularmente pronunciada como se fosse *nzô*. Ainda nesta phrase ha a contracção da euphonica *hi* com o verbo *ua*.

19º É caso semelhante aos antecedentes.

20º Ha nesta phrase uma especialidade de pronuncia e abreviatura pela qual se diz *o tandu a hanzo* em lugar de *tandu ia hinzo*. A razão disto é por que sendo prolongado, como no 1º o da palavra portugueza *ovo*, o som do o final de *hinzo*, a vogal *i*, embora esteja antes de duas consoantes, é breve, e quazi obscura como se a palavra, quando pronunciada destacadamente, fosse *nzô*: assim, o vicio geral de pronunciação estabeleceu o estylo de fazer uma contracção de *tandu ia* e outra de *ia hinzô*, ficando composta por tal motivo a expressão contrahida *tandu'a'nzô* em lugar de *tandu ia hinzô*: entretanto no verbo *ua*, que se segue, a pronunciação indica a syllaba euphonica da inicial antecedente, e diz-se *hi' a buá* e não *ua buá*.

21º, 22º, 23º, 24º. Estas phrases apenas contêm contracções que já estão explicadas.

25º Notaremos primeiramente nesta phrase que sendo *ca* a syllaba inicial de *calunga*, e que serve de euphonica ao verbo, a contracção, fazendo desaparecer a vogal d'esta syllaba e a letra *u* do tempo do verbo, fica reduzida a *c'a*.

Cumpra observar que, sendo o idioma pouco abundante de vocabulos, e servindo muitos delles para determinar diferentes objectos e para exprimir ideias variadas, ha todavia o vocabulo *calunga* que significa *praia do mar* e *zenza* que significa *praia do rio*.

26º, 27º 28º É conhecida a contracção havida em cada uma d'estas phrases.

29º Nesta phrase a facilidade da pronunciação deixa

perceber a conveniencia de supprimir-se a vogal *u* do verbo *ua* para que se diga simplesmente *hongolô'a moneca* em lugar de *hongolô ua moneca*.

30º Como nesta phrase a preposição seria *bu*, e sendo ella a inicial da palavra que tem de ser repetida como euphonica, que é indispensavel no estylo da lingua, segue-se que convem á euphonia e á suavidade da dicção dizer-se *bulúbu* em lugar de *bubulúá bu*. É facil de comprehender que a vogal *u* do verbo fica contrahida na syllaba euphonica, tornando a pronuncia *bu'ála* em lugar de *bu uála*: por tanto em lugar de *bu bulú bu uála cubita jingilla* diz-se com muito mais suavidade *bulu bu'ala cubita jingilla* que, em traducção litteral, produz a linguagem portugueza *no espaço são passando passaros*.

62

3º

*(Exemplos dados na gramática)*

- |  |  |
|--|--|
| 1 Esta couza é alheia                              | 1 Quima qui qui'a nguêne                     |
| 2 Este menino é esperto                            | 2 O mon'ô u'a rimúca                         |
| 3 Este homem é fallador                            | 3 Rial'eri muzuéri                           |
| 4 Aquella cousinha é feia                          | 4 Cama ca'na c'u híba                        |
| 5 Aquellas couzas são feias                        | 5 Hima hi'na hi'a híba                       |
| 6 Aquelles brancos são portu-<br>guezes            | 6 Mindêle i'na i'a pútu                      |
| 7 Aquellas camizas são com-<br>pidas               | 7 Jimbinza j'h'ina léba                      |
| 8 Aquellas crianças são boni-<br>tas               | 8 Hana ha'na uá huába                        |
| 9 Aquellas couzas são bonitas                      | 9 Quima qui'na qui'a huába                   |
| 10 Estas couzas são feias                          | 10 Ima'ei i'a híba                           |
| 11 Estes cavallos são grandes                      | 11 Jicabálu eji eji'a honêne                 |
| 12 Estes homens são falladores                     | 12 Mala m'a hazuéri                          |
| 13 Aquelle caminho é mais cur-<br>to do que este   | 13 Ngila ina i'a béta cubuta<br>na hii       |
| 14 Aquellas couzas são melho-<br>res do que esta   | 14 Ima i'na béta huába na<br>hii             |
| 15 Cada homem tem seus vi-<br>cios                 | 15 Mala mochi êne ne hifa ia<br>biba         |
| 16 Cada mulher tem suas vir-<br>hita ia nbote      | 16 Hahatu ha mochi êne ne tudes              |
| 17 Nenhum homem está con-<br>tente com a sua sorte | 17 Cann'a riála ri fica ri'ala<br>bu'a húaba |
| 18 Nenhuma mulher se julga<br>feliz                | 18 Cann'a muhatu u fica u'a<br>zériua        |
| 19 Nenhuns cavallos são fortes                     | 19 Cann'a jicabalu j'ia suina                |
| 20 Nenhumas casas são bonitas                      | 20 Cann'a j'hinzo j'hia huába                |
| 21 Outro homem póde ser                            | 21 Riála rihengui carichim                   |
| 22 Outra mulher não                                | 22 Muhatu hengui cannâ                       |
| 23 Outros homens acceitarão                        | 23 Mala m'hengui m'a xicâna                  |
| 24 Outras mulheres não servem                      | 24 Hahatu hengui c'a tena                    |
| 25 Todos os ratos são medrosos                     | 25 Mabengo m'osso êne ne ho-<br>ma           |
| 26 Tal dia hade chegar                             | 26 Quizúa qui'a cu hiza                      |
| 27 O mesmo lobo virá morder                        | 27 Quimbungo muêne haria<br>qui lumata       |
| 28 A mesma onça o matará                           | 28 O hingo muêne cu m'u giba                 |

29 Alguma couza se hade fazer	29 Quima qui mochi u hiza cu- banga
30 Alguns leões hão de appa- recer	30 Jihogi ji mochi j'hiza cu- tuculuca
31 Algumas cobras hão de fu- gir	31 Jinhoca ji mochi j'hiza cu- lenga

**3º**

1º Nesta phrase ha a syllaba euphonica *qui* repetida: na primeira vez isoladamente, e na segunda precedendo o verbo *ua*, cuja vogal *u* fica contrahida.

2º *O mon'õ*. Esta contracção elimina a letra *a* da palavra *mona* e as letras *hi* do adjectivo demonstrativo *hiõ: a*, parece que a letra *u* é a euphonica de *mona*, eliminando na contracção a outra semelhante pertencente ao verbo. Isto parece mais rigorosa orthographia, com quanto não nos tenha occorrido a inconveniencia de dispensar a letra euphonica para dizer-se *ua* em lugar de *u'a*.

3º *Rial'eri*. É isto um vício de pronúncia que a torna mais branda, e consiste em mudar o *a* final de *riala* em *e* ligado com a syllaba *ri* euphonica, ficando *rial'eri* em lugar de *riala ri*. Nesta oração estão verbo occulto.

4º *Cama ca'na*. Ha aqui a contracção da euphonica *ca* com o adjectivo demonstrativo *huna*, da qual resulta a suppressão da syllaba *hu*. Tambem aqui está o verbo occulto.

5º É o caso antecedente com a euphonica do plural.

6º É tambem o mesmo caso com a euphonica do plural, empregada não só antes do adjectivo demonstrativo como antes do verbo.

7º Ainda um caso como os antecedentes.

8º Neste exemplo parece que não ha contracção, porque a syllaba euphonica do subatantivo substitue a vogal *a* do adjectivo demonstrativo, produzindo o mesmo effeito na pronúncia, mas não na orthographia. É um caso semelhante ao de nº 2 d'este exercicio.

9º É caso semelhante ao de nº 1 d'este exercicio.

10º *Jma'ei*. Por vicio de pronuncia se diz *ima'ei*, em lugar de *ima hii*. Segue-se a contracção da mesma euphonica com o verbo.

11º *Jicabalu eji*. Comprehende-se que a letra *e* junta á syllaba euphonica é um vicio de pronuncia.

64

12º 13º e 14º São conhecidas as contracções.

15º Está neste caso empregada a dicção *ênê* do verbo, em lugar de *a*. Isto tem lugar havendo na oração o adjectivo indefinito *mochi*, significando *cada*.

16º É caso semelhante ao antecedente.

17º *Cann' a riala*. Sem a contracção é *canna uá riala*, que significa *não ha homem*: o verbo *cu fica* significa *pensar e concordar*, e está no presente do modo indicativo, precedido da euphonica *ri*: que é a inicial do nome antecedente *riala*.

*Ri' ala*: *ala* é contracção de *cu cala*, voz da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo auxiliar *cu cála*, estar. Esta contracção é muito usada. *Ri'* é ainda a euphonica inicial do substantivo antecedente *Riala*. Ve-se que a conjunção *que* da phrase portugueza é subtrahida na oração *nbundu* neste caso e sempre.

*Bu' a huaba*: *bu* é a preposição de ablativo, que significa *com*: *'a* é contracção da preposição *ua* que significa *de*, e é sempre indispensavel antes de qualquer nome adjectivo ou substantivo que exprime qualidade.

18º Nesta oração nota-se apenas que ha para com a antecedente as seguintes differenças: 1ª diz-se *U fica* e não *rifica*, porque a letra *u* é sempre a euphonica relativa aos substantivos que começam por *Mu*, como *muhatu*: 2ª a locução *ua*, tanto é o verbo *cu cala* na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, como tambem é a preposição que significa *de*, e por isso não se diz *ua* (verbo), *ua* (preposição) *zériuá*, cuja traducção seria *é de felicidade (ou de feliz)*; e diz-se simplesmente *Ua zériuá*. Parece que para indicar esta grande contracção convirá escrever *U'a*, e não *ua*, para indicar assim a existência de 2 palavras em uma só.

19º *Cann'a jicabalu*. É uma contracção semelhante á do nº 17, *cann'a riala*. *Ji'a* é a contracção da syllaba euphonica do plural do substantivo antecedente *ji* com a 3ª pessoa de singular do presente do indicado do verbo *cu cala*. Parece que tambem aqui deve ser subentendida a preposição *ia* antes do adjectivo *suina*, como se subentendeu *ua* antes de *huaba*.

20º Esta phrase explica-se como as antecedentes.

21º *Riala rihengui carichim*. É facil já perceber-se que antes do adjectivo indefinito *hengui*, outro, está a syllaba euphonica inicial do substantivo *rialá*; *carichim* é uma locução adverbial que quer dizer *sim sr., estou de acordo, etc. etc.*: percebe-se que este termo é composto com o adverbio *chim* ou

*xim*, (que significa *sim*, sendo talvez um gallicismo) que o termina. Quanto porem ás duas syllabas *ca-ri* lembramos (apenas e com receio de errar) que seião a redução de palavras diferentes, como é frequente na lingua nbandu; e , sendo assim, talvez provenha da 3ª pessoa do presente do indicativo singular do verbo auxiliar *cu cala*, seguido da preposição *ia*, precedido da consoante *r*: sendo neste caso a verdadeira orthographia *ca 'r' i' xim*, que significara é *sim*.

22º Nesta phrase está supprimida a syllaba euphonica depois de *muhatu*, pois que, sendo ella a vogal *u*, está embebida na terminação da mesma palavra, sendo por isso mais correcto escrever-se *muhat' u hengui*, e não *muhatu hengui*.

23º Antes do adjectivo indefinito *hengui* está a letra euphonica do substantivo plural *mala*: *m'a xicana* é o verbo *cu-xicana*, acceitar, que, no tempo futuro do indicativo, é muitas vezes empregado no tempo presente, como neste caso: portanto, precedido da mesma euphonica *m*, faz na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo *m'a xicana*, em lugar de *m'a qui xicana*, que faria no futuro.

24º Como a euphonica das syllabas iniciaes começadas por *h* é geralmente a vogal *u*, está esta supprimida nesta phrase porque a palavra antecedente termina por ella, podendo por isso escrever-se *Hahat' u hengui*. *C' a tena* é o verbo *cu tēna*, servir, na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, precedido de *c'* como abreviatura da parte negativa *cannâ*.

25º *Mabengo* é o plural de *Ribengo*, rato domestico, pois que o rato de *mato*, ou de *campo*, chama-se *púcu*, cujo plural é *Jipúcu*. *M'osso* é o adjectivo indefinito *osso*, precedido da euphonica *m*. *Ene* é o pronome pessoal da 3ª pessoa do plural, que é muitas vezes empregado em lugar de *ála*, são, ou tem. *Ne* antes de *homa* é a euphonica de *ēne*: *Homa* é substantivo que significa *medo*.

26º *Quizua qui'a cu hiza*. Nesta oração nota-se a syllaba euphonica *qui* do substantivo *quizúa*, e a contracção 'a da 3ª pessoa do singular do verbo *cu hiza*, sem a qual se diria *qui ua cu hiza*, sendo *ua* a 3ª pessoa do verbo auxiliar *cu cála* que forma o tempo do verbo *cu hiza*.

27º *Hária* é uma frase que exprime o futuro do verbo *cu hiza*, a qual dá a ideia de *vir em tempo indeterminado*: *qui* antes do verbo *lumáta* é a syllaba euphonica do termo *quimbungo*; e, estando no infinito, não é, neste caso, precedido da syllaba *cu* por ter já antes de si a euphonica com a qual se

66

formaria *qui cu lumata*, cujo som e pronúncia seriam desagradáveis.

28º Neste exemplo *hi* é a euphonica de *hingo*: *m'ú* é a contracção do pronome reciproco *muene* com a voz *u* do verbo *cu giba* na 3ª pessoa do singular. Sem esta contracção dir-se-hia *u giba muene*, ou *muene u giba*: mas d'este segundo modo a traducção seria *elle matará*, ou *elle mata*, pois que o termo *muene* sendo tambem pronome pessoal de 3ª pessoa, nunca é contrahido quando serve de sugeito do verbo, e só quando é regimen, e em tal caso nunca deixa de ter contracção.

29º Ha nesta oração a euphonica *qui* da palavra antecedente *quizúa*.

30º Nesta oração ha a euphonica *ji*, repetida antes do adjectivo *mochi* e do verbo *hiza*.

31º Este exemplo é como o antecedente.

NOTA. Tendo sido explicado nos tres exercicios precedentes o emprêgo das contracções, dos idiotismos e dos preceitos grammaticaes, pareceu-nos conveniente appresentar mais os exercicios seguintes sem explicações, para dar lugar á meditação de quem estudar a applicação dos preceitos precedentemente explicados.

## 4º

- |   |   |
|---|---|
| 1 Acorda  | 1 Tona  |
| 2 Levante-se  | 2 Fundumuca                                   |
| 3 Dê-me agua para me lavar                              | 3 Ngui bane menha pala cu<br>sucúla           |
| 4 Enrola a cama   | 4 Futa o hama                                 |
| 5 Arranje as cargas                                     | 5 Lurica o himbamba                           |
| 6 Chama os carregadores                                 | 6 Hixana o jingamba                           |
| 7 Que peguem as cargas                                  | 7 Á quat'e o himbamba                         |
| 8 Chama aquelle carregador                              | 8 Hixana mona-ngamba huna                     |
| 9 Peguem na tipoia                                      | 9 Quat'enu o huanda                           |
| 10 Dá-me o travesseiro                                  | 10 Ngui bane o pêtú                           |
| 11 Que venhão perto de mim<br>os carregadores da tipoia | 11 Ana-ngamb'a huanda hêze<br>bu nbandu ia'me |
| 12 Encha d'agua o moringue                              | 12 Hizalessa muringue menha                   |
| 13 Vamos embora   | 13 Tu hí'êtu                                  |
| 14 Anda depressa  | 14 Henda malusolo                             |
| 15 Anda devagar   | 15 Henda féleféle                             |
| 16 Espera   | 16 Quinga                                     |
| 17 Esperem  | 17 Quing'enu                                  |
| 18 Esperem pelos outros                                 | 18 Quing'a'cu enu                             |
| 19 Cuidado com a lagôa                                  | 19 Haluca o rizanga                           |
| 20 Cuidado com os troncos                               | 20 Haluca o mixi                              |
| 21 Affastem-se  | 21 Songoloqu'enu                              |
| 22 Cuidado com as pedras                                | 22 Haluca o matari                            |
| 23 Chegue-se aqui                                       | 23 Suet'enu boba                              |
| 24 Paremos aqui para descansar                          | 24 Tu quingue boba pala cu<br>nhoca           |
| 25 Como se chama este sitio<br>aqui                     | 25 Hix'hii a hixana quiébe                    |
| 26 Comão já para seguirmos                              | 26 Ri'enu quiá pala cu hí'etu                 |
| 27 Chama os outros                                      | 27 Hixan'a cu enu                             |
| 28 Accende o fogo                                       | 28 Huíca o túbia                              |
| 29 Arranja o almoço                                     | 29 Banga o curia                              |
| 30 O almoço está prompto                                | 30 O lomoço uala polonto                      |



68

- 1 Traze o almoço
- 2 Assaste a galinha
- 3 Não senhor, guizei-a
- 4 Dá-me bolacha
- 5 Ainda ha pão?
- 6 Já se acabou
- 7 Vae buscar o café
- 8 Ainda não ferveu
- 9 Faz o chá
- 10 Traze a manteiga
- 11 Levanta a meza, e arranja  
as cousas do almoço
- 12 Os carregadores que comão,  
e voces tambem vão co-  
mer para nos irmos
- 13 Vamos embora, peguem na  
tipoia
- 14 Dá-me primeiramente agua  
para lavar as mãos
- 15 Ainda estamos longe?
- 16 Já estamos perto
- 17 Chegámos
- 18 Chama o soba
- 19 Arranjem casa para mim
- 20 Onde estão os carregadores  
que aqui faltão?
- 21 Ficárão atraz
- 22 Vem vindo
- 23 Chama aquelle preto
- 24 Vão procurar comida para  
vocês
- 25 Procura galinha para mim
- 26 Dá-me o jantar
- 27 Dá-me a sopa
- 28 Vae lavar este prato
- 29 Vae buscar o cosido
- 30 Traze tambem a carne as-  
sada

5º

- 1 Beca o lomoço
- 2 O sangi uá hizuzo
- 3 Cannâ, ngana, ng'a lambe
- 4 Ngui bane nbulaxa
- 5 Sai hangi nbôlo?
- 6 Hiabu quiá
- 7 Catacan'ê o café
- 8 Hangi c'a fuluque
- 9 Banga o chá
- 10 Beca o matêca
- 11 Zangula o meza, lurica o  
ima ia curia-húla
- 12 Anamgamba ariê, enu enu  
ri'enu pala cu hi'etu
- 13 Docu etu, quat'enu o huan-  
da
- 14 Beca hangi menha pala cu-  
sucula o mácu
- 15 Tu ala hanji ricanga?
- 16 Tu a zucama quiá
- 17 Tu a bixíla
- 18 Hixana soba
- 19 Ririqu'enu hinzo pal'emme
- 20 Jingamba j'hebi j'a camba  
boba?
- 21 A xala curima
- 22 l'ala cu hiza
- 23 Hixana mon'a riala huna
- 24 Sot'enu curia pal'enu
- 25 Sot'ê sangi pal'emme
- 26 Beca o jandálo
- 27 Ngui bane o sopa
- 28 Sucula o rilong'eri
- 29 Catacana o xitu i'hulambe
- 30 Beca hué xitu ia zuze

A lingua nbandu tem, como outras, adagios e rifões, que lhe são proprios, e correspondem muitos d'elles aos da lingua portugueza. Appresentamos aqui alguns para dar aos nossos leitores uma ideia dos que a lingua possui. Em seguida á traducção damos em letras italicas o adagio correspondente portuguez.

- 1º Ua fumana o cu sussa c'a zéque bu a talála.  
Quem é mijão não póde deitar-se em lugar humido.  
*Cria fama e deita-te a dormir.*
- 2º O mulogi u matequena cubata ri'e nazubile bu canga.  
O feiticeiro começa por sua casa para acabar por fóra.  
*A caridade bem ordenada começa por casa.*
- 3º U binga Nzambi c'a sucu'ê muxima.  
Quem pede a Deos não afflige o coração.  
*Quem tem fé em Deos não desespera.*
- 4º O ifôfo c'u putu i zuhila o missanga.  
Os cegos da Europa são os que enfiam as missangas.  
*O europeu estúpido é mais atilado do que o africano esperto.*
- 5º U henda ne ricânu, c'a gimbil'ê.  
*Quem tem boca não manda assoprar.*
- 6º Xixiquinha ua tumine zamba.  
Muitas vezes a formiga domina o elefante.  
*Mais valle algumas vezes o pequeno do que o grande.*
- 7º O hima c'a tale o muquila u'ê.  
O macaco não olha para o seu rabo.  
*Ninguem conhece os seus defeitos.*
- 8º Nguba c'a buê boxi, mulonga c'a buê cu muxima.  
O amendoim uma vez semeado reproduz para muito tempo, assim um sentimento não se desvanece facilmente do coração.

70

- 9º O quemb'ua pêtu moxi hissúta.  
O travesseiro ainda que tenha luxo exterior é formado de trapos.  
*As apparencias illudem.*
- 10º Ua rianga ua riangue'ngô cóta u henguimina<sup>24</sup>.  
Quem muito se adianta nem sempre aproveita.  
*Mais valle quem Deos ajuda do que quem muito madruga.*
- 11º O tubia tu a rizemba ne fundanga.  
O fogo é inimigo da polvora.  
*Duro com duro não faz bom muro.*
- 12º U hendêle m'hulagi c'a cambi'ê ma sambi-sambi.  
Quem foi doído uma vez sempre mostra que o é.  
*Quem foi rei nunca perde a magestade.*
- 13º Sangi c'á totolé bu hezála.  
A galinha não tira os pintos com multidão de gente.  
*Não convém fallar segredos diante de outrem.*
- 14º O cúfua c'ua ngana c'u gimbirila c'ua mubica.  
A morte d'um chefe de familia é o destroço da casa.
- 15º O ribengo ri'a rimuquina bu huina u'ê.  
O rato é esperto no seu buraco.  
*Mais sabe o tôlo no seu do que o esperto no alheio.*
- 16º O muzuéri ua vullo cann'a lazá.  
O muito fallador não tem razão.  
*Quem muito falla pouco acerta.*
- 17º U hávua o himbua'iê hingo hi mu'quat'ê.  
A quem tem cão não morde o leão.  
*O seguro morreu de velho.*
- 18º Tu r'higi polu, tu r'higi muxima.  
Conhecemo-nos pela cara e pelo coração,  
ou  
A tu higi polu, c'atu higi muxima.  
Conhecem-nos pela cara, não nos conhecem pelo coração.  
*As apparencias illudem.*

71

- 19º Qui a mona messu, qui a bana lumbi.  
O que os olhos veem, causa inveja.  
*O que os olhos não veem, coração não sente.*
- 20º U hiza bu hanguene, u tambugila qu'himbil'ê.  
Quem vai á casa alheia faz côro e não canta.  
*Si fores a Roma faze-te romano.*

**FIM**

**DA**

**GRAMMATICA.**



**ERRATAS.**

<i>Pag</i>	<i>lin</i>	ERRATA	EMENDA
24	12	<i>O hongo muêne cu m'ú gi- ba.</i>	<i>O hingo muêne hi m'ú gi- ba.</i>
42	11	<i>Á mu zuel'eie muêne.</i>	<i>Á mu zuel'e muêne.</i>
57	24	<i>U handala nbigi ia lélu, inga ai cucútu.</i>	<i>Uhandala nbigi ia lélu, inga ia cucútu.</i>
70	5	<i>henguimina.</i>	<i>henginina.</i>



## NOTAS À EDIÇÃO

---

<sup>1</sup> Abreviatura de “*Sua Majestade Fidelíssima*”.

<sup>2</sup> Rei de Portugal entre 1861e 1889.

<sup>3</sup> A página 2, não numerada e verso desta página, traz o carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, informações manuscritas indicativas do Catálogo de Obras Raras da BNRJ, do Registro Patrimonial e data e a Classificação Dewey.

<sup>4</sup> Esse espaço recobre potencialmente a área das línguas bantas.

<sup>5</sup> Referência a Francisco Pereira Dutra (1832-1867).

<sup>6</sup> Referência ao Príncipe Nicolau de Água Rosada e Sardônia (c.1830-1860), do Congo.

<sup>7</sup> No *Diccionario*: “**Mulambongo**, s.f. moeda de cinco réis. Como os pretos avaliavam em 5 réis os pannos de palha de mabella, que entre elles servia de moeda, e a que chamavam, *muléle*, que significa panno; quando conheceram a moeda de cobre, equivalente a um *muléle*, a chamaram, *mulanbongo* (*mula* sendo abreviatura de *muléle*,) que significa panno, e *nbongo* que significa em geral, moeda, dinheiro”.

<sup>8</sup> No *Diccionario*: “**Mundéle**, adj. pessoa branca. Da-se como origem d’este vocabulo a historia seguinte: Havia n’esta costa uma ave aquatica branca e grande (que talvez fosse garça, que ainda abunda no Bengo, a 3 leguas de Loanda) a qual os naturaes denominavam *Ndéle*. Quando de terra se avistarão as velas brancas do 1º navio que se aproximou de terra dizião os naturaes *mu’ndéle*, como phrase abreviada de *muéne ua ndéle*, elle é *ndéle* (ou a tal ave branca); mas, reconhecendo o seu engano, referião-se aos brancos citando o objecto com que se tinham enganado. E assim se chama hoje em Loanda *mundéle*, não só as pessoas brancas, mas os escravos assim denominão, sem distincção de côr, qualquer pessoa calçada e trajada á europèa. Pl. *mindéle*”.

<sup>9</sup> No *Diccionario*: “**Miletânu**, s.f. moeda de 25 réis. Havia em Angola, antes da introducção e da generalisação da moeda de cobre, o costume gentílico de avaliarem, como se fosse moeda, cada panno de mabélla, ou palha, do tamanho de um covado quadrado, em 5 réis; e sobre tal valor comparativo fazião os negocios. A este panno chamavão *muléle* (pl. *miléle*), pois que ainda hoje tem este termo tal significado. *Tânu*, é o adj. num. cinco. E como a moeda de 25 réis equivale á 5 pannos de 5 réis cada um, chamárão a moeda *miletânu* (*mile* sendo abreviatura de *miléle*), que significa cinco pannos”.

<sup>10</sup> Não está entre as páginas conhecidas do *Diccionario*.

<sup>11</sup> No *Diccionario*: “**Mulambongo**, s.f. moeda de cinco réis. Como os pretos avaliavam em 5 réis os pannos de palha de mabella, que entre elles servia de moeda, e a que chamavam, *muléle*, que significa, panno; quando conheceram a moeda de cobre, equivalente a um *muléle*, a chamaram, *mulanbongo* (*mula* sendo abreviatura de *muléle*,) que significa panno, e *nbongo* que significa em geral, moeda, dinheiro”.

<sup>12</sup> Assim no original.

<sup>13</sup> Na ERRATA: *O hingo muéne hi mu’u giba*.

<sup>14</sup> Assim no original.

<sup>15</sup> Assim no original.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> No original, em lugar de 28.

<sup>18</sup> Assim no original.



<sup>19</sup> No original, em lugar de *plural*.

<sup>20</sup> Na Errata: *Á mu zuel'e muêne*.

<sup>21</sup> Assim no original.

<sup>22</sup> No texto da BNRJ a página está numerada como 57, mas como 47 no exemplar digitalizado da Northwestern University.

<sup>23</sup> Na Errata corrigido para *Uhandala nbigi ia lélu, inga ia cucútu*.

<sup>24</sup> Na Errata corrigida a forma para *henginina*.